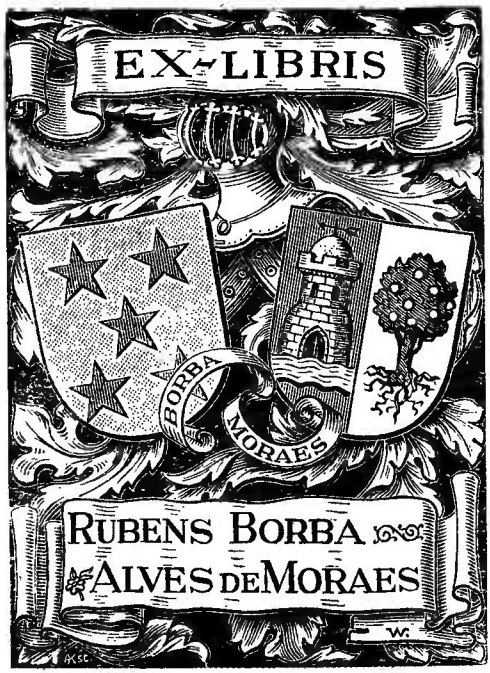
EX
NON
MULTIS
MULTOS


EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

BRASILIA BIBLIOTHECA

DOS MELHORES AUCTORES NACIONAES

ANTIGOS E MODERNOS

SILVA ALVARENGA

II

PARIZ. — TYP. DE S. RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.

OBRAS
POETICAS

DE

MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA

(ALCINDO PALMIRENO)

COLLEGIDAS, ANNOTADAS

E PRECEDIDAS DO JUIZO CRITICO
DOS ESCRIPTORES NACIONAES E ESTRANGEIROS
E DE UMA NOTICIA SOBRE O AUCTOR E SUAS OBRAS

E ACOMPANHADAS

DE DOCUMENTOS HISTORICOS

POR

J. NORBERTO DE SOUZA S.

TOMO SEGUNDO

RIO DE JANEIRO
LIVRARIA DE B. L. GARNIER
RUA DO OUVIDOR, 69
PARIZ, GARNIER IRMÃOS, EDITORES, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6

1864

Todos os direitos de propriedade reservados.

OBRAS POETICAS

DE

M. I. DA SILVA ALVARENGA

Nos versos meus.
Por elles nome e fama
Terei com gloria na futura idade;
Premio que me não arrouba a mão escassa
Do tempo injusto que voando passa.

SILVA ALVARENGA, *Canção.*

O DESERTOR

POEMA HEROI-COMICO

Discit enim citius, meminitque libentius illud,
Quod quis deridet, quam quod probat, ac veneratur.

HORAT. *Epist.*

A imitação da natureza, em que consiste toda a força da poesia, é o meio mas efficaz para mover e deleitar os homens; porque estes tem um innato amor á imitação, harmonia e rhythmo. Aristoteles, que bem tinha estudado a origem das paixões, assim o affirma no cap. IV da *Poet.* Este innato amor foi o que logo ao principio ensinou a imitar o canto das aves : elle depois foi o inventor da flauta, e da poesia como felizmente exprimio Lucrecio no liv. I, v. 1378 :

> At liquidas avium voces imitarier ore
> Ante fuit multo, quam lævia carmina cantu
> Concelebrare homines possent, auresque juvare.
> Et Zephyri cava per calamorum sibila primum
> Agrestes docuere cavas instare cicutas.

O prazer, que nos causão todas as artes imitadoras, é

a mais segura prova deste principio. Mas assim como o sabio pintor para mover a compaixão não representa um quadro alegre e risonho; tambem o habil poeta deve escolher para a sua imitação acções conducentes ao fim que se propoem : por isso o epico, que pertende inspirar a admiração e o amor da virtude, imita uma acção na qual possão apparecer brilhantes o valor, a piedade, a constancia, a prudencia, o amor da patria, a veneração dos principes, o respeito das leis e os sentimentos da humanidade. O tragico, que por meio do terror e da compaixão deseja purgar o que ha de mais violento em as nossas paixões, escolhe acção, onde possa ver-se o horror do crime acompanhado da infamia, do temor, do remorso, da desesperação e do castigo : em quanto o comico acha nas acções vulgares um dilatado campo á irrisão, com que reprehende os vicios.

Qual d'estas imitações consegue mais depressa o seu fim, é difficil o julgar; sendo tão differentes os caracteres, como as inclinações; mas quasi sempre o coração humano regido pelas leis do sou amor proprio, é mais facil em ouvir a censura dos vicios, do que o louvor das virtudes alheas.

O poema chamado heroi-comico, porque abraça ao mesmo tempo uma e outra especie de poesia, é a imitação de uma acção comica heroicamente tractada. Este poema pareceo monstruoso aos criticos mais escrupulosos; porque se não póde (dizem elles) assignar o seu verdadeiro caracter. Isto é mais uma nota pueril, do que bem fundada critica; pois a mistura do heroico, e do comico não involve a contradição, que se acha na tragi-

comedia, onde o terror e o riso mutuamente se destroem.

Não obsta a autoridade de Platão referida por muitos, porque quando este filosofo no Dialogo 3 de sua *Republica* parece dizer que são incompativeis duas diversas imitações, falla expressamente dos autores tragicos e comicos, que já mais serão perfeitos em ambas.

Esta poesia não foi desconhecida dos antigos. Homero daria mais de um modelo digno da sua mão, se o tempo, que respeitou a *Batrachomyomachia*, deixasse chegar a nós o seu Margites, de que falla Aristoteles no cap. IV da *Poet.* dizendo que este poema tinha com a comedia a mesma relação, que a *Iliada* com a tragedia. O *Culex*, ou seja de Virgilio, ou de outro qualquer, não contribue pouco para confirmar a sua antiguidade.

Muitos são os poemas heroi-comicos modernos. A *Secchia rapita* de Tassoni é para os Italianos o mesmo que *o Lutrin* de Boileau para os Francezes, e *o Hudibraz* de Butler, e *o Rape of the lock* de Pope para os Inglezes.

Uns sugeitárão o poema heroi-comico a todos os preceitos da epopea, e quizerão que só differisse pelo comico da acção, e misturárão o ridiculo, e o sublime de tal sorte, que servindo um de realce a outro, fizerão apparecer novas bellezas em ambos os generos. Outros omittindo, ou talvez desprezando algumas regras, abrirão novos caminhos á sua engenhosa fantasia, e mostrárão disfarçada com innocentes graciosidades a critica mais insinuante, como M. Gresset no seu *Vert-Vert*.

Não faltou quem tractasse comicamente uma acção heroica; mas esta imitação não foi tambem recebida,

ainda que a parodia da *Eneida* de Scarron possa servir de modelo.

É desnecessario trazer á memoria a autoridade e o successo de tão illustres poetas para justificar o poema heroi-comico, quando não ha quem duvide, que elle, porque imita, move e deleita : e porque mostra ridiculo o vicio, e amavel a virtude, consegue o fim da verdadeira poesia.

Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci.

HORAT. *Poet.*. v. 342.

O DESERTOR

POEMA HEROI-COMICO

1.

CANTO I

Musas, cantai o desertor das lettras,
Que, depois dos estragos da ignorancia (1),
Por longos e durissimos trabalhos
Conduzio sempre firme os companheiros
Desde o loiro Mondego, aos patrios montes:
Em vão se oppoem as luzes da verdade
Ao fim, que já na idéa tem proposto:
E em vão do tio as iras o ameação.

E tu, que á sombra d'uma mão benigna,
Genio da Lusitania, no teu seio

De novo alentas as amaveis artes;
Se ao surgir do lethargo vergonhoso
Não receas pisar da gloria a estrada,
Dirige o meu batel, que as velas solta,
O porto deixa, e rompe os vastos mares
De perigosas Syrtes povoados.

Quaes serião as causas, quaes os meios
Porque Gonçalo renuncia os livros?
Os conselhos e industrias da ignorancia
O fizerão curvar ao peso enorme
De tão difficil e arriscada empreza.
E tanto póde a rustica progenie! (2)

A vós, por quem a patria altiva enlaça
Entre as pennas vermelhas e amarellas
Honrosas palmas e sagrados louros,
Firme columna, escudo impenetravel
Aos assaltos do abuso e da ignorancia,
A vós pertence o proteger meus versos.
Consenti que elles voem sem receio
Vaidosos de levar o vosso nome
Aos apartados climas, onde chegão
Os écos immortaes da lusa gloria.

Já o invicto marquez (3) com regia pompa

Da risonha cidade avista os muros.
Já toca a larga ponte em aureo coche.
Alli junta a brilhante infantaria;
Ao rouco som de musica guerreira
Troveja por espaços : a justiça
Fecunda mãi da paz e da abundancia
Vem a seu lado : as filhas da memoria
Digna immortal corôa lhe offerecem,
Premio de seus trabalhos : as sciencias
Tornão com elle aos ares do Mondego;
E a verdade entre jubilos o aclama
Restaurador do seu imperio antigo.
Brilhante luz, paterna liberdade,
Vós, que fostes n'um dia sepultadas
Co' o bravo rei (4) nos campos de Marrócos,
Quando traidoras, impias maõs o armárão
Victima illustre de ambição alhêa,
Tomae, tornae a nós. Da regia stirpe
Renasce o vingador da antiga affronta (5).
Assim o novo Scipião crescia (6)
Para terror da barbara Carthago.
Possão meus olhos ver o ismaelita (7)
Nadar em sangue, e pállido de susto
Fugir da morte e mendigar cadêas;
E amontoando luas sobre alfanges
Formar degráos ao throno lusitano.

Dissiparão-se as trevas horrorosas,
Que os bellos horizontes assombravão,
E a suspirada luz nos apparece.
Tal depois que raivoso e sibillante
Sobre o carro da noite o euro açoita (8)
Os tardios cavallos de Boótes (9),
E insulta as terras e revolve os mares,
Raia a manhã serena entre douradas
E brancas nuvens : ri-se o céo e a terra ;
O vento dorme e as horas vigilantes
Abrem ao claro sol a azul campanha.

A soberba ignorancia em tanto observa,
E se confunde ao ver o proprio throno
Abalar-se e cahir : o seu ruido
Redobra os ecos nos oppostos valles
E o Mondego feliz ao mar undoso
Leva alegre a noticia, porque chegue
Das suas praias aos confins da terra.
Ella abatida e só não acha abrigo,
E d'esta sorte em seu temor suspira :

« Verei eu sepultar-se entre ruinas
O meu reino, o meu nome e a minha gloria,
Depois de ser temida e respeitada?
Pobre resto de miseros vassallos

Não ha mais que esperar. Já fui rainha:
Já fostes venturosos: não sofframos
As injurias, que o vulgo nos prepara:
Injurias mais crueis do que a desgraça.
Deixemos para sempre estes terriveis
Climas de mágoa, susto, horror e estrago.
Mostrai-me algum lugar desconhecido,
Onde occulta repouse, até que possa
Tomar de quem me offende alta vingança.
Mas onde, se um prelado formidavel (10)
Esse Argos (11), que me assusta, vigilante
Ao lugar mais remoto estende a vista?
Monstros do cego abysmo, em meu soccorro
Empenhae o poder do vosso braço;
Que se entre os homens me faltar asylo,
Ao triste, vão dos asperos rochedos,
Onde o Tenaro (12) escuro e cavernoso
Da morada sombria as portas abre,
Irei chorar meus dias sem ventura:
Irei... »

Assim fallando misturava
Gemidos e soluços, que suffocão
Dentro do peito a voz, e humedecia
Co' pranto amargo a face descorada.
Mas logo, serenando o rosto afflicto,

Corre por entre sustos e esperanças
Ao caro abrigo do fiel Gonçalo.
A sonolenta, a pigra ociosidade
Por esta vez deixou de acompanha-la :
E a languida preguiça forcejando
Póde apenas segui-la com os olhos.

Toma a fórma d'um célebre antiquario
Sebastianista accerrimo, incançavel,
Libertino com capa de devoto.
Tem macilento o rosto, os olhos vivos,
Pesado o ventre, o passo vagaroso :
Nunca trajou á moda : uma casaca
Da côr da noite o veste, e traz pendentes
Largos canhões do tempo dos Affonsos.
Dizem que o tempo da mais bella idade
Consagrou ás questões do Peripáto.
Já vio passar dez lustros e experiente
Sabe enredos urdir e por-se em salvo.
Entra por toda a parte, e em toda a parte
É conhecido o nome de Tiburcio.

Gonçalo, que foi sempre desejoso
Da mais bella instrucção, lia e relia
Ora os longos acasos de *Rozaura* (13),
Ora as tristes desgraças de *Florinda*,

E sempre se detinha com mais gosto
Na cova Tristifea, e na passagem
Da perigosa ponte de Mantible.
Repetia de cór de Albano as queixas
Chamando a Damiana injusta, ingrata;
Quando Tiburcio apaixonado e triste
Ralhando entrou:

« — Que esperas tu dos livros?
Crês que ainda appareção grandes homens
Por estas invenções, com que se apartão
Da profunda sciencia dos antigos?
Morrerão as *postillas* e os *cadernos;*
Cahio de todo a *ponte* (14), e se acabarão
As *distincções*, que tudo defendião,
E o *ergo*, que fará saudade a muitos?
N'outro tempo dos sabios era a lingua
Fórma e mais *fórma:* tudo em fim se acaba,
Ou se muda em peor. Que alegres dias
Não forão os de maio, quando a estrada
Se enchia de arrieiros e estudantes!
O' tempo alegre e bemaventurado!
Que facil era então o azul capello
Adornado de franjas e alamares,
O rico anel e fluctuante borla,
Honra e fortuna, que chegava a todos!

Hoje é grande a carreira, e serão raros
Os que se atrevão a tocar a méta :
A' Gonçalo! Gonçalo! que mais vale,
Tirar co'a propria mão no fertil Souto
Molles castanhas do espinhoso ouriço!
Quanto é doce ao voltar da primavera
O' saboroso mel no louro favo!
O' alegre e famosa Mioselha
Fertil em queijos, fertil em tramoços!
Só lá de romaría em romaría
Podes viver feliz e descançado :
Quem te obriga a levar sobre os teus hombros
O desmedido pezo, que te espera?
Não tenhas do bom tio algum receio:
Comigo irás : bem sabes quanto posso.
Se te envergonhas de ser só, descança;
Fiel parente, amigo inseparavel
Eu farei que abraçando o mesmo exemplo
Muitos se apressem a seguir teus passos. »

Assim fallava : quando um ar de riso
Appareçeo no rosto de Gonçalo.
Tudo o que se deseja se acredita:
Nem ha quem o seu gosto desaprove.
Elle porque já traz no pensamento
Poupar-se dos estudos á fadiga

Não vacilla na escolha e se aproveita
Da feliz occasião, que lhe assegura
O meditado fim de seus desejos.

Convocão-se os heróes, e deliberão
Em pleno consistorio, onde Gonçalo
Silencio pede e assim a todos falla :

« — Heróes, a quem uma alma livre anima,
Que desprezando as artes e as sciencias,
Ides buscar da patria no regaço
Longe de sugeição e da fadiga
Doce descanço, amavel liberdade :
Se algum de vós, o que eu não creio, ainda
Tem n'alma o vão desejo dos estudos,
Levante o dedo ao alto. »

Uns para os outros
Olharão de repente, e de repente
Rouco e brando sussurro ao ár se espalha :
Qual nos bosques de Tempe (15), ou nas frondos
Margens, que banha o placido Mondego,
Costuma ouvir-se o zefiro suave,
Quando menêa os alamos sombrios.
Nemum alçou a mão, e a ignorancia
Pareceo consolar-se, imaginando

Sonhadas glorias de futuro imperio.

Dispoem-se a companhia, e se aparelha
Para partir antes que o sol desate
Sobre a terra orvalhada as tranças d'ouro.
Tiburcio tudo aprompta. Mas janeiro,
Loquaz, traidor, domestico inimigo,
Vôa de casa em casa publicando
Da forte esquadra a proxima partida.

Guiomar, velha que ha muito que insensivel
A's delicias do amor, afferrolhando
Emmagrece nos miseros cuidados
Da faminta ambição, e é na cidade
Uma ave de rapina, que entre as unhas
Leva tudo o que encontra aos ermos cumes
Da escalvada montanha, onde a festejão
Co' a boca aberta os ávidos filhinhos :
Triste agora e infeliz ouve e se assusta
Das noticias crueis, que o moço espalha :

« O' ama desgraçada! O' dia infausto!
Agora que esperava mais socego
Principião de novo os meus trabalhos!

« Estas e outras palavras arrancava

Do peito descontente, em quanto a filha
Amorosa e sagaz estuda os meios,
Com que possa deter o ingrato amante :
Faz ajuntar de partes mil á pressa
Cordões e aneis e a pedra reluzente,
Que os olhos desafia; os seus cabellos,
Que desconhecem o toucado, empasta
Co' a cheirosa pomada : a mãi se lembra
Da propria mocidade, e lhe vai pondo
Com a tremula mão vermelhas fitas.
Simples noiva da aldêa, que ao mover-se
Teme perder o desusado adorno,
Nunca formou mais vagarosa os passos.
Narciza chega entre raivosa e triste,
E fingindo esquecer-se da mantilha
Para mostrar-se irada, d'esta sorte
Em alta voz lhe falla.

« Será certo
Que pertendes fugir, e que me deixas
Infeliz, enganada e descontente?
Assim faltas cruel, pérfido, ingrato
D'um longo amor aos ternos juramentos?
Não disseste mil vezes... mas que importa
Que os meus males recorde? em fim perjuro
As tuas vãas promessas me enganarão.

Justiça pedirei ao céo e ao mundo :
O mundo tem prizões o céo tem raios. »

Fallava; e o heróe que arrasta ainda
D'um incommodo amor os duros ferros
Parece vacillar; quando Tiburcio
Dá conselhos a um, a outro ameaça
Pondo irados os olhos em Narciza.
Diz-lhe que em vão suspira, que em vão chora
E que sempre tiverão as mulheres
Para enganar aos miseros amantes
As lagrimas no rosto, o riso na alma.
Gonçalo então, que o seu dever conhece,
Dá provas de valor e de prudencia.

« Ouve, Narciza bella, lhe dizia,
Serena a tua dôr, e os teus queixumes :
O teu pranto me move, injusto pranto,
Que o meu constante amor de ingrato accusa!
Socega : a nova herança d'um morgado
É quem me chama, a ausencia será breve.
Tempo depois virá, que em doces laços
Eterno amor as nossas almas prenda,
E então farás tibornas (16) e magustos (17).
Nem sempre cobre o mar a longa praia :
Nem sempre o vento com furor raivoso

Do robusto pinheiro o tronco açoita. »

Acaba de fallar, e lhe offerece
A leve bolsa, que Narciza acceita
Como penhor sincero de amizade,
Bolsa, que deve ser na dura ausencia
Breve consolação de tristes mágoas.

O experto amigo, que se mostra em tudo
Companheiro fiel, com os olhos tristes,
Pondera os longos e asperos caminhos :
Lembra funestas noites de estalagem,
E adverte em vão, que ao menos por cautella
Deve fazer-lhe a bolsa companhia.
Deixando em fim inuteis argumentos
Remette a decisão ao proprio braço.
Não se esquecem das unhas, nem dos dentes
Armas, que a todos deo a natureza.
Ouvem-se pela casa em som confuso
As troncadas injurias e os queixumes.
Assim dois cães, se o hospede imprudente
Lança da meza os ossos esburgados,
Promptos avanção ; d'uma e d'outra parte
Se vê firme o valor : mordem-se e rosnão ;
Mas não cessa a contenda. Amigo e amante
Que farias Gonçalo em tanto aperto?

Concorre a plebe e o fervido tumulto
Vai pelas negras furias conduzido
Despertando nos peitos a desordem.
Ninguem sabe porque, mas todos gritão.
Já voão as cadeiras pelos ares :
Pedras e páos de longe se arremeção.
E se a candida paz com rosto alegre
Serenou as desgraças d'este dia,
Os teus dentes, intrepido Gonçalo,
Viste voar em negro sangue envoltos.
Torna alegre Narciza, e cinco vezes
Abrio a bolsa, e numerou a prata :
Fez diversas porções, que n'um momento
Tornou a confundir : não d'outra sorte
O menino impaciente e cubiçoso,
Quando alcança o que ha muito lhe negavão,
Repara, volta, move, ajunta, espalha,
E n'este giro o seu prazer sustenta.

Em tanto a mãi, que já por experiencia
Os enganos conhece mais occultos,
Busca novos pretextos de vingança
Fingindo torpes e horrorosos crimes,
E espera ouvir gemer em poucas horas
O mancebo infeliz em prizão dura.
Mas Rodrigo, que ouvio o rumor vago

A' pressa chega e d'esta sorte falla.

« — Que desgraça te esperão! foge, foge,
Gonçalo em quanto ha tempo : gente armada
Vem logo contra ti. Guiomar convoca
Todo o poder do mundo! Um só momento
Não percas, caro amigo; os companheiros
Com alvoroço esperão. Ah deixemos,
Deixemos d'uma vez estas paredes,
Onde co' proprio sangue escripta deixas
De teu tragico amor a breve historia.
É já outro o Mondego : a liberdade
D'estes campos fugio, e só ficarão
A dura sugeição e o triste estudo.

« Em fim hei de apartar-me d'esta sorte?
O' sempre tristes, sempre amargos sejão
Os teus ultimos dias, velha infame.
Gonçalo assim chorando, monta e parte. »

CANTO II

Com largo passo longe do Mondego
Alegre a forte gente caminhava.

Gonçalo excede a todos na estatura,
Na força, no valor e na destreza.
Sobre um magro jumento se escarrancha
Tiburcio, e já d'um ramo de salgueiro
Desata ao norte fresco, que assobîa,
Por vistoso estandarte um lenço pardo.
Cosme infeliz e sempre namorado
Sem ser correspondido, vai saudoso;

Ama e não sabe a quem : vive penando,
E se consola só porque imagina
Que tem de conseguir melhor ventura.
Rodrigo, que de todos desconfia,
É de indole grosseira e genio bruto,
Não conhece os perigos, nem os teme :
Melancolico sempre, vai por gosto
Viver na choça, aonde foi creado.
Qual o tatú, que o destro Americano (18)
Vivo prendeo e em vão depois se cança
Por faze-lo domestico, que sempre
Temeroso nas conchas se recolhe
E parece fugir á luz do dia.
Tambem vinha Bertoido, e traz comsigo
Carunchosos papeis por onde affirma
Vir do septimo rei dos Longobardos (19).
Grita contra as riquezas ; a fortuna,
Segundo o que elle diz, não muda o sangue :
Piza com força o chão, e empavezado
De acções, que elle não póde chamar suas,
Aos outros trata com feroz desprezo.
Iracundo Gaspar, que te enfureces
No jogo e quando perdes não duvidas
Metter a mão á ferrugenta espada,
Tu não ficaste : as noites sobre os livros
Não queres supportar, porque não temes

Da já viuva mãi as froxas iras.
Nem tu Alberto alegre, e desejado
Nas vistosas funções das romarias,
Que és vivo, prompto e agil, e nos bailes
Tens fama de engraçado, e gargantêas
Co'a a viola na mão trocando as pernas.
Os que aprendem o nome dos auctores,
Os que lêm só o prologo dos livros,
E aquelles, cujo somno não perturba
O concavo metal, que as horas conta,
Seguirão as bandeiras da ignorancia
Nos incriveis trabalhos d'esta empreza.

O sol já sobre os campos de Amphitrite
Inclina o carro, e as nuvens carregadas
Importunos chuveiros ameação;
Quando a velha estalagem os recebe.

Meza de tosco pinho se povôa
De negras azeitonas, e salgado
Queijo que estima a gente que mais bebe.
D'um lado e d'outro lado se levantão
Picheis e copos, em que o vinho abunda.
Corrião para aqui desafiados
Rodrigo o triste, e o glotão Tiburcio.
Este instante fatal é que decide

Da dubia sorte dos heróes cobrindo
Um de eterna vergonha, outro de gloria.

A feia noite, que aborrece as luzes,
Desce dos altos montes com mais pressa
Por ver este combate, e affugentada
Pela sombria luz d'uma candêa
De longe observa o novo desafio.
Um e outro occupando as mãos e a boca
Avidamente a devorar começa.
Assim esse animal grosseiro e pingue,
Que de alpestres bolótas se sustenta,
A' pressa come, e tendo uma nos dentes,
N'outra tem o desejo e n'outra a vista.
Rodrigo quasi certo da victoria
Co' as mãos ambas levanta um grande cópo,
Cópo digno de Alcides, e á saude
De todos os famosos desertores
De uma vez o esgotou: então Tiburcio
Cheio de nobre ardor, fechando os olhos
Toma um largo pichel e assim lhe falla:

« Vasilha da minha alma, tu que guardas
A alegria dos homens no teu seio,
E tu filho da cêpa generoso,
Se estimas e recebes os meus votos,

Derrama sobre mim os teus encantos! »

Já tinha dito muito : e em quanto bebe
Voa a cega discordia, que se nutre
De sangue e de vingança, e sobre os cópos
Tres vezes sacodio as negras azas.
Vião-se já nos lividos semblantes
A raiva sanguinosa, a má tristeza.
A noite, a quem o acaso favorece,
Estende a fusca mão e a luz abafa.
Veloz passa o furor de peito em peito,
Perturba os corações e inspira o odio.

Só tu Gonçalo descrever podéras
Os terriveis estragos d'esta noite,
Tu, que posto debaixo d'uma banca,
Por não manchar as mãos no sangue amigo,
Sentiste pela casa e pelos ares
Rolar os pratos e tinir os cópos.
Range os dentes Gaspar, e pelo escuro
Não acerta co' a espada, nem co' a porta :
Quando Ambrosio, que tinha envelhecido
Da estalagem na misera officina
Co' a candêa na mão assim fallava :

« É crivel, que entre vós já mais se encontre

Um genio docil, serio e moderado?
Isto deveis ás letras? respondei-me,
Ou insultai tambem os meus cabellos
Da triste e longa idade embranquecidos.
Julgais acaso, que o saber se infunde
Deixando o vosso nome assignalado
Pelos muros e portas da estalagem?
O' nescia mocidade! É necessario
Muito tempo soffrer, gastando a vista
Na continua lição e sobre os livros
Passar do frio inverno as longas noites.
E quando já tivesseis conseguido
De tão bella carreira os dignos premios;
Muito pouco sabeis, se inda vos falta
Essa grande arte de viver no mundo;
Essa, que em todo o estado nos ensina
A ter moderação, honra e prudencia.
Eu tambem já na flor da mocidade
Varrî co' a minha capa o pó da salla:
Eu tambem fui do *rancho da carqueja* (20),
Digno de fama e digno de castigo,
Era então como vós. Já mais os livros
Me deverão cuidado, e me alegrava
Das nocturnas emprezas, dos disturbios:
Os dias se passavão quasi inteiros
Nos jogos, nos passeios, nas intrigas,

Que fomentão os odios e as vinganças.
Por isso estou no seio da miseria :
Por isso arrasto uma infeliz velhice
Sem honra, sem proveito, sem abrigo.
Tempo feliz da alegre mocidade!
Hoje encurvado sobre a sepultura
Eu choro em vão de vos haver perdido! »
Assim suspira, geme e continua :

« Conservai sempre firme na memoria
D'um velho desgraçado o triste exemplo,
E apprendei a ser bons, que a vossa idade
As indignas acções não justifica.
Mas se vós desprezais os meus conselhos,
Nunca gozeis o premio dos estudos :
Afflicções e trabalhos vos opprimão,
Em quanto o mar das Indias vos espera. »

Então Gaspar tomando o caso em brio
Acceso de ira com valor responde,
Traça o capóte, e tira pela espada.
O velho grita e foge : ás suas vozes
De rusticos um povo se enfurece,
E toma as armas e bradando avança.
Qual nos immensos e profundos mares

O voraz tubarão entre o cardume
De argentadas sardinhas : ellas fogem,
Deixão o campo e nada lhe resiste;
Assim Gonçalo, a quem já todos temem,
Faz espalhar a turba, que o rodêa,
E só deixa a quem foge de encontrallo.

Gaspar, que o rosto nunca vio ao medo,
A todos desafia, e não perdoa
D'uma oliveira ao carcomido tronco,
Que elle julga broquel impenetravel,
Vendo estalar da sua espada a folha.

Da noite a densa nevoa os favorece.
Receosos de nova tempestade
Salvão as vidas os heróes fugindo
Por entre o mato espesso. Ouvem ao longe
Da vingativa plebe a voz irada.
A' clara luz das pinhas (21) rezinosas
Apparecem as foices, e apparecem
Chuços, cacheiras, trancas e machados.
Levanta-se o clamor; e a crua guerra,
Que o sangue dos mortaes derrama e bebe,
Gira por toda a parte, e move as armas.
Em tanto a valerosa companhia
Amparada da sombra feia e triste

Voa por longo espaço sobre as azas
Do pallido terror. Não d'outra sorte
Rasos chavécos de piratas mouros,
Quando os écos do bronze fulminante
Vem tremolar as vencedoras quinas
Sobre a possante náo, que opprime os mares,
Fogem á vela e remo, e não descanção
Sem ter beijado as argelinas praias.
Ouvem-se então diversos sentimentos.
Chora Gaspar de se não ter vingado,
E ainda aqui colerico assevéra
Que a não faltar-lhe a espada não fugira.
Espada, que ao romper as linhas d'Elvas (22),
Se dos velhos avós não mente a historia,
Abrio de meio a meio um castelhano.

Teme Bertoldo, que o encontre o povo,
E no meio d'aquella escuridade
Chega-se aos mais com panico receio.
Cosme quasi insensivel aos perigos,
E aos amargos momentos d'esta noite,
Approveita o silencio, o sitio, a hora
Para chorar saudades sem motivo.
Só Gonçalo pensava cuidadoso
Em salvar os afflictos companheiros.
Assim o astuto assolador de Troya (23),

Quando os gregos heróes ouvio cerdosos
Grunhir nos bosques da encantada Circe,
Ou quando vio a detestavel meza (24)
Na vasta cova do Cyclope horrendo.

« Onde estarás, fiel e caro amigo!
Dizia o conductor da stulta gente,
Se tu me faltas como irei metter-me
Nas mãos d'um tio rustico, inflexivel?
Voltarei? mas ó céos! quem me assegura
Que essa velha cruel, nefanda harpîa
Não tenha urdido algum funesto engano?
E se o povo indignado e offendido
Nos vem seguindo e ao surgir da aurora
N'este inculto deserto... Céo piedoso
Longe, longe de nós tão graves damnos. »

Gonçalo assim fallava, e vigilante
Tristes horas passou, até que o dia
Appareceo entre rosadas nuvens
Sobre as altas montanhas do horizonte.

CANTO III

A fama sobre o carro transparente,
Que arrastão ao travez do espaço immenso
O sonoro aquilon e o veloz austro (25),
Cantava o caro nome, a immortal gloria
Do augusto pai do povo. Entre milhares
De acções dignas d'um rei, Europa admira
O soberbo edificio levantado,
Que o saudoso Mondego abraça e adora:
Edificio, que o tempo devorante
Vê de longe, rodêa, teme e foge:

Que sustenta em firmissimas columnas
Da sciencia immortal o regio throno.

Se longe da feroz barbaridade
Os olhos abre a forte Lusitania,
Grande rei, esta acção é toda vossa.

Em tanto a fama heroica vão seguindo
As velozes e incognitas noticias,
Que trazem e que levão os successos
De paiz em paiz, de clima em clima.
Ellas voão em turba, enchendo os ares
Dos eccos dissonantes, a que attendem
Credulas velhas e homens ociosos.
Qual no fertil certão da Ajuruóca (26)
Vaga nuvem de verdes papagaios,
Que encobre a luz do sol e que em seus gritos
É semelhante a um povo amotinado :
Assim vão as noticias, e estas vozes
Pelo campo entre os rusticos semeão :

« Gente inexperta, alegre e sem cuidados,
Fero esquadrão, que os vossos campos tála,
Vem destruindo as terras e os lugares! »

O povo indocil, cego e receoso,

Que as funestas palavras acredita;
Toma os caminhos e os outeiros cobre.
Por onde irás, intrepido Gonçalo,
Que escapes ao furor da plebe armada?
Mas já os desgraçados companheiros
Descião por incognitas varedas
Para o fundo d'um valle cavernoso,
Que o Zêzere (27) veloz lavando insulta
Co' as turvas aguas do gelado inverno.
Ha um lugar nunca dos homens visto,
Na raiz de dous montes sobranceiros.
Suão as frias e musgosas pedras,
Que dos altos cabeços penduradas
Ameação ruina ha tempo immenso.
Já mais do cão (28) feroz o ardor maligno
Desfez a neve eterna destas grutas.
Arvores, que se firmão sobre a rocha,
Famintas de sustento á terra envião
As tortas e longuissimas raizes.
Pendentes caracóes co' a fragil concha
Adornão as abobadas sombrias.
N'este lugar se esconde temerosa
A noite envolta em longo e negro manto
Ao ver do sol os lucidos cavallos:
Funebre, eterno abrigo aos tristes mochos,
A's velhas, ás fatidicas corujas,

Que com medonha voz gemendo augmentão
O rouco som do rio alcantilado.

Rufino por seu mal sempre extremoso,
E sempre escarnecido, suspirando
Aqui se entrega ao pallido ciume,
D'um puro amor ingrata recompensa.
Contão, que n'estas horridas cavernas
De miseras angustias rodeado,
Vinha exhalar os ultimos suspiros
Queixando-se de amor e da fortuna.
Entre os braços do somno repousava
Este infeliz já de chorar cançado;
Quando a inquieta ignorancia, que se afflige,
De ver nestas montanhas escabrosas
Os timidos amigos, em que funda
De novo imperio a unica esperança:
Porque Rufino os acompanhe, e guie
A' pingue e suspirada Mioselha,
Que é de tantos heróes patria famosa,
Finge o rosto da bella Dorothea,
Dorothea a mais nova, a mais humana
De quantas filhas teve o velho Amaro:
Ella a roca na cinta, as mãos no fuso
Em sonhos lhe apparece, e mais coráda,
Que a rosa na manhã da primavera:

A fallar principia :

« Se até agora
Ingrata me mostrei a teus amores,
Se inconstante e perjura me chamaste,
Da-me nomes mais doces, e ouve attento
D'uma alma amante a confissão sincera.
Sempre te amei, e espero ver unidos
Os nossos corações em fortes laços
Do casto amor, que o céo não desaprova.
Mas eu sem nada mais que a lã, que fio,
Tu rico só de affectos e palavras,
Onde iremos que a sordida miseria
Não seja em nossos males companheira?
Vai-te e longe de mim segue a ventura,
Que firme te hei de ser em toda a idade.
Do velho Affonso o triste e pobre filho,
Pela dura madrasta affugentado,
Tambem deixou a suspirada patria,
E veio em poucos annos o mais rico
Dos bens immensos que o Brasil encerra.
Vês tu quanto cresceo, que não cabendo
No paterno cazal, ergue as paredes
Até chegar ao céo, que testemunha
A ditosa união com que elle paga
O firme amor da venturosa Ulina?

Vai pois, Rufino meu, que muitas vezes
Muda-se a terra e muda-se a fortuna. »

Assim fallando os braços lhe offerece.
O' que instante feliz, se amor perverso,
Dos ultimos favores sempre avaro,
Não firmasse esta sombra de ventura
Sobre as azas de um sonho lisonjeiro!
Desperta o triste e desgostoso amante,
E não duvida que a presaga imagem
N'outro lugar thesouros lhe promette.
Futuros bens na idéa se apresentão,
E elle crê possuil-os. O' dos homens
Continuo delirar sem fundamento!
Que bella e facil se nos pinta a posse
D'um incognito bem que desejamos!

Já se ajuntava o esquadrão famoso
Pela mesma ignorancia conduzido,
E Gonçalo primeiro assim fallando,
Os mais em roda todos escutavão :

« Benigno habitador de incultas brenhas,
Se um desgraçado errante e peregrino
Dentro em tua alma a compaixão desperta,
Os meus passos dirige, antes que a fome

Com impia mão nos deixe frio pasto
A's bravas feras, ás famintas aves. »

Fallava ainda : alguns estremecerão,
Outros amargo pranto derramarão.
Da boca de Rufino todos pendem :
Elle os languidos olhos levantando
Já do longo chorar enfraquecidos,
Estas vozes soltou do rouco peito :

« Que fortuna cruel, maligna, incerta
Vos trouxe a penetrar o intacto abrigo
D'estes lugares ermos e escabrosos?
Vós em mim achareis amigo e guia :
Que póde dar alguma vez soccorro
Um desgraçado a outro desgraçado.
Duros casos de amor me conduzirão
A acabar n'esta gruta os tristes dias;
Mas hoje volto por feliz presagio
A tentar n'outra parte a desventura. »

Acaba de fallar movendo os passos
Pelo torcido vão das nuas pedras.
Todos os seguem com trabalho immenso.

Depois que largo tempo caminharão

Por asperas montanhas, apparecem
Ao longe a estrada e o lugar visinho.
Qual a náo soffredora das tormentas,
Que, depois de tocar o porto amigo,
Sente fugir-lhe as arenosas praias,
E dos horridos ventos açoitada
Volta a luctar c'o pelago profundo :
Assim Gonçalo, quando ver espera
Tranquillo fim de miseros trabalhos,
O povo cerca e dos confusos gritos
As montanhas ao longe retumbarão.
Vós ó musas, dizei como a discordia
Com o negro tição que accende os peitos,
Mostra o rosto de sangue e pó coberto,
Seguindo os passos do homicida Marte.
Aqui não apparecem refulgentes
Escudos d'aço e bronze triplicado :
Não assombrão a testa dos guerreiros
Fluctuantes penachos, que ameação,
Como tu viste, ó Troya, ante os teus muros;
Mas o valor intrepido apparece
A peito descoberto. O povo armado
De choupas, longos páos e curvas fouces,
É semelhante a um bosque de pinheiros,
Que o fogo devorou, deixando nuas
As elevadas pontas. Animoso

Dispoem Gonçalo a forma de batalha
Posto na frente : á sua voz a um tempo
Todos avanção, todos se aproveitão
Das perigosas e terriveis armas,
Que o terreno offerece em larga copia.
Vôa a cega desordem e apparece
No meio do combate. Por um lado
Gaspar se oppoem arremeçando pedras
Com força tal que atroão os ouvidos.
Gonçalo d'outra parte invicto e forte
Abre co' ferro agudo amplo caminho.
Já pendia a balança da victoria
Contra a timida gente que se espalha ;
Quando chega atrevido Braz o forte.
Gigante Ferrabraz lhe chama o povo
Pela enorme estatura e força incrivel.
Ergue a pezada maça sem trabalho,
Qual nos montes de Lerne (29) o fero Alcides :
Gonçalo evita a morte com destreza :
Elle renova os formidaveis golpes ;
Mas o irado mancebo ao desviar-se
Tropeça e cahe. Neste arriscado instante
Serias morto, intrepido Gonçalo,
Se Gaspar c' um rochedo aspero e rombo
Não atalhasse do inimigo a furia,
Quebrando-lhe com golpe repentino

Ambas as canas do direito braço.
Rangem os ossos, e a terrivel maça
Cahindo sobre a terra ao longe sôa.
Torna a ajuntar-se a fugitiva plebe,
E o prudente Gonçalo, que deseja
Mostrar o seu valor n'outros perigos,
Finge-se morto; a turba irada o pisa,
Mas elle não se move. Contra todos
Então Gaspar em colera se accende:
Ameaça, derriba, atáca e fere;
Até que já sem fôrças, rodeado
Vê de seus companheiros os opprobrios.

Sôa nas costas dos heróes valentes
O duro azambujeiro, e são levados
Ao som terrivel de insultantes gritos
Para a escura prizão, que os esperava.
Gonçalo, o bom Gonçalo as mãos atadas,
Os olhos para o chão, porque era terno,
Não refreou o compassivo pranto.
A par delle Bertoldo em vão lamenta
A falta de respeito, que devia
Rustica plebe ao neto de Alarico (30).
Com vagaroso passo todos marchão,
Como as ovelhas por caminho estreito.
Tal depois da ruina de um quilombo (31)

Vem a indomita plebe da Ethiopia,
Quando rico dos louros da victoria
O velho Chagas (32), sempre valeroso,
Cobre o fuzil da pelle da guariba (33),
E forra o largo peito c'os despojos
Da malhada panthéra (34), e do escamoso
Jacaré nadador (35), que infesta as aguas.

CANTO IV

Tiburcio, que nas guerras da estalagem
Soube abrandar os inimigos peitos,
Pondo-se como em extasi profundo
Com os olhos no céo e as mãos no peito,
Vem a empenhar a força das intrigas.
Que não farás, intrepida ignorancia,
Por libertar os tristes prisioneiros!

Tem o cuidado das ferradas portas
Amaro vigilante, inexoravel;

Mas credulo e medroso; e tem ouvido
Não sem horror pela calada noite
Grasnar nos ares e mugir nos campos
Feias bruxas e vagos lubisomes.
Com elle o antiquario se acredita
Por um devoto e santo anachoreta,
Que passa os breves dias d'este mundo
Entre os rigores d'uma austera vida.
Amaro, que se fia de apparencias,
Para nutrir o fragil penitente
Vai degolando os patos e as gallinhas.
Em tanto, quem dissera! a propria filha
Innocente era o movel d'este enredo.
Seu nome é Dorothea, e no semblante
Genio se lhe descobre inquieto e leve.
E como estes momentos preciosos
Não se devem perder, depois que a fome
Affugentou do estomago vasio,
Com branda voz em tom de profecia
Humildade affectando assim começa :

« Pois tanta caridade usais comigo,
O Senhor, que reparte os seus thesouros,
Vos encherá de mil prosperidades.
A vossa filha... mas convém que eu cale
Os segredos que o céo me communica :

Inda vereis nascer entre riqueza
Os venturosos netos, doce arrimo
Aos fracos dias da caducaidade. »

O velho então co' as lagrimas nos olhos
Assim fallou :

« O' filho abençoado,
Que pela debil voz já me pareces
Habitador do céo, quanto consolas
As peccadoras cãs que te estão vendo!
Assim talvez seria o meu Leandro,
Se as bexigas em flor o não roubassem!
Dez annos tinha, quando a morte avara
Cortou co' a dura mão seus tenros dias! »

Então suspira e segue passo a passo
A longa enfermidade; e em quanto narra
Apparece Marcella, conhecida
Entre todas as velhas por mais sabia
Em penetrar olhando para os dedos (36)
Tudo quanto já d'antes lhe contarão.
Sobre pequeno páo, a que se encosta,
Ella vem debruçada pouco a pouco,
O semblante enrugado, os olhos fundos,
Contra o nariz opposta a barba aguda :

Os dous ultimos dentes balanceão
C'o pestifero alento que respira.
Em segredo lhe mostra Dorothea
A esquerda mão porque ella decifrasse
As confusas palavras de Tiburcio.
Ella observa e depois de mil tregeitos
Franzindo a testa, arcando as sobrancelhas,
Com voz tremula e fraca assim dizia :

« O' que grande ventura o céo te guarda!
Por esposo terás um cavalheiro
Que te ama e te deseja. Mas ai triste!
Em vão chora infeliz o terno amante
N'essa escura prizão desconhecido
Por casos de fortuna. Criai filhos,
O' desgraçadas mãis, para que um dia
Longe de vós padeção mil trabalhos! »

Aqui suspira a boa velha e chora.
Duas vezes começa, e depois falla :

« O seu nome é Gonçalo : é rico e nobre,
E mancebo gentil, robusto e louro. »

Estas e outras palavras lhe dizia,
E Dorothea já se sente amante,

Excogitando os mais seguros meios
De abrir a porta e dar-lhe a liberdade.

Na molesta prizão o novo engano,
De imperceptivel arte pronto effeito,
Sabe o heróe, e assim comsigo falla :

« O' amigo tão raro como a fenix,
Que podendo deixar-me entre estes ferros,
Vens encher-me de alivios e esperanças! »

Valentes expressões em crespa frase,
Que ao *Alivio de Tristes* (37) rouba a gloria,
Pensando felizmente resuscita
Aquellas hyperbolicas finezas,
Que em seus escritos prodigou Gerardo (38).
N'um pequeno papel como convinha
A triste e desgraçado prisioneiro,
Vio Dorothea as letras amorosas,
Que os ditos confirmarão de Marcella,
E dous grandes presuntos que jazião
Intactos na despensa do bom velho,
Vão levar a reposta accompanhados
Do roxo nectar que dissipa os males.
Mensageira fiel então affirma,
Que virá Dorothea abrir-lhe as portas

Nas horas, em que o placido socego
Dos cançados mortaes os olhos cerra.
Gonçalo espera timido, e confuso
Vem-lhe á memoria o seu antigo affecto;
Qual leve sombra : escuta, arde e deseja
Sentir no coração novas cadeias.

Já com a fria mão a noite escura
Entre o miudo orvalho derramava
Papoilas soporiferas, que inspirão
O brando somno e o doce esquecimento.
Reina o vago silencio que accompanha
De amor furtivo os tragicos transportes;
Gonçalo então, cançada a fantasia
Sobre os meios e os fins de seus projectos,
Pouco a pouco se esquece, e pouco a pouco
Cerra os olhos, boceja, dorme e sonha.
Quando vôa do leito, onde deixava
Nos braços do descanço ao pai da patria
A brilhante verdade, e lhe apparece
N'uma nuvem azul bordada d'ouro.
A deosa occupa ao meio, um lado e outro
A severa justiça, a paz ditosa.

Benignos céos, enchei meus puros votos :
Fazei que esta celeste companhia,

Como do terno avô (39) rodea o throno,
De seu neto (40) immortal orne a coroa!

Gonçalo vio, e pondo as mãos nos olhos
Recea e teme de encarar as luzes.

« Abre os olhos, mortal, assim lhe falla
Do claro céo a preciosa filha,
Abre os olhos, verás como se eleva
Do meu nascente imperio (41) a nova gloria.
Esses muros, que a perfida ignorancia
Infamou temeraria com seus erros,
Cobertos hão de ser em poucos dias
Com eternos signaes de meus triunfos.
Eu sou quem de intricados labyrinthos (42)
Poz em salvo a razão illesa e pura.
Eu abri aos mortaes os meus thesouros (43) :
Fiz chegar aos seus olhos quanto esconde
No seio immenso a fertil natureza (44).
Póde uma destra mão por mim guiada
Descrever o caminho dos planetas :
O mar descobre as causas do seu fluxo :
A terra... mas que digo? Que sciencia
Não fiz tornar ás margens do Mondego,
Ou d'entre os braços da latina gente (45),
Ou dos bellos paizes, cujas praias

O mar azul por toda a parte lava!
Se são firmes por mim o estado, a igreja,
Se é no seio da paz feliz o povo,
Dizei-o vós, ó ninfas do Parnaso.
Illustres, immortaes, vós que dictastes
As poderosas leis a vez primeira,
Vós, que ouvistes da lyra de Mercurio
Os uteis meios de alongar a vida.
Eu vejo renascer um povo illustre
Nas armas e nas letras respeitado.
O seu nome vai já de boca em boca
A tocar os limites do universo.
O pacifico rei lhe traz os dias
Dignos de Manoel, dignos de Augusto (46).
E tu em quanto a patria se levanta
Sacodindo os vestidos empoados
Co' a cinza vil de um ocio entorpecido:
Em quanto corre a mocidade alegre
A colher louros ávida de gloria,
Serás o froxo, o estupido, o insensivel?
Sacrificas o nome, a honra, a patria
Aos molles dia de uma vida escura?
Cego errado mortal, vê que te enganas! »

Disse: e cerrada a nuvem luminosa,
Estremece Gonçalo: foge o somno:

Por toda a parte lança incerto a vista,
Busca assustado, mas já nada encontra.
As mesmas impressões em seus sentidos
Vivas imagens pintão, e não sabe
Se então dormia ou se inda agora sonha.
Sente a suave força da verdade;
Mas recusa abraça-la. Triste sorte
D'alma infeliz que ao erro se acostuma!

Em tanto sem receio o velho dorme,
E a filha vem as sombras apalpando
Com as chaves na mão : e quantas vezes
Segue, vacilla, pára e lhe parece
Ouvir a voz do pai : escuta e treme;
Move os passos, tropeça, e ao ruido
Acorda Amaro e grita. Ella se appressa,
E torna a tropeçar. Aqui Tiburcio
Em casos repentinos prompto e destro
Em um lançol se embrulha, e corre ao leito,
Onde jazia o velho espavorido,
Que cuida que vê bruxas e fantasmas :
Então lhe diz em tom medonho :

« O' filho,
Ingrato filho, que de um pai te esqueces :
Que mal, que mal cumpriste os meus legados?
Hoje comigo irás... »

Ao velho o medo
Corre as medullas dos cançados ossos ;
A voz lhe falta, eriça-se o cabello.
Em tanto as portas Dorothea abrindo,
Amor a fez intrepida, abraçava
O promettido esposo : elle se apressa,
Acorda os miserandos companheiros,
Que se alegrão deixando solitarias
As vagas sombras da prizão funesta.
Passa o resto da noite entre temores
Amaro, quanto póde o prejuizo!

Apenas matizava a branca aurora
Da tyria côr o veo açafroado,
Quando o velho ao travez da luz escassa
Vio abertas as portas.

« Dorothea,
Dorothea, onde estás? »

Assim clamava,
E entregue á sua dôr consulta os olhos
Do profeta, que prompto a por-se em marcha
Com rosto de candura e de innocencia
Brandamente o consola :

« O céo, amigo,

Tudo faz por melhor, e muitas vezes
Com trabalhos crueis aos bons afflige. »

Disse e deixando ao pai desconsolado,
Caminha na esperança de encontrar-se
C'o o valente esquadrão dos fugitivos.

O sol já com seus raios luminosos
Tinha roubado ás folhas dos arbustos
O frio gélo do nocturno orvalho.
Eis á sombra de funebre arvoredo
Rufino o melancolico chorando :

« Quem és, que em tua mágoa inconsolavel
Pareces abalar estas montanhas? »

Compassivo pergunta o antiquario,
E depois de chorar por largo tempo,
Estas vozes o triste lhe tornava.

« Eu sou aquelle amante sem ventura,
Sempre estremoso e sempre escarnecido,
Soffredor das ingratas esquivanças,
Que vi, ai dura vista! face a face
Do tardo desengano o feio rosto.
A' Dorothea, um sonho lisonjeiro

Meus dias dilatou para que agora
Te visse em outros braços, insultando
O meu fiel amor? O' noite infausta,
Noite terrivel, noite acerba e dura!
Quanto eu fora feliz, se a tua sombra
Eternamente os olhos me cobrisse!

Tiburcio, que já tudo penetrava,
Do caminho se informa e dos lugares,
Por onde fora a incerta companhia,
Que em tanto risco o seu conselho espera.

Não distante se eleva antigo bosque
Horroroso por fama. já nos tempos,
Em que torrente barbara sahindo (47)
Do seio da Meotis inundava
As provincias d'Europa, aqui se via
Arruinado templo. Os vividoiros
Cyprestes se levantão sobre os pinhos:
Heras e madresilvas enlaçadas
Alli fazem curvar a crespa rama
Dos velhos e infructiferos carrascos.
Tres fontes misturando as puras aguas
Mansamente se envolvem e offerecem
A' vista cubiçosa os alvos seixos,
E os verdes limos que no fundo nascem.

Os amigos fieis aqui se encontrão.
Qual em noite funesta e pavorosa
Perdido caminhante, que recêa
Achar em cada passo um precipicio,
Se acaso a dubia luz divisa ao longe,
A esperança renasce, e de alegria
Sente pular o coração no peito;
Assim o desertor constante e forte,
Ao ver o companheiro que prudente
Sabe evitar e prevenir os males.
Elles se reconhecem e derramão
De alegria e ternura o doce pranto.
O' vinculos do sangue e da amizade!
Menos unidos vio o Lacio antigo
Aos dous Troyanos, que uma cega noite (48),
Espalhando o terror no campo adverso,
Levou ás turvas margens de Achronte.
Gonçalo se retira pelo bosque;
Com elle vai Tiburcio, e mil projectos
Formavão sobre o fim da grande empreza;
E a muito facil e infeliz donzella
Do seu profeta o rosto e a voz conhece,
E pensa e teme de se achar culpada.

Então o amor, que na sonora aljava
Esconde settas de mortal veneno,

E settas d'outro ardor mais grato e puro,
Fazia escolha das terriveis armas,
Para vingar-se da cruel Marfiza :
Marfiza ingrata, perfida, inconstante,
Peito de bronze, a quem a natureza
Não formou para ternos sentimentos.
E por ver se os seus tiros correspondem
Sempre fieis á mão e ao desejo,
Faz no teu peito, ó Dorothea, o alvo,
As forças prova e a destreza ensaia.
Encurva o arco eburneo, solta e vôa
Sequiosa de sangue a ponta aguda
Tincta no Averno. Ao golpe inevitavel
Tremeo o coração, e um vivo lume
Nos olhos apparece : do seu braço
Admira a força amor. Vai outra setta
Ao brando peito incauto e descoberto
Do mancebo infeliz. A vez primeira
Soube de amor o namorado Cosme.
Que violenta paixão póde encobrir-se!
Os olhos fallão : seguem-se as palavras;
E depois o delirio. O tempo é surdo
Aos votos dos amantes. Elles vião
Crescer ditoso em rapidos momentos
De uma nova esperança o bello fructo;
Mas Gonçalo a favor dos arvoredos

Occulto chega, pára e ceva as iras.
Tal póde ver se o rapido Jaguára (49)
Do fertil Ingahy (50) nos vastos campos,
Se tem defronte o cervo temeroso;
Encolhe-se torcendo a hirsuta cauda,
Tenta, vigia, espera e lambe os beiços
Formando o salto sobre a incauta preza.
Cégos amantes, aprendei agora
Os perigos da nimia confiança.
O zeloso Gonçalo enveste : acodem
Os companheiros d'uma e d'outra parte.
Triste ruido! pedras contra pedras
Alli se despedação : ao seu lado
Acha Cosme a Rodrigo, acha Bertoldo.
Em quanto dura o fervido combate,
Dorothea que vê sem uso a espada,
De que o heróe em furia se não lembra,
Que não farás, Amor, tu que transformas
Uma donzella n'um feroz guerreiro!
Desembainha : a morte insaciavel
Lhe afia o gume, e o furor sanguineo
Ergue e dirige o ferro : já pendente
Sobre Gonçalo o golpe, salta e chega
O amigo a tempo de salvar-lhe a vida.
Pelos braços o aperta, e nelles grava
Roxos signaes dos dedos. Em derrota

Correm os tres e o campo desamparão.
O misero, infeliz e novo amante
As negras furias levão, que despertão
No afflicto coração desesperado
Ciume, raiva, amor, odio e vingança.
Assim o invicto domador dos monstros (51),
Quando por mão da credula consorte
Recebeo o vestido envenenado
No sangue infausto do biforme Nesso
Os rochedos e os montes abalava:
Soarão os seus funebres gemidos
Por longo tempo nas ismarias grutas (52).
Valentes e indiscretos vencedores,
Tarde conhecereis, e muito tarde,
Que um amigo ultrajado é perigoso.

Para soltar os opprimidos braços
Dorothea se empenha; mas Tiburcio
Lançando a esquerda mão á ruiva trança
A fez voltar, torcendo-lhe o pescoço,
Ao claro céo a vista ameaçante.
Gaspar o ferro d'entre as mãos lhe arranca:
Este um braço sustenta, outro Gonçalo,
E ella presa e sem forças grita e geme.
Não d'outra sorte o touro da Chamusca (53),
Quando tres cães o cercão atrevidos,

Dois pendem das orelhas e um da cauda;
A cornigera testa em vão sacode;
Contra a terra se arroja a um lado e outro;
E depois que não póde defender-se,
Mugindo exhala a indomita fereza.

CANTO V

Alto concelho aqui se faz, aonde,
Infeliz Dorothea, o teu destino
Cruel e dubio d'um só voto pende.
Dos tres heróes discordão as sentenças.
Um deseja, que fique em liberdade
E do pai ultrajado exposta ás iras :
Inexoravel outro pensa e julga
Que a sua morte deve dar exemplo,
Que encha d'horror as perfidas amantes.
Gonçalo, que era o unico offendido,

Consulta o coração e se enternece.
Mas o ardente ciume, que se alegra
De pintar como crimes horrorosos
Innocentes acções, então lhe mostra
A feia ingratidão e o torpe engano.
A vingança cruel e o vil desprezo
Ainda mais terrivel que a vingança,
Ganhão do coração ambas as portas.
Mimosa Dorothea, e como ficas
C'o ás mãos ligadas a um pinheiro bronco
Sem outra companhia que os teus males!
É este o premio, filhas namoradas,
Este o premio de amor, quando imprudente
Os termos passa que a razão prescreve.
De quando em quando um ai do peito arranca,
Que ao longe os tristes, magoados écos
Desperta e faz sentir os duros troncos;
E espera sem defeza, sorte ingrata!
Que a devorem os lobos carniceiros.
Assim ligada aos asperos rochedos
A filha de Cephêo (54) ao mar lançava
A temerosa vista, e lhe parece
A cada instante ver surgir das ondas
A verde espalda do marinho monstro.

« Sem esposo, sem pai, sem liberdade,

Misera Dorothea, chora e geme.
Ai Marcella cruel, que m'enganaste
Com teus bellos, fantasticos agouros,
Queira o céo que outras lagrimas sem fructo
Mil vezes tresdobradas te consumão
Os encovados olhos! Que inda a morte
A's tuas vozes surda correr deixe
Peiorando em seu curso vagaroso
Os momentos de dôr e de amargura? »

Assim fallava : a leve phantazia
Com as côres mais vivas lhe apresenta
D'escarpados rochedos no alto cume
O palacio da candida innocencia
Cercado de funestos precipicios.
O' morada feliz, onde não torna
Quem uma vez rodou entre as ruinas!
Girão no plano do elevado monte
Cruas dôres, remorsos devorantes,
As tres irmãs a peste, a fome, a guerra,
O pallido receio, o crime, a morte,
As furias e as harpias que s'involvem
No turbilhão dos miseros cuidados.

Então de tantas lagrimas movida
A mãi soberba do propicio acaso,

A mudavel fortuna, e já cançada
De ouvir as tristes queixas de Rufino,
Taes palavras ao filho dirigia :

« Esse amante infeliz, que em vão suspira,
Ache a dita uma vez e enxugue o pranto. »

Acaba de fallar, e ao mesmo tempo
Rufino para o bosque s' encaminha,
E o acaso o conduz por entre as sombras
Da pavorosa noite, que já desce.
A' rouca voz da misera donzella
Palpita o coração : o amor e o susto
Chimericas imagens lhe afigurão ;
Mas elle chega : o proprio crime e o pejo
Cobrem de roxas nuvens o semblante
De Dorothea ao ver-se ainda amada
Por aquelle que foi ha poucas horas
Alvo de seus insultos e desprezos.
A molle vista, as lagrimas em fio,
Que aos corações indomitos abrandão,
Que farião n'um peito namorado?
Tu lhe ensinas c'o fraco rendimento
Os meios de vencer. O' sete vezes
Venturoso Rufino, s' ella um dia
Não quizer renovar os seus triunfos,

E medir a fraqueza do teu peito
Pelo grande poder das suas armas!

Depois de longa e trabalhosa marcha
Cançado de soffrer em fim respira
O desertor, e mostra aos companheiros
Os conhecidos montes. Fuma ao longe
A fertil Mioselha, e pouco a pouco
Os outeiros e as casas apparecem.

Tiburcio, que uma antiga e voraz fome
Soffreo n'estes asperrimos trabalhos,
Com gosto espera de affoga-la em vinho,
E já se appressa alegre e transportado.
Qual o novilho que perdeo nos bosques
A doce vista do rebanho amigo;
E depois de vagar a noite e o dia
Por valles sem caminho, a mãi conhece,
Alegre salta, berra e por momentos
Espera humedecer entre caricias
C'o leite represado a boca ardente.

Mas Cosme, que conserva na memoria
As passadas injurias, por vingar-se,
Ao tio de Gonçalo narra as causas
Da funesta derrota. Determina
Gaspar que os fatigados companheiros

Achem na propria casa um doce abrigo.
De os ver a mãi s' afflige; mas espera,
Que obrigados da fome se retirem.
Leve foi o jantar, mais leve a cêa,
E Tiburcio com pena assim chorava
Os dias, em que fora thesoureiro
D' uma rica e devota confraria.
O' sancta occupação, tu nunca viste
A magra mão da pallida miseria,
Que os fracos membros do mendigo apalpa.
Sem trabalho em teus providos celeiros
A ditosa abundancia se recolhe.
Se torno a possuir-te, quantas vezes
Dos cuidados tenazes e importunos
Levarás a minha alma nas perennes
Purpureas fontes do espremido cacho!

Mostra Gaspar vaidoso a livraria,
Donde o tio doutor sermões tirava.
Máo gosto, que á razão não dás ouvidos,
Vem numerar as obras que dictaste;
Seja a ultima vez, e eu te asseguro
Que não vejas fumar nos teus altares
Do genio portuguez já mais o incenso.

Geme infeliz a carunchosa estante

C'o pezo de indulgentes *Casuistas* (55),
Dianas, *Bonacinas*, *Tamburinos*,
Moias, *Sanches*, *Molinas e Larragas*.
Criminosa moral, que em surdo ataque
Fez nos muros da igreja horrivel brecha;
Moral que tudo encerra e tudo inspira
Menos o puro amor que a Deos se deve.
Apparecei, famosa *Academia*
De humildes e ignorantes, *Eva e Ave*,
Baculo pastoral, *e Flos sanctorum*,
E vos ó *Theoremas predicaveis* (56),
Não tomeis o lugar, que é bem devido
Ao Kees, *ao Bom Ferreira*, *ao Baldo*, *ao Pegas*
Grão mestre de forenses subterfugios.
Aqui Tiburcio vê o amado *Aranha*,
O Reis, o bom *Suppico*, e os dous *Suares* (57):
D' um lado o *Sol nascido no occidente*,
E a *Mystica cidade*, d'outro lado
Cedem ao pó e á roedora traça.
Por cima o *Lavatorio da consciencia*,
Peregrino da America, *os Segredos*
Da natureza, *a Fenix renascida*,
Lenitivos da dôr e os *Olhos de agua* (58):
Por baixo está de *Sam Patricio a cova*:
A *Imperatriz Porcina*, e quantos *Autos*
A miseria escreveo do Limoeiro (59)

Para entreter os cégos e os rapazes.
Rudes montões de gothica escritura
Quanto cheirais aos seculos de barro!
Falta ainda uma estante; mas Amaro
Seguindo os passos da roubada filha
Caminha afflicto e de encontrar receia
O valente esquadrão que procurava.
Tanto a fama das bellicas proezas
O seu nome fazia respeitado!

Que novas desventuras se preparão!
O povo cerca da viuva as portas;
Quando a triste ignorancia, que deseja
Arrancar d'entre os asperos perigos
Aos seus heróes, por boca de Gonçalo
Começou a fallar!

«Se tantas vezes
Mais que heroico valor tendes mostrado,
É este o campo, ide a cortar os louros
Para cingir a vencedora frente.
Não se diga que fostes opprimidos
Por fraca e rude plebe: este combate
Não se póde evitar; só dous caminhos
Em tanto aperto aos olhos se offerecem:
Escolhei ou a India ou a victoria!»

Disse, e depois abrindo uma janella,
Arroja de improviso sobre o povo
De informe barro uma espantosa talha.
Secco trovão que faz gemer os polos
Quando vomitão as pesadas nuvens
Do occulto seio a negra tempestade,
Não causa mais pavor : ao golpe horrendo
Muitos feridos, muitos assombrados
Manchão do negro pó as mãos e o rosto.
Amaro anima aos seus, e em quanto voão
Contra a janella mil pesados seixos,
Que novo estratagema? O antiquario
Finge da capa um vulto, que apparece
De quando em quando, com que attrahe as armas,
Que hão de servir depois para a defeza.

Novo furor os corações accende.
Qual a grossa saraiva ao sopro horrivel
Do Boreas turbulento embravecido
As searas derrota, os troncos despe,
E o triste lavrador contempla e chora
A perdida esperança de seus fructos.
Assim de pedras vaga, e densa nuvem
Sahe da janella a devastar o campo :
As que arroja o heróe já se distinguem
Pelo som entre as mais, já pelo estrago.

A confusão e o susto ao mesmo instante
Pelo povo s' espalha: então Gonçalo
Valeroso sahio por um postigo:
Depois Gaspar; o intrepido Tiburcio
Mettendo o braço e a cabeça clama;
Que o não deixem ficar n'aquelle estado.
O heróe as mãos firmando nas orelhas
Ainda mais o aperta, e deixa exposto
Da plebe ao riso, á colera de Amaro.
Quantas vezes, Tiburcio, desejaste
Não ser de grosso peito e largo ventre!

O desertor em fim cançado chega
A' presença do tio formidavel;
E a teimosa ignorancia, que se afferra,
E que affirma, sómente porque affirma,
O coração de novo lhe endurece.
A soffrer o trabalho dos estudos
O tio o anima, roga e ameaça;
Mas o heróe inflexivel só responde,
Que não ha de mudar do seu projecto.
Não é mais firme a carrancuda rocca,
Com que Cintra (60) soberba enfreia os mares:
Nem tu, ó Pão de Assucar (61), namorado
Da formosa cidade, velho e forte,
Que dás repouso ás nuvens e te avanças

Por defende-la do furor das ondas.

Então fallando, o tio em torpes crimes,
E em furtadas donzellas, ergue irado
Co' a mão inda robusta o páo grosseiro,
E a paixão desabafa : a longa idade
Prohibe-lhe o correr; mas não prohibe
Que o páo com força ao longe o accompanhe.
Ai Gonçalo infeliz, que dura estrella
Maligna scintillou quando nasceste!
Depois de mil trabalhos insoffriveis,
Onde o gosto esperavas e o socego,
Viste nascer estragos e ruinas.
Assim depois dos ultimos combates,
Que as margens do Scamandro ensanguentarão,
O rei potente d'Argos e Mycenas (62)
Esperando abraçar saudoso os lares,
Abraça o ferro de uma mão traidora.
Fechadas tem o experto tio as portas :
Volta Gonçalo, encontra novos golpes,
E jaz em fim por terra. Ferve o sangue
Da boca e dos ouvidos : sem acordo;
Apenas se conhece que inda vive;
Mas tem a gloria de trazer comsigo
A derrotada estupida ignorancia.
Ella reina em seu peito, e se contenta

De ter roubado aos muros de Minerva
De fracos cidadãos o preço inutil.

Goza, monstro orgulhoso, o antigo imperio
Sobre espiritos baixos que te adorão;
Em quanto á vista de um prelado illustre,
Prudente, pio, sabio, justo e firme
Defensor das sciencias, que renascem,
Puras as agoas crystallinas correm
A fecundar os aprazíveis campos.
Brotão as flores e apparecem fructos,
Que hão de encurvar co' proprio pezo os ramos
Nos bellos dias da estação dourada.
Possa a robusta mão, que o sceptro empunha,
Lançar-te n'um lugar tão desabrido,
Que te sejão amaveis os rochedos
Onde os coriscos (63) de continuo chovem.

NOTAS

---

(1) Depois de abolidos os velhos estatutos pela creação da nova universidade.

(2) Virg., *Æn.*, l. I:

> Tantæne animis cœlestibus iræ!

Despréaux no canto I do *Lutrin:*

> Tant de fiel entre-t-il dans l'âme des dévots!

(3) O illustrissimo e excellentissimo senhor marquez de Pombal entrou em Coimbra como plenipotenciario, e lugartenente de Sua Magestade Fidelissima para a creação da universidade em 22 de setembro de 1772.

(4) O senhor rei dom Sebastião ficou em Africa no anno de 1578, e se perdeo com elle a liberdade portugueza, donde nascéraõ as funestas consequencias que até agora se fizerão sentir.

(5) O serenissimo senhor don José, principe herdeiro.

(6) Publio Cornelio Scipião vingou a morte de seu pai e tio destruindo Carthago.

(7) Os Moiros saõ descendentes de Ismael, filho de Agar.

(8) Euro, o vento vulgarmente chamado l'Este. Boötes, constellação na cauda da Ursa, ou a Guarda.

(9) Juvenal., Sat. V, v. 23:

Frigida circumagunt pigri Sarraca Bootæ.

(10) O illustrissimo e excellentissimo senhor bispo de Coimbra, reitor e reformador da universidade.

(11) Pastor de Thessalia, que tinha cem olhos, a quem Juno deo a guardar Io, filha de Inacho, rei dos Argivos.

(12) Promontorio de Licaonia, onde ha uma cova profundissima, que os antigos chamarão a porta do inferno. Virg., *Georg.*, l. IV, v. 467:

Tænarias etiam fauces alta ostia Ditis.

(13) *Carlos e Rozaura*, *Constante Florinda*, e *Carlos Magno* são romances muito conhecidos.

(14) O methodo escolastico. Quem conheceo a logica peripatetica, não ignora qual seja esta ponte.

(15) Lugar de Thessalia célebre pela amenidade dos seus bosques.

(16) Comida feita de pão e azeite novo.

(17) Castanhas assadas e vinho.

(18) Lin., *Syst. nat.*, *Zool.*, edic. 10, t. I, p. 50. *Dasypus.*

(19) Povos de Escandinavia e Pomerania, que se apoderaraõ da parte da Gallia Cisalpina em 568.

(20) Esta companhia de estudantes commetteo muitos crimes, e foi dispersa e castigada.

(21) Costumão os rusticos accender de noite as pinhas.

(22) Gloriosa batalha, que ganhou dom Antonio Luiz de Menezes, excellentissimo conde de Cantanhede, no anno de 1658. A este heróe tambem se deve o triunfo de Montes Claros.

(23) Ulysses, cujos companheiros forão transformados por Circe. Homer., *Odyss.*, l. X, v. 238.

(24) Polyphemo devorou dois Gregos em presença de Ulysses. *Odyss.*, l. IX, v. 289.

(25) Aquilon vento septentrional, e Austro meridional.

(26) Ajuruóca na lingua dos Indios sôa o mesmo que *casa de papagaios*. Este vasto paiz nas minas do Rio das Mortes é abundantissimo destas aves.

(27) Este pequeno e arrebatado rio perde o nome no Tejo, e faz a maior parte ao seu curso por penhascos inacessiveis.

(28) A constellação chamada Canicula.

(29) Lerne, lago de Achaia, onde Hercules matou a hydra.

(30) Alarico, rei dos Godos, que alcançou muitas victorias contra os Romanos no tempo de Honorio.

(31) Fortificação de escravos rebellados, que muitas vezes se fazem temidos pelas suas hostilidades.

(32) Este famoso Indio foi dos que mais se assignalarão nas occasiões de ataques contra os escravos.

(33) Guariba, especie de mono, cuja pelle serve aos viajantes dos certões para livrar o fuzil da humidade, e costu-

mão estes homens forrar-se com a pelle dos animaes que matão. Póde ver-se Buff. no tom. IV, edic. de 4 vol., p. 378. Lin., *Syst. nat. anim.*, ed. 10, tom. I, pag. 26. *Paniscus*, Marcgr., 226.

(34) Lin., *Syst. nat. anim.*, ed. 10, p. 41. *Pardus.*

(35) Crocodilo brasiliense. Marcgr., 242. Lin., *Syst. nat.*, p. 200, *Crocodilus.*

(36) Esta superstição tem tido grande uso, vulgarmente *dizer a buena dicha.*

(37) Romance vulgar.

(38) Gerardo de Escobar fez uma obra que intitulou *Cristaes d'alma*, cheia de ridiculas hyperboles.

(39) O augusto e fidelissimo rei de Portugal.

(40) O serenissimo principe herdeiro.

(41) A Universidade de Coimbra novamente creada.

(42) A filosofia racional sem os enrêdos dos syllogismos peripateticos.

(43) A fysica.

(44) A historia natural.

(45) Os optimos e famosos professores, que el rei fidelissimo attrahio de diversas partes da Europa.

(46) O senhor rei D. Manuel, chamado o Feliz.

(47) A irrupção dos barbaros foi no seculo V.

(48) Niso e Eurialo. Virg.

(49) Maregr., *Hist. Brasil.*, p. 235.

(50) Rio d'America nas Minas do Rio das Mortes.

(51) Hercules, que recebeo de Dejanira o vestido tincto no sangue do centauro Nesso, e agitado das furias se lançou no fogo.

(52) Ismaro, monte de Thracia.

(53) Todos sabem que desta villa são bravissimos os touros.

(54) Andromeda foi exposta a um monstro marinho. Ovid., *Metamorph.*

(55) Póde ver-se o que delles diz Concina, *Appar. ad Theol. christ.*, c. VI, § 5.

(56) Collecção de sermões.

(57) Lusitano e Granatense.

(58) Obra que tem este titulo — Fluxo Preve, desengano perenne, que o Pegaso da Morte abrio no monte da contemplação em nove olhos de agua para refrescar a alma das securas do espirito, etc.

Todas as obras nomeadas neste lugar são conhecidas, e quando o não fossem bastaria ver os titulos para julgar do seu merecimento, e da barbaridade do seculo em que forão escriptos. Talvez não sejão estas as mais extravagantes á vista do *Chrysol Seraphico*, da *Tuba concionatoria*, *Syntagma comparistico*, *Primavera Sagrada*, etc.

(59) A cadeia publica da Corte.

(60) Serra, que acaba na fóz do Tejo com nome do cabo da Rocca.

(61) Grande rochedo na barra da bahia do Rio de Janeiro.

(62) Agamemnon, que voltando do cerco de Troya foi assassinado por Egistho.

(63) Os montes Acroceraunos de Epiro, onde frequentemente cahem raios.

GLAURA

POEMAS EROTICOS DE UM AMERICANO

Carminibus quæro miserarum oblivia rerum :
Præmia si studio consequar ista sat est.

OVID.

Χαίροιτε λοιπὸν ἡμῖν
ἥρωες · ἡ λύρη γὰρ
μόνους Ἔρωτας ᾄδει.

ΑΝΑΚΡΕΩΝ.

« Adeos, ó Heróes ; que em fim
Nas cordas da doce lyra
Só respira o terno amor. »

ANACREONTE.

A ALCINDO PALMERINO

RONDÓ

POR UM AMIGO E COMPATRIOTA

Toma a lyra, Alcindo amado,
Neste prado a Glaura canta;
Ah! levanta a voz divina,
E me ensina a suspirar.

Para ouvir-te o sol ardente
Fresca sombra nos procura:
O regato não murmura,
E a corrente faz parar.

Pelos ramos tortuosos
O silencio enfrêa as aves :
Brandos zefiros suaves
Vem saudosos escutar.

Toma a lyra, Alcindo amado,
Neste prado a Glaura canta;
Ah! levanta a voz divina,
E me ensina a suspirar.

Se no bosque, ou nas montanhas
Ruge a onça d' ira acceza,
Tu lhe podes a fereza,
E as entranhas abrandar.
Doce o som dos teus accentos,
Como o mel que a abelha cria,
Move a tosca penedía,
Onde os ventos vão quebrar.

Toma a lyra, Alcindo amado,
N'este prado a Glaura canta,
Ah! levanta a voz divina,
E me ensina a suspirar.

Aqui junto aos arvoredos
Deixa o palido receio,

E não temas do teu seio
Mil segredos arrancar.
Nestes campos, nestes valles
A calumnia, e o monstro fero...
Mas, ó céos! para que quero
Tristes males recordar.

Toma a lyra, Alcindo amado,
Neste prado a Glaura canta;
Ah! levanta a voz divina,
E me ensina a suspirar.

Inda os olhos mal enxutos
De sentir os teus amores,
Virão candidos pastores
Tenros frutos te offertar.
Virão ninfas da floresta
Loiras, brancas e fermosas;
E traráõ jasmins e rosas
Para a testa te enfeitar.

Toma a lyra, Alcindo amado,
Neste prado a Glaura canta;
Ah! levanta a voz divina,
E me ensina a suspirar.

GLAURA

POEMAS EROTICOS

I

RONDÓS

I

ANACREONTE

De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo;
Pois comigo a doce lyra
Mal respira os sons de amor.

Quando as cordas lhe mudaste,
O' feliz Anacreonte,
Da Meónia viva fonte
Esgotaste o claro humor.
O ruido lisongeiro
Dessas agoas não escuto,
Onde geme dado a Pluto
O grosseiro habitador.

De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo;
Pois comigo a doce lyra
Mal respira os sons de amor.

Neste bosque desgraçado
Mora o odio, e vil se nutre
Magra inveja, negro abutre
Esfaimado e tragador.
Não excita meus affectos
Gnido, Paphos, nem Cythéra:
Vejo a serpe, ouço a panthéra...
Oh que objectos de terror!

De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo;
Pois comigo a doce lyra
Mal respira os sons de amor.

Cruel setta passadora
Me consome pouco a pouco,
E no peito frio e rouco
A alma chora, e cresce a dôr.
Surda morte nestes ares
Enlutada, e triste vejo,
E se entrega o meu desejo
Dos prazeres ao rigor.

De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo;
Pois comigo a doce lyra
Mal respira os sons de amor.

Dos heróes te despediste,
Por quem musa eterna sôa;
Mas de flores na corôa
Inda existe o teu louvor.
De agradar-te sou contente:
Sacro loiro não me inflamma:
Da mangueira (1) a nova rama
Orne a frente do pastor.

De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo;
Pois comigo a doce lyra
Mal respira os sons de amor.

II

A LUZ DO SOL

Luz do sol, quanto és formosa,
Quem te goza não conhece;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.

Quando puro se derrama
Vivo ardor no ameno prado,
Pelas brenhas foge o gado
Verde rama a procurar.
E se o astro luminoso
Deixa tudo em sombra fusca
Triste então o abrigo busca
Vagaroso a ruminar.

Luz do sol, quanto és formosa,
Quem te goza não conhece;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.

Lavrador, que afflicto e velho,
Sobre o campo endurecido,
Ver deseja sobmergido
O vermelho sol no mar.
E se o humido negrume
Tolda os céos, e os valles banha,
Fita os olhos na montanha,
Onde o lume vê raiar.

Luz do sol, quanto és formosa,
Quem te goza não conhece;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.

Pela tarde mais ardente
O pastor estima as grutas,
Onde penhas nunca enxutas
Vê contente gotejar.
E se as trevas no horizonte
Desenrolão negro manto,
Com saudoso e flebil canto
Faz o monte resonar.

Luz do sol, quanto és formosa,
Quem te goza não conhece;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.

Assim Glaura, que inflammada
Perseguio aves ligeiras,
Quer á sombra das mangueiras
Descançada respirar.
Entre risos, entre amores,
Se lhe falta o dia, chora,
E vem cedo a ver a aurora
Sobre as flores orvalhar.

Luz do sol, como és formosa,
Quem te goza não conhece;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.

III

O CAJUEIRO

Cajueiro desgraçado,
A que fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura e sem senhor!

No teu tronco pela tarde,
Quando a luz no céo desmaia,
O novilho a testa ensaia,
Faz alarde do valor.
Para fructos não concorre
Este valle ingrato e secco;
Um se enruga murcho e pêco,
Outro morre ainda em flor.

Cajueiro desgraçado,
A que fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura e sem senhor!

Vês nos outros rama bella,
Que a Pomóna por tributos
Offerece doces fructos
De amarella e rubra côr?
Ser copado, ser florente
Vem da terra preciosa;
Vem da mão industriosa
Do prudente agricultor.

Cajueiro desgraçado,
A que fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura e sem senhor!

Fresco orvalho os mais sustenta
Sem temer o sol activo;
Só ao triste semivivo
Não alenta o doce humor.
Curta folha mal te veste
Na estação do lindo agosto,
E te deixa nú, e exposto
Ao celeste intenso ardor.

Cajueiro desgraçado,
A que fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura,
Sem cultura e sem senhor!

Mas se esteril te arruinas,
Por destino te conservas,
E pendente sobre as hervas
Mudo ensinas ao pastor.
Que a fortuna é quem exalta,
Quem humilha o nobre engenho :
Que não vale humano empenho,
Se lhe falta o seu favor.

Cajueiro desgraçado,
A que fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura e sem senhor!

IV

O POMBO

O meu pombo, a quem amava,
Igualava ao branco arminho:
Do seu ninho, oh desventura!
Que mão dura o foi roubar?

Na manhã clara e serena,
Se o achava dormitando,
O seu somno doce e brando
Tinha pena de turbar.
Que saudade me consome!
Ai de mim! Se me sentia,
O biquinho logo abria
Para a fome saciar.

O meu pombo, a quem amava,
Igualava ao branco arminho :
Do seu ninho, oh desventura!
Que mão dura o foi roubar?

Era manso, era amoroso,
E as caricias conhecendo,
Desejava estremecendo
Ser mimoso em agradar.
O receio já presago
Me dizia na floresta,
Que o tornasse pela sesta
Com affago a visitar.

O meu pombo, a quem amava,
Igualava ao branco arminho :
Do seu ninho, oh desventura!
Que mão dura o foi roubar?

Glaura, oh céos! porque cedeste
A meus rogos? dize agora,
« Pobres dons d' uma pastora
Não quizeste conservar! »
Esta magoa me atormenta,
E não sei como inda vivo;
Pois se busco lenitivo
Mais se augmenta o suspirar.

O meu pombo, a quem amava,
Igualava ao branco arminho :
Do seu ninho, oh desventura!
Que mão dura o foi roubar?

Não me alegra o doce encanto,
Nem affino a curva lyra,
Tudo sente e tudo inspira
O meu pranto, o meu pezar.
O destino por piedade
Me converta em pura fonte,
Porque possa neste monte
A saudade eternizar.

O meu pombo, a quem amava,
Igualava ao branco arminho :
Do seu ninho, oh desventura!
Que mão dura o foi roubar?

V

A SERPENTE

Verde cedro, verde arbusto,
Que o meu susto e prazer vistes,
Vamos tristes na memoria
Essa historia renovar.

Este o valle, é esta a fonte :
Glaura achei aqui dormindo ;
Sonha alegre e se está rindo,
E eu defronte a suspirar.
Junto della pavoroso,
Vi, oh céos! monstro enrolado,
Féro, enorme, atroz, manchado,
E escamoso scintillar.

Verde cedro, verde arbusto,
Que o meu susto e prazer vistes,
Vamos tristes na memoria
Essa historia renovar.

Ardo, e tremo, e louco amante
Mil horrores n'alma pinto :
Vou... receio... ah que me sinto
Vacilante desmaiar.
Vence amor : doce ternura!
Tomo a ninfa nos meus braços :
Elle aperta os novos laços,
E assegura o triunfar.

Verde cedro, verde arbusto,
Que o meu susto e prazer vistes,
Vamos tristes na memoria
Essa gloria renovar.

Em si mesma se embaraça
A serpente enfurecida;
Ergue o collo e atrevida
Ameaça a terra e o ar.
N' uma pedra rude e feia
Já lhe envio a morte affoita;
Já co' a cauda o tronco açoita,
Morde a areia ao espirar.

Verde cedro, verde arbusto,
Que o meu susto e prazer vistes,
Vamos tristes na memoria
Essa historia renovar.

Venturoso e satisfeito,
« — Glaura bella, então dizia,
Vê de amor e de alegria
O meu peito palpitar. »
Ella em mim buscando arrimo,
Cora, e diz inda assustada :
« — Esse puro ardor me agrada,
Eu te estimo e te hei de amar. »

Verde cedro, verde arbusto,
Que o meu susto e prazer vistes,
Vamos tristes na memoria
Essa historia renovar.

VI

A PRAIA

Quem por ti de amor desmaia,
Nesta praia geme e chora;
Vem, pastora, por piedade
A saudade consolar.

Não recreão sempre os montes
Co' as delicias de Amalthea;
Vem, ó Glaura, a ruiva arêa,
Rio e fontes animar.
Ninfa ingrata, não te escondas;
Teme os asperos abrolhos;
E com teus serenos olhos
Vem as ondas acalmar.

Quem por ti de amor desmaia,
Nesta praia geme e chora;
Vem, pastora, por piedade
A saudade consolar.

Mergulhão verás ligeiro,
Como cahe precipitado,
E o peixinho prateado
Leva inteiro a devorar.
Vem, cruel, não te detenhas,
Não me roubes a ventura;
Vem, que já com mais brandura
Estas penhas lava o mar.

Quem por ti de amor desmaia,
Nesta praia geme e chora;
Vem, pastora, por piedade
A saudade consolar.

N'um rochedo vi dois ninhos;
Já são teus esses penhores;
E entre conchas, entre flores
Os pombinhos has de achar.
Murchárão os dons mais bellos
Da suave primavera,
Se não vens, ó dura, ó fera,
Teus cabellos enlaçar.

Quem por ti de amor desmaia,
Nesta praia geme e chora;
Vem, pastora, por piedade
A saudade consolar.

Vem a ver este remanso,
Estas arvores sombrias,
Onde, ai triste! ai longos dias,
Não descanço de esperar!
Se o amar te foi delicto,
E te agrada o meu tormento;
Vem ouvir o meu lamento,
Meu afflicto suspirar.

Quem por ti de amor desmaia,
Nesta praia geme e chora;
Vem, pastora, por piedade
A saudade consolar.

VII

O BEIJAFLOR

Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem se entrega,
Que lhe negá o teu rigor.

Neste bosque alegre e rindo
Sou amante afortunado;
E desejo ser mudado
No mais lindo beijaflor.
Todo o corpo n'um instante
Se atenua, exhala e perde:
É já de oiro, prata e verde
A brilhante e nova côr.

Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.

Vejo as pennas e a figura,
Provo as azas, dando gyros;
Acompanhão-me os suspiros,
E a ternura do pastor.
E n'um vôo feliz ave
Chego intrepido até onde
Riso e perolas esconde
O suave e puro amor.

Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.

Tôco o nectar precioso,
Que a mortaes não se permitte;
É o insulto sem limite,
Mas ditoso o meu ardor;
Já me chamas atrevido,
Já me prendes no regaço:
Não me assusta o terno laço,
É fingido o meu temor.

Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.

Se disfarças os meus erros,
E me soltas por piedade;
Não estimo a liberdade,
Busco os ferros por favor:
Não me julgues innocente,
Nem abrandes meu castigo:
Que sou barbaro inimigo,
Insolente e roubador.

Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em doce calma;
E a minha alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.

VIII

A LEMBRANÇA SAUDOSA

Conservai, musgosas penhas,
Nestas brenhas minha gloria;
E a memoria que inda existe,
Torne um triste a consolar.

Repousavas, Glaura, um dia
Neste leito de verdura,
E esta fonte bella e pura
Mal se ouvia murmurar.
Eu vi zefiro saudoso,
Pelas ninfas conduzido,
Sobre as azas suspendido
Amoroso respirar.

Conservai, musgosas penhas,
Nestas brenhas minha gloria;
E a memoria que inda existe,
Torne um triste a consolar.

Vi mil candidos amores,
E mil risos namorados,
Da mangueira pendurados
Lindas flores desfolhar.
Os hirsutos faunos broncos,
A quem move tal portento,
Reprimindo o tardo alento
Pelos troncos vi trepar.

Conservai, musgosas penhas,
Nestas brenhas minha gloria,
E a memoria que inda existe,
Torne um triste a consolar.

Deo-me o prado florecente
Goivos, murta, roza e lyrio;
Venho, ó ninfa, em meu delirio
Tua frente a coroar.
Sem rumor com susto chego...
Géla o sangue... já não pulsa,
Nem se atreve a mão convulsa
Teu socego a perturbar.

Conservai, musgosas penhas,
Nestas brenhas minha gloria;
E a memoria que inda existe,
Torne um triste a consolar.

De ternura, amor e gosto
Entre o timido embaraço,
Fiquei mudo longo espaço
No teu rosto a contemplar.
Mas as lagrimas podérão
Illudir o meu receio,
E cahindo no teu seio
Te fizerão despertar.

Conservai, musgosas penhas,
Nestas brenhas minha gloria;
E a memoria que inda existe,
Torne um triste a consolar.

IX

O BEIJAFLOR

Beijaflor fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje é triste e desgraçado
O sonhado beijaflor.

Mal toquei, ó Glaura bella
(De prazer eu me confundo),
Nesse cravo rubicundo,
Que ama e zela o mesmo amor.
No teu puro e brando seio
Por castigo me encerravas;
Eu me ria, e tu pensavas
Ver-me cheio de temor!

Beijaflor fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje é triste e desgraçado
O sonhado beijaflor.

Minha voz não entendeste;
E querendo ver-me afflicto,
Por vingança d'um delicto
Me fizeste o bem maior.
A prizão em que me via
Era o templo da ternura,
Onde em braços da ventura
Não temia o teu rigor.

Beijaflor fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje é triste e desgraçado
O sonhado beijaflor.

Alva mão... eu me enterneço!
Tua mão me arranca as pennas;
A servir-te me condenas;
É sem preço o teu favor.
Mas tu foges rigorosa,
E eu não vôo... que martyrio!
Nem procuro o branco lyrio,
Nem da rosa a viva côr.

Beijaflor fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje é triste e desgraçado
O sonhado beijaflor.

Ir comtigo só desejo;
És cruel... cruel me agradas;
Choro as pennas arrancadas,
E em mim vejo o teu pastor.
Ah! que eu morro de saudade,
E te dizem meus gemidos,
Que os prazeres são fingidos,
E é verdade a minha dôr.

Beijaflor fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje é triste e desgraçado
O sonhado beijaflor.

X

O AMANTE INFELIZ

Glaura! Glaura! Não respondes?
E te escondes n'estas brenhas?
Dou ás penhas meu lamento;
O' tormento sem igual!

Ao amor cruel e esquivo
Entreguei minha esperança,
Que me pinta na lembrança
Mais activo o féro mal.
Não verás em peito amante
Coração de mais ternura;
Nem que guarde fé mais pura,
Mais constante e mais leal.

Glaura! Glaura! Não respondes?
E te escondes nestas brenhas?
Dou ás penhas meu lamento;
O' tormento sem igual!

Se não vens, porque te chamo;
Aqui deixo junto ao rio
Estas perolas n'um fio,
Este ramo de coral.
Entre a murta que se enlaça
Com as flores mais mimosas,
Acharás purpureas rosas
N'uma taça de cristal.

Glaura! Glaura! Não respondes?
E te escondes nestas brenhas?
Dou ás penhas meu lamento;
O' tormento sem igual!

Vejo turvo o claro dia;
Sombra feia me acompanha;
Não encontro na montanha
A alegria natural.
Tanto a magoa me importuna,
Que o viver já me aborrece;
Para um triste, que padece,
É fortuna o ser mortal.

Glaura ! Glaura ! Não respondes?
E te escondes n'estas brenhas ?
Dou ás penhas meu lamento ;
O' tormento sem igual !

Onde estou ? troveja... o raio...
Foge a luz... os arvoredos...
Abalados os rochedos...
Já desmaio... ó dôr fatal.
Ninfa ingrata, esta victoria
Alcançárão teus retiros ;
Leva os ultimos suspiros
Por memoria triunfal.

Glaura ! Glaura ! Não respondes?
E te escondes n'estas brenhas ?
Dou ás penhas meu lamento ;
O' tormento sem igual.

XI

O JASMINEIRO

Venturoso jasmineïro,
Sobranceiro ao claro rio,
Já do estio o ardor se acende,
Ah! defende este lugar.

Ache Glaura na frescura
D'estas penhas encurvadas
Molles héras abraçadas
Com ternura a vejetar.
Ache mil e mil napeas,
E inda mais e mais amores,
Do que mostra o campo flores,
Do que arêas tem o mar.

Venturoso jasmineiro,
Sobranceiro ao claro rio,
Já do estio o ardor se acende,
Ah! defende este lugar.

Branda ninfa, que me escutas
Desse monte cavernoso,
Nem o raio luminoso
Nestas grutas possa entrar.
Has de ver com dôr e espanto,
Como pallida a tristeza
Dos seixinhos na aspereza
Faz meu pranto congelar.

Venturoso jasmineiro,
Sobranceiro ao claro rio,
Já do estío o ardor se acende,
Ah! defende este lugar.

Glaura bella, que resiste
Aos rigores da saudade,
Veja em muda soledade
Sono triste bocejar.
Sobre o musgo em rocha fria
Adormeça ao som das agoas,
E sonhando injustas magoas,
Chegue um dia a suspirar.

Venturoso jasmineiro,
Sobranceiro ao claro rio,
Já do estío o ardor se acende,
Ah! defende este lugar.

Com seus olhos Glaura inflamme
Os desejos namorados,
Que em abelhas transformados,
Novo enxame cubra o ar.
Vinde abelhas amorosas,
Sem temer o meu desgosto,
Doce nectar no seu rosto
Entre rosas procurar.

Venturoso jasmineiro,
Sobranceiro ao claro rio,
Já do estío o ardor se acende.
Ah! defende este lugar.

XII

A NAPÉA

PASTOR.

Não dou fim a meu tormento,
Nem o alento se restaura,
Sem ver Glaura nos meus braços,
Onde os laços tece amor.

NAPÉA.

Fuja a vã melancolîa,
E da morte a imagem fêa;
Que piedosa Cytheréa
Te anuncîa o seu favor.

Jura Venus pelo Estygio,
Que has de ser entre os pastores
Mais feliz nos teus amores
Do que o Phrygio roubador.

PASTOR.

Não dou fim a meu tormento,
Nem o alento se restaura,
Sem ver Glaura nos meus braços,
Onde os laços tece amor.

NAPÉA.

Dos penedos a dureza
Cede á fonte, que murmura:
Nascerá doce ternura
Da fereza e do rigor.
Abre a terra vagaroso,
Soffre a calma sem abrigo,
E esperando ceifa o trigo
Venturoso lavrador.

PASTOR.

Não dou fim á meu tormento,
Nem o alento se restaura,
Sem ver Glaura nos meus braços,
Onde os laços tece amor.

NAPÉA.

Pouco durão os tributos,
De que o campo faz alarde;
E o que pende e vem mais tarde,
É dos fructos o melhor.
Não se atêa o vivo fogo,
Nem se nutre em lenho verde:
N'um instante as chammas perde,
Morre logo o seu vigor.

PASTOR.

Não dou fim a meu tormento,
Nem o alento se restaura,
Sem ver Glaura nos meus braços,
Onde os laços tece amor.

NAPÉA.

Ella já te corresponde
Em segredo carinhosa;
Mas prudente e receosa
N'alma esconde o puro ardor.
Triste e só teu nome beija
N'esta gruta, que a convida;
Chora e geme, e enternecida
Vêr deseja o seu pastor.

PASTOR.

Já dou fim a meu tormento,
Já o alento se restaura :
Vem, ó Glaura, que em meus braços
Firmes laços tece amor.

XIII

A POMBA

POMBO.

Bella pomba, os dias crescem,
Apparecem já mil flores,
E os penhores ver espero
Do sincero nosso amor.

PASTOR.

Oh feliz enamorado,
Como és livre da desgraça!
D'hora em hora mais te enlaça
Doce agrado e novo ardor.

A consorte (que ventura!)
Acompanhas meigo e rico;
Que ás pallinhas no teu bico
A ternura dá valor.

POMBO.

Bella pomba, os dias crescem;
Apparecem já mil flores,
E os penhores ver espero
Do sincero nosso amor.

PASTOR.

Preciosa lealdade
Sem repudios, sem queixumes,
Sem desgostos, nem ciumes,
Nem saudade, nem temor!
A fortuna te proteja,
Apartando os tristes lutos:
Teus implumes tenros fructos
Nunca veja o caçador.

POMBO.

Cara pomba, os dias crescem;
Apparecem já mil flores,
E os penhores ver espero
Do sincero nosso amor.

PASTOR.

Na mangueira fazem ninho :
Vês, ó Glaura, lá voltárão;
Forão juntos, e pousárão
No raminho superior.
Elles tornão : par ditoso!
Dize, ó ninfa; não te agrada
Ver a pomba acompanhada
Do amoroso rolador?

POMBO.

Bella pomba, os dias crescem;
Apparecem já mil flores,
E os penhores ver espero
Do sincero nosso amor.

PASTOR.

Innocente idade antiga,
Tu fugiste dos humanos;
E deixaste a magoa, os damnos,
E a fadiga e o rigor!
Ah! se o céo te convertêra,
Ninfa ingrata, em pomba amante;
Eu... que gôsto! um só instante
Não quizera ser pastor.

POMBO.

Cara pomba, os dias crescem ;
Apparecem já mil flores,
E os penhores ver espero
Do sincero nosso amor.

XIV

O AMOR ARMADO

Gira amor feroz e armado
Neste prado e valle e serra :
Tudo é guerra, e com seus tiros
Mil suspiros já causou.

Entre miseras affrontas
Pendurou n'um tronco a aljava ;
Pois das settas, que estimava,
Glaura as pontas lhe quebrou.
Por vingar-se d'esta injuria
Triste emprega ferro e fogo ;
Mas ao ver-me o impio logo
Mágoa e furia disfarçou.

Gira amor feroz e armado
Neste prado e valle e serra:
Tudo é guerra, e com seus tiros
Mil suspiros já causou.

Meu soccorro e meu desenho
Brando pede, e humilde approva:
Com vaidade em setta nova
Meu empenho se esmerou.
Tinha a ponta aguda e forte,
E tres farpas bem polidas,
Negras pennas embutidas,
De que a morte se assustou.

Gira amor feroz e armado
Neste prado e valle e serra:
Tudo é guerra, e com seus tiros
Mil suspiros já causou.

Dei-lhe o aço luminoso,
E o traidor louvar-me finge:
Em cruel peçonha o tinge,
E aleivoso assim fallou:
« Fico alegre e satisfeito...
Oh que setta! vê se é boa: »
Curva o arco, a setta vôa,
E o meu peito traspassou.

Gira amor feroz e armado
Neste prado e valle e serra :
Tudo é guerra, e com seus tiros
Mil suspiros já causou.

Em tormentos e pezares
Exclamei, quando cahía :
« Glaura... Amor... » o amor se ria,
E dos ares me bradou :
« O Vesuvio não se apaga :
Ser ditoso mereceste :
Do farpão, que me fizeste,
Leva a paga, que te dou. »

Gira amor feroz e armado
Neste prado e valle e serra :
Tudo é guerra, e com seus tiros
Mil suspiros já causou.

XV

O RETRATO

Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato e lindo rosto,
Que por gôsto amor espera
Em Cythéra eternizar.

Só adorna os teus cabellos
Verde fitta, em que os enlaças;
E o jasmim, que as puras graças
Com desvelos vão buscar.
Na alva testa entre a alegria,
E a feliz serenidade,
Não diviso a crueldade,
Que porfía em maltratar.

Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato e lindo rosto,
Que por gôsto amor espera
Em Cythéra eternizar.

Os teus olhos... Ah! não pinto...
Os teus olhos tudo rendem:
Da ternura o fogo accendem,
E me sinto desmaiar.
Tua face delicada
É mais bella do que a rosa,
Quando a purpura mimosa
Orvalhada expõe ao ar.

Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato e lindo rosto,
Que por gosto amor espera
Em Cythéra eternizar.

Doce o riso não encobre
Mil agrados innocentes:
Mostra as perolas luzentes,
Que descobre o respirar.
Não se apartão do teu seio
Dois amores pequeninos,
Tão crueis e tão ferinos,
Que receio de os pintar.

Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato e lindo rosto,
Que por gosto amor espera
Em Cythéra eternizar.

Tristes e asperos rigores
Na tua alma se escondêrão,
E implacaveis promettêrão
Minhas dôres augmentar.
Tudo o mais é formosura,
São bellezas, que não vejo;
E nem póde o meu desejo
Na pintura debuxar.

Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato e lindo rosto,
Que por gosto amor espera
Em Cythéra eternizar.

XV

A CINCTA DE VENUS

Cahe a cincta a Venus bella,
Sem cautéla recostada;
E turbada entre os pezares
Pede aos mares que lha dêm.

O thesoiro se procura,
Os desejos se interessão,
Os cuidados já se appressão,
E a ternura vai tambem.
Empenhou-se, ó Glaura, o zelo;
Mas em vão : que perda triste!
Só eu vi, sei onde existe;
E dizel-o não convém.

Cahe a cincta a Venus bella,
Sem cautéla recostada;
E turbada entre os pesares
Pede aos mares que lha dêm.

Roubador do puro ornato
Foi Antéro e foi Cupido;
E o levárão escondido
Com recato, eu sei a quem.
Receosos pelo insulto,
Que traidores commettêrão,
No teu seio se acolhêrão,
Onde occulto asilo tem.

Cahe a cincta a Venus bella,
Sem cautéla recostada;
E turbada entre os pesares
Pede aos mares que lha dêm.

Dos meus olhos não se escondem
Os meninos, a quem amo :
Se os procuro, espreito e chamo,
Correspondem, mas não vêm.
Com acênos expressivos
De alegria suspeitosa
Mostrão faxa preciosa,
Que attractivos mil contêm.

Cahe a cincta a Venus bella,
Sem cautéla recostada;
E turbada entre os pesares
Pede aos mares que lha dêm.

Se piedade afflicto rógo,
E que cessem teus rigores,
Ah crueis, lindos amores!
Fogem logo e com desdem.
Abrandal-os não consigo,
E já d'elles tenho medo:
Guarda, ninfa, este segredo,
Que não digo a mais ninguem.

Cahe a cincta a Venus bella,
Sem cautela recostada;
E turbada entre os pesares
Pede aos mares que lha dêm.

XVII

DORIS E GALATÉA

Glaura bella, o sol desmaia;
Esta praia te convida:
Vem dar vida ao desgraçado,
Já cançado de chorar.

Ouço ao longe o instrumento,
Que tritão nadando emboca:
Verde carro as penhas toca,
Dorme o vento, e dorme o mar.
D'alvos peixes o cardume
Acompanha venturoso,
E o delfim terno e piedoso,
Que presume enamorar.

Glaura bella, o sol desmaia :
Esta praia te convida :
Vem dar vida ao desgraçado,
Já cançado de chorar.

Doris vejo, e Galatéa,
Que por ti de amor se inflamão;
Glaura esperão, Glaura chamão
Sobre a arêa a suspirar;
Destes valles só responde
Com voz terna e lagrimosa
Ninfa triste, em vão saudosa,
Que se esconde e muda em ar.

Glaura bella, o sol desmaia :
Esta praia te convida :
Vem dar vida ao desgraçado,
Já cançado de chorar.

Se te alegra a fonte pura
No rigor do estío ardente;
D'esta placida corrente
A frescura vem gosar;
Ouvirás os arvorêdos,
De meu pranto condoidos,
Repetir os meus gemidos,
E os rochedos abrandar.

Glaura bella, o sol desmaia :
Esta praia te convida :
Vem dar vida ao desgraçado,
Já cançado de chorar.

Onde estás? Vê que os amores
Já nas aguas apparecem,
E entre pérolas te offerecem
Meus ardores, meu pezar;
Ah! tu vens... quanto é modesto
Teu prazer, teu lindo rosto!
Ai de mim! ó falso gosto!
O' funesto delirar!

Glaura bella, o sol desmaia :
Esta praia te convida :
Vem dar vida ao desgraçado,
Já cançado de chorar.

XVIII

A AURORA

Vem, ó nympha suspirada,
Engraçada e rubicunda,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.

Longas azas sacodindo,
Foge a noite escura e fria;
Que sereno o claro dia
Surge rindo e deixa o mar:
De Titão a terna esposa
Véste os céos co' as lindas côres,
E o seu pranto sobre as flores
Quer saudosa derramar.

Vem, ó ninfa suspirada,
Engraçada e rubicunda,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.

Rôxa nuvem circulando
Pouco a pouco se illumina;
A purpurea e crystalina
Fluctuando não tem par;
Esta faxa longa e verde
Muda a côr de instante a instante:
Esta azul é mais constante,
E não perde o seu brilhar.

Vem, ó ninfa suspirada,
Engraçada e rubicunda,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.

Cresce a luz pelo horisonte,
Abre o sol o seu thesoiro;
E movendo o carro de oiro,
Já Ethonte inflama o ar.
Puro globo refulgente,
Que velóz se aparta e gyra,
Vejo em campo de saphira
Transparente scintillar.

Vem, ó ninfa suspirada,
Engraçada e rubicunda,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.

Admirando o rico adorno
Do aprasivel firmamento,
Trégoas dei a meu tormento,
Mas já tórno a delirar.
Assim, Glaura, me desvio
Do meu mal, quando appareces,
E mimosa á fonte desces
Para o rio enamorar.

Vem, ó ninfa suspirada,
Engraçada e rubicunda,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.

XIX

O MEIO DIA

Glaura, as ninfas te chamárão,
E buscárão doce abrigo :
Vem comigo, e n'esta gruta
Branda escuta o meu amor.

Treme agora o ar extenso
Pela esfera crystalina ;
Que os seus raios não declina
Esse immenso resplandor.
Busca o toiro fatigado
Frias sombras, verde relva :
Co' a cigarra zune a selva,
Foge o gado e o pastor.

Glaura, as ninfas te chamárão,
E buscárão doce abrigo :
Vem comigo, e n'esta gruta
Branda escuta o meu amor.

Ferve a arêa d'esta praia,
Arde o musgo no rochedo,
Esmorece o arvoredo,
E desmaia a tenra flor :
Todo o campo se desgosta,
Tudo... ah ! tudo a calma sente :
Só a gélida serpente
Dorme exposta ao vivo ardor.

Glaura, as ninfas te chamárão,
E buscárão doce abrigo :
Vem comigo, e n'esta gruta
Branda escuta o meu amor.

Vês a plebe namorada
De volantes borboletas ?
Loiras são, e azues e pretas,
De mesclada e vária côr.
Aquella ave enternecida,
Que cantou ao ver a aurora,
Abre as azas, geme agora
Opprimida do calor.

Glaura, as ninfas te chamárão,
E buscárão doce abrigo :
Vem comigo, e n'esta gruta
Branda escuta o meu amor.

Fonte aqui não se despenha
Com ruído que entristece :
Gota a gota a lympha desce,
Lava a penha sem rumor.
Aqui vive preciosa
Escondida amenidade,
O segredo e a saudade
E a chorosa minha dôr.

Glaura, as ninfas te chamárão,
E buscárão doce abrigo :
Vem comigo, e n'esta gruta
Branda escuta o meu amor.

XX

A TARDE

Já serena desce a tarde,
Já não arde o sol formoso :
Vem saudoso o brando vento
Doce alento respirar.

Pelos fins d'aquelle monte
Vejo, ó ninfa, luzes bellas
Entre purpura amarellas
No horisonte fluctuar.
Que gigante os céos adórna
Com chuveiros de oiro e prata!
Sobe e cresce e se desata
E se torna todo em ar!

Já serena desce a tarde,
Já não arde o sol formoso :
Vem saudoso o brando vento
Doce alento respirar.

Surge ali vistosa serra
De mil varios esplendores,
A quem Iris deu as côres
Para a terra enamorar.
Nuvens claras e redondas
Deixa Phebo accelerado,
Que o semblante avermelhado
Sobre as ondas vai banhar.

Já serena desce a tarde,
Já não arde o sol formoso :
Vem saudoso o brando vento
Doce alento respirar.

Pouco a pouco a luz desmaia;
Mas não cede á noite fea :
Inda vejo a solta arêa
Nesta praia branquejar.
Cordeirinhos manteúdos
Traz pastora diligente :
Elles brincão frente a frente,
Vem felpudos a saltar.

Já serena desce a tarde,
Já não arde o sol formoso :
Vem saudoso o brando vento
Doce alento respirar.

Como chora enternecida
Triste flauta! ó bella, escuta...
Lá repete ao longe a gruta,
E convida a suspirar.
Ai de mim! teu peito ingrato
Não conhece o que é suspiro,
E eu por ti de amor espiro,
E só trato de te amar!

Já serena desce a tarde,
Já não arde o sol formoso :
Vem saudoso o brando vento
Doce alento respirar.

XXI

A NOITE

Ouve, ó Glaura, o som da lyra,
Que suspira lagrimosa,
Amorosa em noite escura,
Sem ventura, nem prazer.

Já cahio do opposto monte
Sombra espessa n'estes valles;
Ouço aos echos de meus males
Esta fonte responder.
São iguaes a praia, a serra:
D' uma côr o bosque, o prado:
Triste o ar, feio, enlutado
Vem a terra escurecer.

Ouve, ó Glaura, o som da lyra,
Que suspira lagrimosa,
Amorosa em noite escura,
Sem ventura, nem prazer.

Melancólico agoireiro
Sólta a vóz mocho faminto,
E o vampir (2) de sangue tinto,
Que é ligeiro em se esconder.
Vôa a densa escuridade,
O silencio, horror e espanto:
E as correntes do meu pranto
A saudade faz verter.

Ouve, ó Glaura, o som da lyra,
Que suspira lagrimosa,
Amorosa em noite escura,
Sem ventura, nem prazer.

Tem a noite surda e féra
Carro de ebano polido:
Move o sceptro denegrido,
Toda a esféra vê tremer.
Fórma o timido desgosto
Mil imagens da tristeza,
Que assustada a natureza
Volta o rôsto por não ver.

Ouve, ó Glaura, o som da lyra,
Que suspira lagrimosa,
Amorosa em noite escura,
Sem ventura, nem prazer.

Ao ruído d'estas agoas
Vinde, ó sonhos vôadores,
De Morfeo co' as tenras flores
Minhas magoas suspender.
Mas se amor alivios nega,
Quando o peito mais inflama :
Só aquelle, que não ama,
É que chega a adormecer.

Ouve, ó Glaura, o som da lyra,
Que suspira lagrimosa,
Amorosa em noite escura,
Sem ventura, nem prazer.

XXII

OS AMORES PERDIDOS

Louco amante e sem ventura,
De ternura suspirando,
Vou buscando entre estas flores
Os amores que perdi.

Não me engana o meu receio :
Tu, ó ninfa, os occultaste,
Ou no seio os affogaste,
No teu seio, onde eu os ví.
Ah cruel! tua fereza
Rigorosa os opprimia :
Meu prazer desde esse dia
Em tristeza converti.

Louco amante e sem ventura,
De ternura suspirando,
Vou buscando entre estas flores
Os amores que perdi.

Com temor e com saudade
Se escondião... que tormento!
Fui sensivel ao lamento;
Por piedade os recolhi.
Rôxa fêlpa mal mostravão
Suas azas inda implumes:
Justos erão seus queixumes,
E choravão só por ti.

Louco amante e sem ventura,
De ternura suspirando,
Vou buscando entre estas flores
Os amores que perdi.

Nem co' a vista d'estes valles
Ao surgir purpurea aurora,
Nem c'os dons da alegre Flora
Os seus males diverti.
Ao correr das frias agoas
Por costume os ais escuto,
Ai de mim! qual foi o fruto
Dessas magoas que soffri?

Louco amante e sem ventura,
De ternura suspirando,
Vou buscando entre estas flores
Os amores que perdi.

No meu peito já crescidos
Uma tarde repousárão :
Suas lagrimas cessárão,
E os gemidos não senti.
Foi então, ó Glaura bella,
Foi então que me fugírão :
Eu clamei e não me ouvírão !
Impia estrella em que nasci!

Louco amante e sem ventura,
De ternura suspirando,
Vou buscando entre estas flores
Os amores que perdi.

XXIII

O AMANTE SAUDOSO

Linda Glaura, os arvoredos
E os rochedos que já viste,
Tudo é triste e tudo sente
Meu ardente suspirar.

Quando os risos e os amores
Apparecem nos teus olhos,
Até d' asperos abrolhos
Vejo flores rebentar.
Mas se deixas este prado,
Ai de mim! crueis pesares!
Sinto escuro o céo e os ares
E enlutado o bosque e o mar.

Linda Glaura, os arvoredos
E os rochedos que já viste,
Tudo é triste e tudo sente
Meu ardente suspirar.

Não te alegra a curva praia,
Quando o sol já se retira?
Não te move o som da lyra
Que desmaia de chorar?
De que nasce o teu desgosto?
Ah! permitte que te vejão
Estes campos, que desejão
O teu rosto enamorar.

Linda Glaura, os arvoredos
E os rochedos que já viste,
Tudo é triste e tudo sente
Meu ardente suspirar.

No declîvio d'este monte,
Murmurando á sombra fria,
Da soberba penedîa
Clara fonte desce ao mar.
N'essa gruta deleitosa
Doce zefiro te espera,
E a suave primavera
Cuidadosa em te agradar.

Linda Glaura, os arvoredos
E os rochedos que já viste,
Tudo é triste e tudo sente
Meu ardente suspirar.

Destes valles foge a calma
No rigor do féro estío :
Torna, ó bella, torna ao rio,
Vem minha alma consolar.
E eu verei, oh que ventura!
N'este placido remanso
Os prazeres e o descanço
E a ternura triunfar.

Linda Glaura, os arvoredos
E os rochedos que já viste,
Tudo é triste e tudo sente
Meu ardente suspirar.

XXIV

O PRAZER

Sobre o feno recostado,
Descançado affino a lyra,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.

Amo a simples natureza:
Busquem outros a vaidade
Nos tumultos da cidade,
Na riqueza e no poder;
D'esse pélago furioso
Não me assustão os perigos,
Nem dos ventos inimigos
O raivoso combater.

Sobre o feno recostado,
Descançado affino a lyra,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.

Pouca terra cultivada
Me agradece com seus frutos;
Mas os olhos tenho enxutos,
Quanto agrada assim viver!
O meu peito só deseja
Doce paz n'este retiro;
Por delicias não suspiro,
Onde a inveja faz tremer.

Sobre o feno recostado,
Descançado affino a lyra,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.

Pelas sombras venturosas
De fecundos arvoredos
Ouve Glaura os meus segredos,
Quando rosas vai colhêr.
Já o amor com ferro duro
Não me assalta, nem me offende:
Já suave o fogo acende,
E mais puro o sinto arder.

Sobre o feno recostado,
Descançado affino a lyra,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.

Entre as graças e os amores
Canto o sol e a primavera,
Que risonha vem da esfera
Tudo em flores converter.
A innocencia me acompanha;
Oh que bem! oh que thesoiro!
Vejo alegre os dias de oiro
Na montanha renascer.

Sobre o feno recostado,
Descançado affino a lyra,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.

XXV

A ALEGRIA

Sem o amor, ó Glaura, tudo
Era mudo e triste e feio;
Tudo cheio de alegria
N'este dia o vê tornar.

Vem comtigo a formosura
E as delicias d'este monte:
Dá valor ao prado, á fonte,
A ventura de te amar.
N'outro tempo a esteril serra
Teve a côr das minhas magoas;
Hoje brilha o sol nas agoas,
Ri-se a terra, o céo e o mar.

Sem o amor, ó Glaura, tudo
Era mudo e triste e feio;
Tudo cheio de alegria
N'este dia o vê tornar.

Rude fauno, que se esconde,
E de amor a vóz escuta,
Dobra os echos nesta gruta,
E responde a suspirar.
Quanto agrada ouvir d'esta ave
O gorgeio harmonioso,
E do zefiro amoroso
O suave respirar!

Sem o amor, ó Glaura, tudo
Era mudo e triste e feio;
Tudo cheio de alegria
N'este dia o vê tornar.

Coroada de mil flores,
Mostra a linda Cytheréa
Alvo pé na ruiva arêa,
Que os amores vem beijar.
D'esta rocha curva e alta
Pela tarde com descanço
Vejo, ó ninfa, no remanso
Como salta o peixe ao ar!

Sem o amor, ó Glaura, tudo
Era mudo e triste e feio;
Tudo cheio de alegria
Neste dia o vê tornar.

Desatando as tranças de oiro
Surgirá brilhante a aurora,
Para ver a bella Flora
Seu thesouro derramar.
Ah! não fujas destes prados,
Onde amor ha de seguir-te;
Mais não tenho que pedir-te,
Nem os fados mais que dar.

Sem o amor, ó Glaura, tudo
Era mudo e triste e feio;
Tudo cheio de alegria
Neste dia o vê tornar.

XXVI

O AMANTE SATISFEITO

Canto alegre n'esta gruta,
E me escuta o valle e o monte:
Se na fonte Glaura vejo,
Não desejo mais prazer.

Este rio socegado,
Que das margens se enamora,
Vê co' as lagrimas da aurora
Bosque e prado florecer.
Puro zefiro amoroso
Abre as asas lisongeiras,
E entre as folhas das manguciras
Vai saudoso adormecer.

Canto alegre n'esta gruta,
E me escuta o valle e o monte :
Se na fonte Glaura vejo,
Não desejo mais prazer.

Novos sons o fauno ouvindo,
Destro move o pé felpudo :
Cauteloso, agreste e mudo
Vem sahindo por me ver.
Quanto vale uma capella
De jasmins, lirios e rosas,
Que co' as dryades mimosas
Glaura bella foi colher!

Canto alegre n'esta gruta,
E me escuta o valle e o monte :
Se na fonte Glaura vejo,
Não desejo mais prazer.

Receou tristes agoiros
A innocencia abandonada ;
E aqui veio retirada
Seus thesoiros esconder.
O mortal, que em si não cabe,
Busque a paz de clima em clima;
Que os seus dons no campo estima,
Quem os sabe conhecer.

Canto alegre n'esta gruta,
E me escuta o valle e o monte:
Se na fonte Glaura vejo,
Não desejo mais prazer.

Os metaes adore o mundo;
Ame as pedras, com que sonha,
Do feliz Jequetinhonha (3),
Que em seu fundo as vio nascer.
Eu contente n'estas brenhas
Amo Glaura e amo a lyra,
Onde terno amor suspira,
Que estas penhas faz gemer.

Canto alegre n'esta gruta,
E me escuta o valle e o monte:
Se na fonte Glaura vejo,
Não desejo mais prazer.

XXVII

GLAURA DORMINDO

Voai, zefiros mimosos,
Vagarosos com cautela;
Glaura bella está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

Mais me elevão sobre o feno
Suas faces encarnadas,
Do que as rosas orvalhadas
Ao pequeno beijaflor.
O descanço, a paz contente
Só respirão n'estes montes:
Sombras, penhas, troncos, fontes,
Tudo sente um puro ardor.

Voai, zefiros mimosos,
Vagarosos com cautela;
Glaura bella está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

O silencio, que nem ousa
Bocejar e só me escuta,
Mal se move n'esta gruta,
E repousa sem rumor.
Leve sono, por piedade,
Ah derrama em tuas flores
O pesar, a magoa, as dores,
E a saudade do pastor!

Voai, zefiros mimosos,
Vagarosos com cautela;
Glaura bella está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

Se nos mares apparece
Venus terna e melindrosa,
Glaura, Glaura mais formosa
Lhe escurece o seu valor.
No vestido azul e nobre
É sem oiro e sem diamante,
Qual a filha de Thaumante,
Que se cobre de esplendor.

Voai, zefiros mimosos,
Vagarosos com cautela;
Glaura bella está dormindo,
Quanto é lindo o meu amor!

É suave o seu agrado
A meus olhos nunca enxutos,
Como são os doces frutos
Ao cançado lavrador.
Mas bem longe da ventura
A's mudanças vivo affeito,
Encontrando no teu peito
Já brandura e já rigor!

Voai, zefiros mimosos,
Vagarosos com cautela:
Glaura bella está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

XXVIII

DEZEMBRO

Já dezembro mais calmoso
Perguiçoso o giro inclina:
Illumina o céo rotundo,
Quer o mundo incendiar.

Vem, pastora; aqui te esperão
Os prazeres d'este rio;
Onde o sol e o secco estío
Não podérão penetrar.
Nuas graças te preparão
A conchinha transparente,
O coral rubro e luzente,
Que buscárão sobre o mar.

Já dezembro mais calmoso
Perguiçoso o giro inclina :
Illumina o céo rotundo,
Quer o mundo incendiar.

Entre os mismos e a frescura,
Entre as sombras e entre as agoas,
Do pastor as tristes magoas,
E a ternura has de encontrar.
Pelo golfo curvo e largo
Apparece a deosa bella :
Ora a vaga se encapella,
Ora o pargo surge ao ar.

Já dezembro mais calmoso
Perguiçoso o giro inclina :
Illumina o céo rotundo,
Quer o mundo incendiar.

De me ouvir ao som desta aura,
Que menea os arvoredos,
Aprenderão os rochedos
« Glaura, Glaura ! » a suspirar.
Oh que doce amenidade !
Loiras dryades se ajuntão :
Por teus olhos me perguntão
Com saudade e sem cessar.

Já dezembro mais calmoso
Perguiçoso o giro inclina :
Illumina o céo rotundo,
Quer o mundo incendiar.

Ah cruel! porque não vamos
Colher mangas preciosas,
Que promettem venturosas
Os seus ramos encurvar?
Se no abrigo d'estes prados
Não achares lindas flores,
Acharás os meus amores
Desgraçados a chorar.

Já dezembro mais calmoso,
Perguiçoso o giro inclina :
Illumina o céo rotundo,
Quer o mundo incendiar.

XXIX

AMOR MUDADO EM ABELHA

Tem o amor mil passadores
Entre as flores d'este prado,
E mudado em leve abelha,
Se aparelha e já voou.

Implacavel não descança,
E eu, ó ninfa, bem receio,
Que elle empregue no teu seio
A vingança que jurou.
Sahe do nectar d'uma rosa...
Ah que abelha tão ferina!
Mal a vejo, e pequenina,
E raivosa me picou.

Tem o amor mil passadores
Entre as flores d'este prado,
E mudado em leve abelha,
Se aparelha e já voou.

Não ha dôr que mais inflame;
Infeliz! que em vivo fogo
Esmaguei a abelha, e logo
N'um enxame se tornou!
Fui crivado de seus tiros:
Vi turbar-se o céo sereno;
E o mortifero veneno
Em suspiros me afogou.

Tem o amor mil passadores
Entre as flores d'este prado,
E mudado em leve abelha
Se aparelha e já voou.

Ai de mim, que desventura!
Que cruel melancolia!
Foge a paz, foge a alegria,
Que amarguras me deixou!
Solitario e pensativo,
Esmoreço n'estes valles;
E o auctor de tantos males
Vingativo se alegrou!

Tem o amor mil passadores
Entre as flores d'este prado,
E mudado em leve abelha
Se aparelha e já voou.

Linda Glaura, não duvides
Que o meu peito afflicto sente
Do centauro o sangue ardente,
Com que Alcides se abrasou.
Sem cessar na intensa fragoa
Cresce o misero desgosto:
Só ao ver teu bello rosto
Minha mágoa se abrandou.

Tem o amor mil passadores
Entre as flores d'este prado,
E mudado em leve abelha
Se aparelha e já voou.

XXX

O DESEJO

Meu desejo esconde o rosto
Por desgosto, a que o condemnas:
Ah que as pennas lhe arrancaste
E o lançaste, ó Glaura, ao mar!

Os delfins compadecidos
Lhe dão vida n'estas agoas:
Doris ouve os ais e as magoas,
E os gemidos com pezar.
Hamadryades se apressão,
E nos braços o tomarão;
Flora e zefiro o levarão,
E não cessão de chorar.

Meu desejo inclina o rosto
Por desgosto, a que o condemnas:
Ah que as pennas lhe arrancaste
E o lançaste, ó Glaura, ao mar!

Que te fez esse innocente
Em colher cheirosas flores,
Companheiro dos amores
Diligente no agradar?
Dos teus olhos namorado,
E ludibrio da ventura,
Vinha amante, que ternura!
N'este prado suspirar.

Meu desejo esconde o rosto
Por desgosto, a que o condemnas:
Ah que as pennas lhe arrancaste
E o lançaste, ó Glaura, ao mar!

Mil e mil de amor delirão
E se elevão sem limite,
Mais que as aves de Amphitrite,
Quando girão sobre o ar.
Só o afflicto em vão sacode,
Abre em vão as azas suas:
Abre e mostra, que estão nuas,
Que não póde assim voar.

Meu desejo inclina o rosto
Por desgosto, a que o condemnas:
Ah que as pennas lhe arrancaste
E o lançaste, ó Glaura, ao mar!

Já opprimem do teu peito
Os rigores sempre injustos:
Já se entrega á dôr, aos sustos
Satisfeito de te amar.
O infeliz não mais consumas:
Ache o riso em teu regaço;
E o verás n'um breve espaço
Lindas plumas renovar.

Meu desejo esconde o rosto
Por desgosto, a que o condemnas:
Ah que as pennas lhe arrancaste
E o lançaste, ó Glaura, ao mar!

XXXI

OS CANTOS AMOROSOS

Para ouvir cantar de amores
Os pastores me buscarão;
Convidarão ninfas bellas;
Glaura entre ellas me animou.

A alegria vi nos ares
E no bosque florecente:
Cantei de Hero o amor ardente
Quando aos mares se arrojou.
Ella vê nas tristes agoas
O Abideno, ó céos, conforto!
Que affogado junto ao porto
Duras magoas excitou.

Para ouvir cantar de amores
Os pastores me buscarão;
Convidarão nymphas bellas;
Glaura entre ellas me animou.

Cantei Thisbe delirante,
Que ao punhal entrega a vida:
A alma sahe pela ferida,
E ao amante acompanhou.
Morreo Pyramo enganado,
E com elle a esposa morre:
O seu sangue unido corre,
E no prado congelou.

Para ouvir cantar de amores
Os pastores me buscarão;
Convidarão ninfas bellas;
Glaura entre ellas me animou.

Cantei Dido, que suspira
Ao mover-se o mar e o vento:
E o seu barbaro tormento
Logo em ira se mudou.
Só deseja o mortal damno
Infeliz e abandonada:
Abre o peito aguda espada,
Que o troyano lhe deixou.

Para ouvir cantar de amores
Os pastores me buscarão;
Convidarão ninfas bellas;
Glaura entre ellas me animou.

Cantei Glaura melindrosa,
Doce agrado e formosura;
Que no seio da ternura
Venturosa triunfou.
Tudo applaude: e co' a leve aura
O favonio lisongeiro
De boninas um chuveiro
Sobre Glaura derramou.

Para ouvir cantar de amores
Os pastores me buscarão;
Convidarão ninfas bellas;
Glaura entre ellas me animou.

XXXII

ECHO

Flebil echo d'estas grutas,
Que me escutas rouca e triste,
Onde viste a bella Glaura
Feliz aura respirar?

Sobre as penhas, sobre os valles
Enviei ternos suspiros:
E dos asperos retiros
Só meus males vi tornar.
Os suspiros lá morrerão
Lagrimosos e cançados;
E a pastora, ai desgraçados!
Não podérão encontrar.

Flebil echo d'estas grutas,
Que me escutas rouca e triste,
Onde viste a linda Glaura
Feliz aura respirar?

Perguntei ao claro rio
Nos incultos arvoredos;
Respondeo-me entre os rochedos
O sombrio murmurar.
Acho a praia sem adorno:
E pergunto ás tenras flores,
Ninguem vio os meus amores,
E inda tórno a perguntar.

Flebil echo d'estas grutas,
Que me escutas rouca e triste,
Onde viste a bella Glaura
Feliz aura respirar?

Pelo bosque se espalharão
Minhas queixas amorosas:
E co' as dryades saudosas
Começarão a chorar.
Nem o campo me contenta,
Nem os zefiros suaves:
Busco em vão as brandas aves,
Que afugenta o meu pezar.

Flebil echo d'estas grutas,
Que me escutas rouca e triste,
Onde viste a linda Glaura
Feliz aura respirar?

Duro amor, ingrato e fero,
Que me opprimes noite e dia,
Se me levas a alegria,
Não espero mais gozar.
Verdes prados, pura fonte,
Tudo, ó Glaura, despresaste :
Glaura! ah Glaura! E me deixaste
N'este monte a delirar!

Flebil echo d'estas grutas,
Que me escutas rouca e triste,
Onde viste a linda Glaura
Feliz aura respirar?

XXXIII

O CAJUEIRO

Vem, ó ninfa, ao cajueiro,
Que no oiteiro desprezamos;
Que em seus ramos tortuosos
Amorosos fructos dá.

Se desejas a frescura,
O seu tronco te convida,
E entre as folhas escondida
Aura pura e doce está.
Inda a mão do estio ardente
Não crestou no campo as flores:
Vem, que a deosa dos amores
Tua frente adornará.

Vem, ó ninfa, ao cajueiro,
Que no oitero desprezamos,
Que em seus ramos tortuosos
Amorosos fructos dá.

Lá chorando e namorada
Hamadryade te acena :
Sem soccorro em sua pena
Desmaiada ficará.
Vem, consola por piedade
Os seus miseros gemidos,
E os seus áis, que enternecidos
De saudade morrem já.

Vem, ó nympha, ao cajueiro,
Que no oiteiro desprezamos,
Que em seus ramos tortuosos
Amorosos fructos dá.

Nelle vio feliz minha alma
Triunfar o amor e a gloria ;
E em signal d'esta victoria
Verde palma crescerá.
Vôa triste o meu martyrio,
E de longe turba os ares :
Semeei crucis pezares
Rôxo lyrio nascerá.

Vem, ó ninfa, ao cajueiro,
Que no oiteiro desprezamos,
Que em seus ramos tortuosos
Amorosos fructos dá.

Vem tecer uma capella
Ao amor que nos inspira;
E na voz da curva lyra
« Glaura! » bella soará.
Vês o amor e não o entendes?
Tem occulto alli seu ninho;
E te diz que é passarinho;
Se o não prendes, voará.

Vem, ó ninfa, ao cajueiro,
Que no oiteiro desprezamos,
Que em seus ramos tortuosos
Amorosos fructos dá.

XXXIV

AMOR IRADO

AMOR.

Pela gloria a que aspiraste
Desprezaste os meus thesoiros:
De teus loiros adornado,
Desgraçado, vai chorar.

PASTOR.

Doce amor, benigno escuta
Por piedade as minhas queixas,
Terno amor! E assim me deixas
N'esta gruta a suspirar?

Ah concede os teus favores!
Muda em riso o enfado, a ira;
Que eu prometto a branda lyra
Aos amores dedicar.

AMOR.

Pela gloria a que aspiraste
Desprezaste os meus thesoiros:
De teus loiros adornado,
Desgraçado, vai chorar.

PASTOR.

D'esta fonte as puras agoas
Já correrão deleitosas;
Hoje tristes vem saudosas
Minhas magoas augmentar.
Co' meus ais e meus lamentos
Todo o campo degenera,
E nem póde a primavera
Meus tormentos consolar.

AMOR.

Pela gloria a que aspiraste
Desprezaste os meus thesoiros:
De teus loiros adornado,
Desgraçado, vai chorar.

PASTOR.

Não quebrei farpões agudos
Da sonora tua aljava :
Teu poder que eu respeitava,
Via em tudo triunfar.
Não é grande a minha culpa
Em ter livre o peito um dia;
Glaura em fim não conhecia;
Tem desculpa o não amar.

AMOR.

Pela gloria a que aspiraste
Desprezaste os meus thesoiros:
De teus loiros adornado,
Desgraçado, vai chorar.

PASTOR.

Inda os olhos não serenas?
Inda, amor, comigo es féro?
Em vão choro, em vão espero
Minhas penas abrandar?
Já meu pranto os troncos move
Co' estes languidos gemidos :
Ah não cerres os ouvidos,
Que é de Jove o perdoar!

AMOR.

Pela gloria a que aspiraste
Desprezaste os meus thesoiros :
De teus loiros adornado,
Desgraçado, vai chorar.

XXXV

O DESGOSTO

Se piedade, o Glaura, sentes,
Não augmentes meu desgosto:
O teu rosto não me occultes,
Não insultes meu penar.

A meus ais responde a brenha,
A meus ais enternecidos;
Inda vem os meus gemidos
N'esta penha redobrar.
Só resiste a minhas dôres
Esse peito ingrato e fero;
Infeliz! que em vão espero
Teus rigores abrandar.

Se piedade, ó Glaura, sentes,
Não augmentes meu desgosto :
O teu rosto não me ocultes,
Não insultes meu penar.

Doire os céos a luz brilhante;
Tudo offusque a sombra escura,
Has de ver-me sem ventura
Triste amante a suspirar.
Ah cruel! e assim me deixas
N'este barbaro tormento?
Minhas magoas, meu lamento,
Minhas queixas solto ao ar?

Se piedade, ó Glaura, sentes,
Não augmentes meu desgosto :
O teu rosto não me occultes,
Não insultes meu penar.

Já se apartão nevoas frias,
Ri-se o campo, ri-se a esfera :
Torna a doce primavera...
Oh que dias vão raiar!
Ai de mim! que não consigo
Nem prazeres, nem descanço :
Foge o bem e não alcanço,
Vai comigo o meu pezar.

Se piedade, ó Glaura, sentes,
Não augmentes meu desgosto:
O teu rosto não me occultes,
Não insultes meu penar.

Pensativo entre estas faias,
Aborreço o valle, os montes:
Não me alegrão sombras, fontes,
Nem as praias, nem o mar.
O meu canto não respira
Na aspereza d'estas grutas;
Mas se tu me não escutas,
Fique a lyra exposta ao ar.

Se piedade, ó Glaura, sentes,
Não augmentes meu desgosto:
O teu rosto não me occultes,
Não insultes meu penar.

XXXVI.

A PRIMAVERA

Vem, ó doce primavera;
Já te espera a minha amada;
Não agrada triste inverno
A meu terno e brando amor.

Negras nuvens amontôa
O chuvoso sud-oeste;
Move a cólera celeste,
Tudo atrôa o seu furor.
Geme e em serras levantado
Bate o mar na rocha dura:
Perde o rumo sem ventura
Soçobrado o pescador.

Vem, ó doce primavera;
Já te espera a minha amada;
Não agrada triste inverno
A meu terno e grande amor.

Ameaça turvo o rio,
Com estrondo a fonte desce;
E no céo só apparece
Euro frio estragador.
Nem da flauta, nem da lyra
A sonora voz se escuta;
Solitaria e feia a gruta
Não inspira mais que horror!

Vem, ó doce primavera;
Já te espera a minha amada;
Não agrada triste inverno
A meu terno e brando amor.

Glaura estima as bellas flores,
Ama os zefiros suaves:
Quer ouvir no campo as aves
E os amores do pastor.
Vejo dryade saudosa
Na mangueira com desgosto,
Por não ver seu lindo rosto,
Que da rosa tem a côr.

Vem, ó doce primavera;
Já te espera a minha amada;
Não agrada triste inverno
A meu terno e brando amor.

Traze a aurora scintillante,
Que rompendo o véo escuro,
Mostre a Glaura novo e puro
Seu brilhante resplandor.
Nos seus olhos resuscite
D'estes montes a alegria;
Crescerá de dia em dia
Sem limite o meu ardor.

Vem, ó doce primavera;
Já te espera a minha amada;
Não agrada triste inverno
A meu terno e brando amor.

XXXVII

Á MANGUEIRA

Carinhosa e doce, ó Glaura,
Vem esta aura lisongeira,
E a mangueira já florida
Nos convida a respirar.

Sobre a relva o sol doirado
Bebe as lagrimas da Aurora,
E suave os dons de Flora
Neste prado vê brotar.
Ri-se a fonte : e bella e pura
Sahe dos asperos rochedos,
Os pendentes arvoredos
Com brandura a namorar.

Carinhosa e doce, ó Glaura,
Vem esta aura lisongeira;
E a mangueira já florida
Nos convida a respirar.

Com voz terna harmoniosa
Canta alegre o passarinho,
Que defronte do seu ninho
Vem a esposa consolar.
Em festões os lyrios trazem...
Ninfas, vinde... eu dou os braços;
Apertai de amor os laços,
Que me fazem suspirar.

Carinhosa e doce, ó Glaura,
Vem esta aura lisongeira;
E a mangueira já florida
Nos convida a respirar.

Vês das graças o alvoroço?
Ah prenderão entre flores
Os meus timidos amores,
Que não posso desatar!
Como os cobre o casto pejo!
Mas os olhos innocentes
Inda mostrão descontentes
O desejo de agradar.

Carinhosa e doce, ó Glaura,
Vem esta aura lisongeira;
E a mangueira já florida
Nos convida a respirar.

Vagaroso e com saudade,
Triste, languido e sombrio
Verdes bosques lava o rio
Sem vontade de os deixar.
Ao prazer as horas demos
Da estação mais opportuna;
Que estes mimos da fortuna
Inda havemos de chorar.

Carinhosa e doce, ó Glaura,
Vem esta aura lisongeira;
E a mangueira já florida
Nos convida a respirar.

XXXVIII

A ROSA

Quanto, ó ninfa, é venturosa
Essa rosa delicada!
Invejada no teu peito,
Satisfeito a vê o amor.

Pedio Flora a natureza
Ao vestir de novo os prados,
Que esmerasse os seus cuidados
Na belleza d'esta flor.
Logo abrindo as azas leves
Os favonios a ampararão:
Nem as chuvas lhe tocarão,
Nem das neves o rigor.

Quanto, ó ninfa, é venturosa
Essa rosa delicada!
Invejada no teu peito
Satisfeito a vê o amor!

Elle foi Argos zeloso,
Que a guardava noite e dia;
E entre espinhos a escondia
Do amoroso lavrador.
Nova abelha por sensivel
D'esse nectar á doçura,
Encontrou na setta dura
O terrivel seu furor.

Quanto, ó ninfa, é venturosa
Essa rosa delicada!
Invejada no teu peito
Satisfeito a vê o amor!

Se no adorno teu se emprega,
Vale mil e mil boninas;
Mas se o seio lhe destinas,
Nada chega ao seu valor.
Eu lhe vejo um só desgosto,
Que nas folhas mal encobre;
Pois conhece que é mais nobre
Do teu rosto a bella côr.

Quanto, ó ninfa, é venturosa
Essa rosa delicada!
Invejada no teu peito
Satisfeito a vê o amor!

Que fortuna! a rosa treme?...
Sonho? ó Glaura, eu não deliro:
Vôa e foge o teu suspiro,
E não teme o ser traidor.
Vem, suspiro terno e mudo;
Vem, dissipa os meus temores;
Vence a rosa ás outras flores,
Vença tudo o meu ardor.

Quanto, ó ninfa, é venturosa
Essa rosa delicada!
Invejada no teu peito,
Satisfeito a vê o amor!

XXXIX

Á MARÉ

Se invejoso o amor te impede
Ver a rede no remanso,
Deixo o lanço; ah que em demoras
Vão as horas da maré!

Namorada Galatea,
Que abrandou os negros mares,
Fugirá d'estes lugares,
Se na arêa te não vê.
Tem de perolas um fio
N'estes humidos rochedos,
E mostrando os seus segredos,
Diz ao rio, que t'as dê.

Se invejoso o amor te impede
Ver a rede no remanso,
Deixo o lanço; ah que em demoras
Vão as horas da maré!

Surda magoa me consome
E o tormento mais se aggrava,
Quando amor na rica aljava
O teu nome escrito lê.
Ai de mim! ó Venus bella,
Que do amor tenho ciumes!
Nada valem meus queixumes...
Choro e ella me não crê.

Se invejoso o amor te impede
Ver a rede no remanso,
Deixo o lanço; ah que em demoras
Vão as horas da maré!

Vi, ó Glaura... que prodigio!
Meu alento se perturba!...
Vi de amores linda turba
N'um vestigio do teu pé.
Mas não te enchas de vaidade,
Que os amores são ligeiros;
Vão e tornão lisongeiros
Sem verdade, ardor, nem fé.

Se invejoso o amor te impede
Ver a rede no remanso,
Deixo o lanço; ah que em demoras
Vão as horas da maré!

Ah cruel! porque te escondes
De quem só por ti desmaia?
Porque deixas esta praia?
Não respondes? ai! porque?
Já feroz melancolía
Tolda o mar, cobre a espessura:
Para os mimos da ventura
Este dia já não é.

Se invejoso o amor te impede
Ver a rede no remanso,
Deixo o lanço; ah que em demoras
Vão as horas da maré!

XL

O BOSQUE

Das-me, amor, o que desejo;
Mas não vejo Glaura bella:
E sem ella... ah que eu deliro,
E suspiro sem cessar!

Entre o musgo a penha dura
Mostra azues, mostra rosadas
As conchinhas delicadas
Com brandura a gotejar.
Sobre a fonte crystalina
Cedro annoso e curvo pende:
Namorado a rama estende,
E se inclina para o mar.

Das-me, amor, o que desejo;
Mas não vejo Glaura bella:
E sem ella... ah que eu deliro,
E suspiro sem cessar!

Verdes chopos, verdes faias
Move zefiro brincando:
Loiras ninfas vem nadando
Estas praias a beijar.
Vejo candidos amores,
Vejo graças melindrosas,
E as abelhas preciosas,
Que nas flores vem pousar.

Das-me, amor, o que desejo;
Mas não vejo Glaura bella:
E sem ella... ah que eu deliro,
E suspiro sem cessar!

Os prazeres mais suaves
Aqui voão noite e dia:
Ouvo em vozes da alegria
Ternas aves modular.
Os agrados innocentes,
Que só vio a idade de oiro,
Nesta gruta o seu thesoiro
Vem contentes derramar.

Das-me, amor, o que desejo;
Mas não vejo Glaura bella:
E sem ella... ah que eu deliro,
E suspiro sem cessar!

Este bosque afortunado,
Que delicias mil ajunta,
Seja embora o de Amathunta
Dedicado á tutelar.
Voltarei, amor piedoso,
A' minha aspera montanha:
Lá, se a ninfa me acompanha,
Vou ditoso respirar.

Das-me, amor, o que desejo;
Mas não vejo Glaura bella:
E sem ella... ah que eu deliro
E suspiro sem cessar!

XLI

OS SEGREDOS

Vi cupido, ó Glaura, um dia,
Em que ardia o sol no prado,
E sentado entre arvoredos
Mil segredos me mostrou.

Suspirei ao ver nas flores
A desgraça e a ventura:
E inda mais quando a ternura
E os amores me afirmou.
Penso então absorto e mudo
Nos encantos da belleza,
Que risonha a natureza
Sobre tudo derramou.

Vi cupido, ó Glaura, um dia,
Em que ardia o sol no prado,
E sentado entre arvoredos
Mil segredos me mostrou.

Entendi o som constante
D'este rio gracioso,
E o do zefiro saudoso,
Fino amante, me agradou.
Esta fonte despenhada
Tambem geme, tambem chora,
E dos troncos que enamora,
Apartada se queixou.

Vi cupido, ó Glaura, um dia,
Em que ardia o sol no prado,
E sentado entre arvoredos
Mil segredos me mostrou.

Se me vês enternecido
Ao rolar o pombo, attende,
Que a minha alma a voz lhe entende;
Pois cupido me enfinou.
Frio peixe, bruta fera,
Veloz ave... ah quanto existe
Ao amor em vão resiste,
Que na esfera triunfou.

Vi cupido, ó Glaura, um dia,
Em que ardia o sol no prado,
E sentado entre arvoredos.
Mil segredos me mostrou.

Ternos votos elle inflamma
Em ardor suave e puro:
Corações de bronze duro
N'outra chamma incendiou.
E sabendo que estes valles
Só me dão crueis abrolhos,
Co' a doçura dos teus olhos
Os meus males abrandou.

Vi cupido, ó Glaura, um dia,
Em que ardia o sol no prado,
E sentado entre arvoredos,
Mil segredos me mostrou.

XLII

O BOSQUE DOS AMORES

Duros troncos, verde prado,
Matizado de mil flores,
Aos amores vos dedico,
E aqui fico a suspirar.

Doce amor aqui me inflamma,
Descobrindo os seus segredos :
Eu ouvi entre os rochedos
Nova chamma a preparar.
Quiz fugir por estes valles ;
Receei que elle me visse :
E risonho então me disse,
« Vou teus males abrandar. »

Duros troncos, verde prado,
Matizado de mil flores,
Aos amores vos dedico,
E aqui fico a suspirar.

Este rio vagaroso,
Que enamora as altas penhas,
Apartando-se das brenhas,
Vai saudoso para o mar.
N'esta gruta amor inspira
Os desejos mais suaves :
Sobre a planta, sobre as aves
Vôa e gira sem cessar.

Duros troncos, verde prado,
Matizado de mil flores,
Aos amores vos dedico,
E aqui fico a suspirar.

Nasce aqui mimoso o trevo,
E o serpão e a mangerona :
Os tributos de Pomona
Mal me atrevo a numerar.
Bella, candida, innocente
A alegria sem queixumes
Os pezares e os ciumes
Não consente aqui chegar.

Duros troncos, verde prado,
Matizado de mil flores,
Aos amores vos dedico,
E aqui fico a suspirar.

Co's prazeres, co' a ternura,
Co' as delicias da floresta :
Glaura vem no ardor da sesta
A frescura respirar.
Deixarei aqui gravada
Breves cifras amorosas,
E estes lirios e estas rosas,
Que enlaçadas ha de achar.

Duros troncos, verde prado,
Matizado de mil flores,
Aos amores vos dedico,
E aqui fico a suspirar.

XLIII

O AMOR

Meu peito se inflamma,
O ninfa, soccorro,
Piedade, que eu morro
Na chamma de amor.
Se os dias serenas
Com doces victorias,
Serão sempre glorias
As penas de amor.

Enxuga o meu pranto
Que fragoas accende:
O céo já se offende
De tanto rigor.

Triunfe a ternura
Nas cordas da lyra,
Que branda me inspira
Doçura de amor.
Dá fim aos desgostos
Que nutre o receio,
E anîma em teu seio
Os gostos de amor.

Enxuga o meu pranto,
Que fragoas accende :
O céo já se offende
De tanto rigor.

Por ver, que te agrava
Meu terno gemido,
O tinha escondido
Na aljava de amor.
Mas entre pezares
Suspira, e te roga
Conforto, e se affoga
Nos mares de amor.

Enxuga o meu pranto,
Que fragoas accende :
O céo já se offende
De tanto rigor.

Cantou passarinho
Com voz lisongeira,
Que vio na mangueira
O ninho de amor.
Alegra os rochedos,
E aprende d'esta ave
No canto suave
Segredos de amor.

Enxuga o meu pranto,
Que fragoas accende :
O céo já se offende
De tanto rigor.

O monte me escuta,
Respondem as brenhas,
Que busque nas penhas
A gruta de amor.
As magoas contemplo
E a dôr, que me cança :
Envio a esperança
Ao templo de amor,

Enxuga o meu pranto,
Que fragoas accende :
O céo já se offende
De tanto rigor.

Vem ver n'estes valles
Os mimos de Flora,
E o triste, que chora
Os males de amor.
Respire a minha alma,
Que geme, que espera :
E ganhe em Cythera
A palma de amor.

Enxuga o meu pranto,
Que fragoas accende :
O céo já se offende
De tanto rigor.

Se amante annuncias
Prazeres ditosos;
Serão preciosos
Os dias de amor.
Ah deixa os rigores,
Dar-te hei, Glaura bella,
Em nova capella
Mil flores de amor.

Enxuga o meu pranto,
Que fragoas accende :
O céo já se offende
De tanto rigor.

XLIV

Á AUZENCIA

Musgosa e fria gruta,
Sombrios arvoredos,
De vós os meus segredos
Confia o terno amor.

Ouvi, ó duras penhas;
Ouvi a minha dôr.

Chorando a bella Glaura
Me teve nos seus braços:
Ah que tão doces laços
Não vio já mais o amor!

Naquelle triste dia
Morreo minha esperança;
Deixando na lembrança
Mais vivo o meu ardor.

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dôr.

Eu vi nadar em pranto
Aquelles olhos bellos,
E soltos os cabellos,
Comque brincava amor.
Já rouca suspirando
De magoa, e de ternura,
Co' a mão no peito jura
O mais constante ardor.

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dôr.

Nas vêas géla o sangue,
Se choras Glaura afflicta:
O coração palpita,
E foge a viva côr.
Funesta desventura!
Cruel, impio desterro!

Porque de bronze ou ferro
Me não formaste, amor?

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dôr.

Por mim nos verdes troncos
Seu nome foi gravado;
Crescia o nome amado,
Crescia o meu amor.
Agora entre suspiros
Na funebre espessura
Lamento a sorte escura...
Ai, misero pastor!

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dôr.

Nas libycas areas,
Ou sobre as neves frias,
Com ella alegre os dias
Passara sem temor.
Mas longe dos seus olhos,
Me assusta a morte avara,
E o mar que nos separa,
Separa o nosso amor.

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dôr.

Sonôra e branda lyra
Das musas temperada,
Aqui serás deixada
Por victima de amor.

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dôr.

XLV

OS SUSPIROS

Se algum dia, Glaura bella,
Visitar estes retiros;
Ouça os miseros suspiros,
Que infeliz entrego ao ar.
Seja este aspero rochedo
Quem repita as minhas mágoas;
E o ruido d'estas agoas
Quem lhe pinte o meu pesar.

Ah! conserva, amor, que ouviste
O meu triste suspirar.

Guarda amante e compassiva
Flebil echo, que me escutas,
Na aspereza d'estas grutas
Retratado o meu penar.
Aqui Glaura pela tarde
Que decline a calma espera,
Qual a deosa de Cythéra,
Quando sahe do fundo mar.

Ah! conserva, amor, que ouviste
O meu triste suspirar.

XLVI

A LYRA DESGRAÇADA

Neste loiro pendurada
Ficarás, ó doce lyra,
Onde o vento, que respira,
Te fará soar de amor.
Féras, troncos e rochedos
Já moveste de ternura;
Só de Glaura sempre dura
Não abrandas o rigor!

Adeos, lyra desgraçada,
Consagrada ao triste amor!

Plantei na alma o puro agrado,
Que pendia dos teus olhos;
Vi nascer crueis abrolhos,
Em lugar do terno amor!
Estes bosques, estas fontes,
Estas flores, este prado,
Tudo, oh! céos, vejo mudado,
Tudo sente a minha dôr!

Adeos, lyra desgraçada,
Consagrada ao triste amor.

XLVII

AS GRAÇAS

Se apparece Glaura bella,
Vejo as graças melindrosas,
Que jasmins, lyrios e rosas
Desfolhando alegres vêm.
O prazer dissipa as magoas,
Os desgostos, e os ciumes :
Enche o ar de mil perfumes,
Que nas brancas azas tem.

Leva, amor, os meus gemidos
Aos ouvidos do meu bem.

De vós, dryades formosas,
Saiba Glaura os meus amores;
Dai-lhe conchas, dai-lhe flores,
Dai-lhe lagrimas tambem.
Ah! pintai-lhe nesta fonte
Que será minha ventura,
Se nos braços da ternura
Deixa amante o seu desdem.

Leva, amor, os meus gemidos
Aos ouvidos do meu bem.

XLVIII

A MAGOA

Hamadryade me disse,
Que fugisse d'este monte:
E na fonte e na floresta
Vi funesta a minha dôr.

Sobre nuvens, e entre raios,
Oh que monstro! a Febre vinha,
E na mão por lanças tinha
Os desmaios, o terror.
Mais cruel a morte a segue,
Espantosa, feia e dura,
Que só victimas procura,
Em que empregue o seu furor.

Hamadryade me disse,
Que fugisse d'este monte,
E na fonte e na floresta
Vi funesta a minha dôr.

Geme o pallido desgosto,
Envolvido em negro manto :
Geme e chora, e no seu pranto
Cobre o rosto o triste amor.
Tudo, ó céos! tudo me assusta :
Temo... ai ninfa desgraçada!
Temo estrella sempre irada,
Sempre injusta em seu rigor.

Hamadryade me disse,
Que fugisse d'este monte,
E na fonte e na floresta
Vi funesta a minha dôr.

Cede Glaura, ó campo! ó lares!
Cede aos miseros destinos,
E em seus olhos crystalinos
Dos pezares vejo a côr.
Onde estão os doces laços?
Onde estão? ah ver não quero!
Ai de mim! que mais espero
Já nos braços do pavor!

Hamadryade me disse,
Que fugisse d'este monte,
E na fonte e na floresta
Vi funesta a minha dôr.

O lamento, a mortal ancia
Me acompanhão nestes valles,
E esmorece em tantos males
A constancia e o valor.
Se te occulta a terra fria;
Que farei n'estes retiros?
Ouve, ó Glaura, ouve os suspiros,
Que te envia o teu pastor.

Hamadryade me disse,
Que fugisse d'este monte,
E na fonte e na floresta
Vi funesta a minha dôr.

XLIX

O RIO

Chora o rio entre arvoredos,
Nos penedos recostado :
Chora o prado, chora o monte,
Chora a fonte, a praia, o mar.

Vem as graças lagrimosas,
E os amores sem ventura
N'esta fria sepultura
Pranto e rosas derramar.
Por ti, Glaura, a natureza
Se cobrio de magoa e luto :
Quanto vejo, quanto escuto
É tristeza, e é pezar.

Chora o rio entre arvoredos,
Nos penedos recostado :
Chora o prado, chora o monte,
Chora a fonte, a praia, o mar.

A escondida, aspera furna
Deixão satyros agrestes,
E de lúgubres cyprestes
Vem a urna circular.
Vem saudades, vem delirios,
Vem a dôr, vem o desgosto
Co' cabellos sobre o rosto
Murta e lyrios espalhar.

Chora o rio entre arvoredos,
Nos penedos recostado :
Chora o prado, chora o monte,
Chora a fonte, a praia, o mar.

N'estes ramos flebil aura
Triste vôa e preza gira :
Glaúra aqui, e ali suspira,
Torna *Glaúra* a suspirar.
Echo, as dryades magôa,
O saudoso nome ouvindo ;
E na gruta repetindo,
Glaúra sôa e geme o ar.

Chora o rio entre arvoredos,
Nos penedos recostado :
Chora o prado, chora o monte,
Chora a fonte, a praia, o mar.

Glaura, ó morte enfurecida,
Espirou... que crueldade!
E podeste sem piedade
Sua vida arrebatar?
Cahe a noite, a nevoa grossa
Turba os céos co' manto escuro;
E eu afflicto em vão procuro
Quem me possa consolar.

Chora o rio entre arvoredos,
Nos penedos recostado :
Chora o prado, chora o monte,
Chora a fonte, a praia, o mar.

L

A LUA

Como vens tão vagarosa,
O' formosa e branca lua!
Vem co' a tua luz serena
Minha pena consolar.

Geme, oh céos! mangueira antiga
Ao mover-se o rouco vento,
E renova o meu tormento,
Que me obriga a suspirar.
Entre pallidos desmaios
Me achará teu rosto lindo,
Que se eleva, reflectindo
Puros raios sobre o mar.

Como vens tão vagarosa,
O' formosa e branca lua!
Vem co' a tua luz serena
Minha pena consolar.

Sente Glaura mortaes dôres:
Os prazeres se occultarão,
E no seio lhe ficarão
Os amores a chorar.
Infeliz! sem lenitivo
Foge tímida a esperança,
E me afflige co' a lembrança
Mais activo o meu pezar.

Como vens tão vagarosa,
O' formosa e branca lua!
Vem co' a tua luz serena
Minha pena consolar.

A cançada fantasia
N'esta triste escuridade,
Entregando-se á saudade,
Principia a delirar.
Já me assaltão, já me ferem
Melancolicos cuidados!
São espectros esfaimados,
Que me querem devorar.

Como vens tão vagarosa,
O' formosa e branca lua!
Vem co' a tua luz serena
Minha pena consolar.

Oh que lugubre gemido
Sahe daquelle cajueiro!
É do passaro agoureiro
O sentido lamentar!
Puro amor!... terrivel forte!...
Glaura bella... infausto agoiro!...
Ai de mim! e o meu thesoiro,
Impia morte, has de roubar?

Como vens tão vagarosa,
O' formosa, e branca lua!
Vem co' a tua luz serena
Minha pena consolar.

LI

A DOR

Vive, ó Glaura, n'estes valles
De meus males a memoria :
Muda historia que me pinta
Nunca extincta a magoa, a dôr.

Torno a ver este alto monte,
E os antigos árvoredos :
Torno a ver estes rochedos,
E da fonte o puro humor.
Companheira das desgraças,
Tudo a morte desfigura :
Já voarão co' a ventura
Ternas graças, brando amor.

Vive, ó Glaura, n'estes valles
De meus males a memoria :
Muda historia que me pinta
Nunca extincta a magoa, a dôr.

O meu canto harmonioso
Estes bosques aprenderão,
Quando as ninfas prometterão
Fim ditoso ao meu ardor.
Onde, ó barbaro destino,
Onde estão as vãs promessas?
Na minha alma as deixa impressas,
O ferino teu rigor.

Vive, ó Glaura, n'estes valles
De meus males a memoria :
Muda historia que me pinta
Nunca extincta a magoa, a dôr.

Amoroso os meus tributos
N'este ramo pendurava :
Eu fugia e Glaura achava
Ora os fructos, ora a flor.
Hoje, ó céos! o meu espanto
N'estes funebres retiros
Vê saudades, vê suspiros,
Triste pranto e feio horror.

Vive, ó Glaura, n'estes valles
De meus males a memoria :
Muda historia que me pinta
Nunca extincta a magoa, a dôr.

Nunca extincta!... ingrata estrella!
Nunca mais eu hei de ver-te?
Ai de mim! e ha de perder-te,
Glaura bella, o teu pastor?
Só tu, dryade, me escutas,
Encostada ao duro tronco!
E gemendo o fauno bronco
Enche as grutas de pavor.

Vive, ó Glaura, n'estes valles
De meus males a memoria
Muda historia que me pinta
Nunca extincta a magoa, a dôr.

LII

A ROSEIRA

Ah roseira desgraçada
Dedicada aos meus amores,
Tuas flores mal se abrirão,
E cahirão de pezar!

Quando Glaura me dizia,
Que era sua esta roseira,
De esperança lisongeira
Me sentia consolar.
Mas a sorte, que invejosa
Este alivio não consente,
Não ha mal, que não invente
Rigorosa em maltratar.

Ah roseira desgraçada,
Dedicada aos meus amores,
Tuas flores mal se abrirão,
E cahirão de pezar!

Da risonha primavera
Esperei os dias bellos:
Glaura... oh dôr! os teus cabellos
Quem podéra coroar.
Já não vives, oh que magoa!
E a roseira que foi tua,
Eu a vejo esteril, nua,
Junto d'agoa desmaiar.

Ah roseira desgraçada,
Dedicada aos meus amores,
Tuas flôres mal se abrirão,
E cahirão de pezar!

Parca iniqua, atroz, funesta,
Era teu o infausto agoiro;
Já levaste o meu thesoiro,
Mais não resta que roubar.
Nem as florês permittiste...
Oh! que barbara impiedade!
Fica só cruel saudade,
Fica o triste suspirar.

Ah roseira desgraçada,
Dedicada aos meus amores,
Tuas flores mal se abrirão,
E cahirão de pezar!

De teus ramos a belleza
Era o mimo d'estes prados;
Move agora, ó impios fados!
De tristeza a lamentar.
Horrorosos são meus males;
Tudo encontro em nevoa escura;
Vem comigo a desventura
Estes valles assombrar.

Ah roseira desgraçada,
Dedicada aos meus amores,
Tuas flores mal se abrirão,
E cahirão de pezar!

LIII

ORFEO

Quando a esposa procuraste,
Abrandaste o reino triste;
E inda viste a formosura
Sem ventura, ó doce Orfèo.

O trifauce cão raivoso
T' escutou cheio de espanto:
O inflexivel Rhadamanto
Lagrimoso se moveo.
Cahe das mãos o fio á parca:
Ergue atroz Megera a fronte:
Tua dôr sentio Charonte,
E da barca s' esqueceo.

Quando a esposa procuraste,
Abrandaste o reino triste,
E inda viste a formosura
Sem ventura, ó doce Orfêo.

Cóme Tántalo esfaimado:
De Ixion se aparta o medo:
Deixa Sizyfo o rochedo,
E sentado adormeceo.
Não temeste o vulto afflicto
Da tartarea antiga noite,
Que medonha o ferreo açoite
No Cocyto suspendeo.

Quando a esposa procuraste,
Abrandaste o reino triste,
E inda viste a formosura
Sem ventura, ó doce Orfêo.

A pezar do fero damno,
Só Eurydice buscavas:
Só Eurydice choravas,
E Summano a concedeo.
Tu a vês saudoso e terno;
Ah cruel e vão prodigio!
Foge a sombra pelo Estygio,
E no Averno em fim gemeo.

Quando a esposa procuraste,
Abrandaste o reino triste,
E inda viste a formosura
Sem ventura, ó doce Orfêo.

Glaura aqui... aqui se esconde
Vida, amor, gosto e belleza...
Glaura!... oh céos! mortal tristeza
Me responde já morreo!
Mas infausta a morte gira
Sempre surda a meu lamento;
E de mágoa e de tormento
Rouca a lyra emmudeceo.

Quando a esposa procuraste,
Abrandaste o reino triste,
E inda viste a formosura
Sem ventura, ó doce Orfêo.

LIV

A ARVORE

Adeos, arvore frondosa,
Venturosa em toda a idade!
O' saudade, ó pena, eu morro
Sem soccorro a delirar!

D'este bosque alto e sombrío
Sobre a margem da floresta
Vinha Glaura pela sésta
Valle e rio enamorar.
Tua dryade a chamava,
O' mangueira, ó dias bellos!
E entre pomos amarelhos
Me esperava a suspirar.

Adeos, arvore frondosa,
Venturosa em toda a idade!
O' saudade, ó pena, eu morro
Sem soccorro a delirar!

Quando o vento estremecia
N'essa rama verde escura,
Glaura chea de ternura
Se affligia de esperar.
Os teus fructos merecerão
Ser por ella preferidos,
E o meu pranto, e os meus gemidos
A souberão abrandar.

Adeos, arvore frondosa,
Venturosa em toda a idade!
O' saudade, ó pena, eu morro
Sem soccorro a delirar!

Morte iniqua... ai, fado escuro!
Céo piedoso, eu esmoreço!
Tudo sente o que eu padeço;
Quanto é duro o meu penar!
Onde eu via as tenras flores
Vejo cardos, vejo espinhos:
Já não ouço os passarinhos
Seus amores gorgear.

Adeos, arvore frondosa,
Venturosa em toda a idade!
O' saudade, ó pena, eu morro
Sem soccorro a delirar!

Ai de mim, ó vida triste!
Dôr cruel, terna lembrança!
Acabou minha esperança,
Só existe o meu pezar.
Glaura, ah! Glaura! em vão te chamo!
Chora amor e quasi espira,
E me manda a doce lyra
Neste ramo pendurar.

Adeos, arvore frondosa,
Venturosa em toda a idade!
O' saudade, ó pena, eu morro
Sem soccorro a delirar.

LV

AS CORDEIRINHAS

Cordeirinhas innocentes,
Descontentes na espessura,
A ventura já perdemos,
Comecemos a morrer.

Pôde, ó Glaura, o fatal dia
Arrancar-te dos meus braços!
Ai amor, ai ternos laços
Onde eu via o meu prazer.
Só por Glaura se alegravão
Faunos, dryades, pastores:
Estes campos, estas flores
Respiravão só de a ver.

Cordeirinhas innocentes,
Descontentes na espessura,
A ventura já perdemos,
Comecemos a morrer.

Neste misero destroço
Vem, ó parca endurecida,
Córta os fios d' uma vida,
Que não posso já soffrer.
O silencio triste e mudo
Vive nesta soledade,
Vive a funebre saudade,
Que faz tudo enternecer.

Cordeirinhas innocentes,
Descontentes na espessura,
A ventura já perdemos,
Comecemos a morrer.

Geme Glaura; mas não chora,
Ai de mim que o seu gemido,
Na minha alma repetido
Inda agora a faz tremer!
Quasi immovel e turbada
Co' a mão trémula m' acena;
Eu a vejo, ó céos, que pena!
Descorada esmorecer.

Cordeirinhas innocentes,
Descontentes na espessura,
A ventura já perdemos,
Comecemos a morrer.

Disse em fim : « Adeos, ó prados,
« Ah pastor! as crias bellas...
« Que momento!... ah possão ellas
« Teus cuidados merecer! »
Falta a voz... não lhe permitte
Fria morte; acerbas mágoas!
Já meus olhos não tem agoas,
Nem limite o padecer.

Cordeirinhas innocentes,
Descontentes na espessura,
A ventura já perdemos,
Comecemos a morrer.

LVI

Á MORTE

O prazer, a singeleza,
A belleza, que em ti via,
N'um só dia, ingrata sorte!
Tudo a morte me roubou.

Esculpido na memoria
Amo, ó Glaura, o teu semblante;
N'elle vejo a cada instante
Essa gloria que passou.
Volve o rio as puras agoas,
Vai correndo e não descança;
Assim foi minha esperança,
E só magoas me deixou.

O prazer, a singeleza,
A belleza, que em ti via,
N'um só dia, ingrata sorte!
Tudo a morte me roubou.

N'este bosque, em verde leito,
Que já foi por ti ditoso,
Leio o nome teu saudoso,
Que em meu peito o amor gravou.
Este monte, que já viste
Pelas graças habitado,
D'ellas hoje desprezado,
Feio e triste se tornou.

O prazer, a singeleza,
A belleza, que em ti via,
N'um só dia, ingrata sorte!
Tudo a morte me roubou.

Glaura chamo sem conforto,
E só echo me responde:
Glaura busco e não sei onde,
Nem se morto ou vivo estou.
Assim triste passarinho
A consorte em vão procura,
Que farpada setta dura
Do seu ninho arrebatou.

O prazer, a singeleza,
A belleza, que em ti via,
N'um só dia, ingrata sorte!
Tudo a morte me roubou.

Voráz tempo não consome,
Nem abranda meus pezares,
Nem eu deixo estes lugares
Que o teu nome eternisou.
Entre os concavos rochedos
Chorarei enternecido,
Onde amor compadecido
Meus segredos sepultou.

O prazer, a singeleza,
A belleza, que em ti via,
N'um só dia, ingrata sorte!
Tudo a morte me roubou.

LVII

A SAUDADE

Tudo, ó Glaura, tudo existe
Feio e triste de saudade :
Vôa a idade e não consome
O teu nome e o meu amor.

Ai de mim, a noite escuta
Pavorosa o som das agoas!
Turbarei co' as minhas magoas
Desta gruta o mudo horror.
Vem, ó morte, eu não m' espanto;
Vem cruel, armada e fera :
Rouco e funebre te espera
O meu pranto, a minha dôr.

Tudo, ó Glaura, tudo existe
Feio e triste de saudade :
Vòa a idade e não consome
O teu nome e o meu amor.

Entre as mãos do fado acerbo
Eu te vi desfalecida,
Qual a pomba já ferida
Do soberbo, iniquo açor.
Tal a ovelha mais formosa
Levas, tigre ensanguentado :
Assim rompes, tosco arado,
A mimosa e tenra flor.

Tudo, ó Glaura, tudo existe
Feio e triste de saudade :
Vôa a idade e não consome
O teu nome e o meu amor.

Com pezar, e com desgosto
Espiritou minha alegria
Quando, ó céos! no infausto dia
O teu rosto vi sem côr.
Os teus olhos... ah! que eu sinto
Mais intensa a magoa dura!
Eu os vi em sombra escura,
Já extincto o esplendor.

Tudo, ó Glaura, tudo existe
Feio e triste de saudade :
Vôa a idade e não consome
O teu nome e o meu amor.

Sobre a penha afflicto e terno
Gravarei funesta historia ;
E das ninfas na memoria
Fique eterno o meu ardor.
Cercarei de rôxos lyrios
O lugar em que descanças :
Ai, perdidas esperanças,
Vãos delirios do pastor!

Tudo, ó Glaura, tudo existe
Feio e triste de saudade ;
Vôa a idade e não consome
O teu nome e o meu amor.

LVIII

O SOL

Quando vejo o sol doirado
Desmaiado sobre as agoas,
Crescem magoas n'alma afflicta,
E palpita o coração.

Oh memoria! oh desventura!
Glaura aqui se demorava,
E comigo respirava
A frescura no verão.
Infeliz! já n'estes montes
Deu á parca o seu tributo;
Com saudade e eterno luto
Estas fontes choraráõ.

Quando vejo o sol doirado
Desmaiado sobre as agoas,
Crescem magoas n'alma afflicta,
E palpita o coração.

Rizos, graças, que tormento!
D'estes valles se apartarão,
E fugindo, me deixarão
Só lamento e confusão.
Falta ás dryades mimosas
A belleza que perderão;
Pelos troncos se esconderão...
Lagrimosas inda estão!

Quando vejo o sol doirado
Desmaiado sobre as agoas,
Crescem magoas n'alma afflicta,
E palpita o coração.

Ah depois que meus amores
Virão Glaura em ferreo somno,
Não me alegra mais o outono,
Nem das flores a estação!
Busco fúnebres lugares
Nos penhascos desabridos:
Levo a dôr, levo gemidos,
E pezares e afflição.

Quando vejo o sol doirado,
Desmaiado sobre as agoas,
Crescem magoas n'alma afflicta,
E palpita o coração.

É tão barbaro e tão fero
O rigor da minha sorte;
Que a funesta e surda morte
Triste espero e chamo em vão.
Doce amor, ah que esta pena
Meus prazeres não restaura;
Ou me torna a linda Glaura,
Ou modera tal paixão!

Quando vejo o sol doirado,
Desmaiado sobre as agoas,
Crescem magoas n'alma afflicta,
E palpita o coração.

LIX

ADEOS Á LYRA

Adeos, lyra; a mão cançada
Pendurada aqui te deixa,
E se queixa da ventura;
Ai, ternura, ai, doce amor!

Já o Anfriso em rude teto
Te escutou, ó lyra d' oiro,
Quando vio o moço loiro,
Que de Admeto foi pastor.
Pelas grutas esquecido,
Mudo satyro te ouvia :
Brando zèfiro attendia,
Suspendido e sem rumor.

Adeos, lyra; a mão cançada
Pendurada aqui te deixa,
E se queixa da ventura;
Ai, ternura, ai, doce amor!

Arrojado ao pego turvo,
Arion harmonioso
Foi comtigo venturoso
Sobre o curvo nadador.
Vio nos humidos lugares
Entre a turba sem limite,
Glaura, Doris e Amphytrite,
E dos mares o senhor.

Adeos, lyra; a mão cançada
Pendurada aqui te deixa,
E se queixa da ventura;
Ai, ternura, ai, doce amor!

C' os teus sons, mais do que humano
Commóveo os duros troncos,
Arrastou rochedos broncos
O thebano fundador.
Tu venceste o carrancudo,
Negro Averno, sempre afflicto;
E abrandaste do Cocyto
O sanhudo ladrador.

Adeos, lyra; a mão cançada
Pendurada aqui te deixa,
E se queixa da ventura;
Ai, ternura, ai, doce amor!

Geme agora; se é que viste
Espirar... e nos meus braços...
Glaura... oh céos! oh puros laços!
Dia triste! horrivel dôr!
Rouca a voz... o peito frio...
Vista incerta... ai, Glaura! oh! sorte!
Tremo... choro... insulto a morte,
Desafio o seu rigor.

Adeos, lyra; a mão cançada
Pendurada aqui te deixa,
E se queixa da ventura;
Ai, ternura, ai, doce amor!

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

GLAURA

POEMAS EROTICOS

II

MADRIGAES

MADRIGAES

I

Suave fonte pura,
Que desces murmurando sobre a arêa,
Eu sei que a linda Glaura se recrêa
Vendo em ti de seus olhos a ternura ;
Ella já te procura ;
Ah como vem formosa e sem desgosto !
Não lhe pintes o rosto :
Pinta-lhe, ó clara fonte, por piedade
Meu terno amor, minha infeliz saudade.

II

Ninfas e bellas graças,
O amor se occulta e não sabeis aonde :
As vossas ameaças
Elle ouve, espreita, ri-se e não responde.
Mas, ah cruel! e agora me traspassas?
Ninfas e bellas graças,
O amor se occulta; eu já vos mostro aonde;
N'este peito, ai de mim! o amor se esconde!

III

Voai, suspiros tristes;
Dizei á bella Glaura o que eu padeço,
Dizei o que em mim vistes,
Que choro, que me abraso, que esmoreço.
Levai em roxas flores convertidos
Lagrimosos gemidos que me ouvistes:
Voai, suspiros tristes;
Levai minha saudade;

E, se amor ou piedade vos mereço,
Dizei á bella Glaura o que eu padeço.

IV

Dryade, tu que habitas amorosa
Da mangueira no tronco áspero e duro,
Ah recebe piedosa
A grinalda, que terno aqui penduro!
Pela tarde calmosa
Glaura saudosa e bella
Te busca, e vem com ella mil amores;
Mil suspiros te deixo entre estas flores.

V

Folha por folha, e cheio de ternura
Beijarei esta angelica mimosa,
Beijarei esta rosa,
Que hão de adornar de Glaura a formosura.
Ah ventura! ventura,
Comigo sempre esquiva,

Mostra-te compassiva a meus amores.
Beije Glaura estas flores,
E os encontrados beijos
Dêm novo e puro ardor a meus desejos.

VI

Neste áspero rochedo,
A quem imitas, Glaura sempre dura,
Gravo o triste segredo
D'um amor extremoso e sem ventura.
Os faunos da espessura
Com sentimento agreste
Aqui meu nome cubrão de cypreste;
Ornem o teu as ninfas amorosas
De goivos, de jasmins, lyrios e rosas.

VII

O' sombra deleitosa,
Onde Glaura se abriga pela sesta,
Em quanto o ardor do sol os prados cresta,

Ah defende estes lyrios e esta rosa.
E, se a ninfa mimosa
Perguntar quem colheo as lindas flores,
O' sombra deleitosa,
Dize-lhe que os amores
E a tímida ternura
Do pastor namorado e sem ventura.

VIII

Adeos, ó doce lyra;
Ficarás neste ramo pendurada.
Ao vento, que suspira,
Responda a tua voz triste e cançada.
Já foste dedicada
Ao puro amor, ás graças melindrosas:
Ellas gemem saudosas,
E o misero pastor chorando espira.
Adeos, ó doce lyra,
Fiel e desgraçada;
Ficarás neste ramo pendurada.

IX

O' mangueira feliz, verde e sombria,
Conserva estes de amor fiéis tributos;
Assim no secco agosto a nevoa fria
Não venha destruir teus novos frutos.
É este o fausto dia,
Que vio nascer de Glaura a formosura:
Chegue aos céos a ternura
Deste voto sincero;
E alegre eu ver espero,
Que triumphem da sorte e de seus damnos
A belleza, o amor, a gloria, os annos.

X

Dias infaustos, dias de ventura
Notou antigo povo, ó Glaura bella:
Uns louvão sua estrella;
Outros chamão a sorte ingrata, escura.

Minha estrella benigna ou sorte dura
Dos teus olhos depende :
Amor o sabe, e quem de amor entende;
Pois não póde haver dia venturoso,
Se padeço saudoso ;
Nem dia desgraçado,
Se consigo feliz teu doce agrado.

XI

Basta, basta : encalhemos,
Sem fortuna e sem gloria
Leve barquinho meu, ah não deixemos
De misero naufragio triste historia!
Basta, basta : encalhemos ;
E nos muros de Gnido por memoria
De cançadas fadigas penduremos
As ancoras, os remos,
O leme destroçado, as rotas vellas,
Vão ludibrio das horridas procellas.

XII

Suave primavera,
Coroada de flores,
Oh quem gosar podera
O prazer venturoso dos pastores!
Constante por meu mal nos seus rigores,
Glaura por ti suspira,
Ao campo se retira e lá te espera;
Suave primavera,
Coroada de flores,
Vem risonha alegrar os meus amores.

XIII

Cruel melancolia,
Companheira infeliz da desventura,
Se aborreces a luz do claro dia,
E te alegras no horror da noite escura,
Minha dôr te procura,
Pavorosa apalpando a escuridade,
A lugubre saudade

Te espera : ah não recêes a alegria,
Cruel melancolia,
Cruel ingrata e dura,
Companheira infeliz da desventura.

XIV

Do teu pastor, ó ninfa, alegra os olhos,
Os tristes olhos de chorar cançados :
Não vejão só abrolhos,
Vejão flores tambem por estes prados.
Seus miseros cuidados
O teu rosto converte em alegria.
Porque foges? ah vem ; e nesse dia
Feliz enxugue as lagrimas que chora.
Serás a bella Aurora,
Surgindo no horizonte,
Que annuncia prazer ao valle e ao monte.

XV

No ramo da mangueira venturosa
Triste emblema de amor gravei um dia,

E ás dryades saudoso offerecia
Os brandos lyrios e a purpurea rosa
Então Glaura mimosa
Chega do verde tronco ao doce abrigo...
Encontra-se comigo...
Perturbada suspira, e cobre o rosto.
Entre esperança e gosto
Deixo lyrios e rosas... deixo tudo;
Mas ella foge, ó céos! e eu fico mudo.

XVI

Guarda, cruel fortuna, poderosa
Os thesoiros de Midas e os de Creso;
Ouvindo as tristes magoas que padeço,
Seja a insensivel Glaura mais piedosa.
Chore um dia saudosa,
Suspire de ternura neste prado,
E mude em doce agrado os seus rigores:
Só por estes favores
Meu coração com rogos te importuna;
Guarda, cruel fortuna; eu não te peço
Os thesoiros de Midas, nem de Cresso.

XVII

Glaura, formosa Glaura, estes momentos
Como vão apressados!
Não correrão assim entre cuidados,
E miseros lamentos.
Puros contentamentos,
Que haveis de despertar minha saudade,
Demorai por piedade
Esta gloria de amor, esta ventura.
Ai, suave ternura!
Em negro carro a noite desce agora,
E no céo já scintilla a branca aurora.

XVIII

Suave agosto, as verdes laranjeiras
Vem feliz matisar de brancas flores,
Que, abrindo as leves azas lisongeiras,
Já zephyro respira entre os pastôres.
Nova esperança alenta os meus ardores

Nos braços da ternura.
O' dias de ventura,
Glaura vereis á sombra das mangueiras!
Suave agosto, as verdes laranjeiras
Co' a turba dos amores
Vem feliz matizar de brancas flores.

XIX

O' somno fugitivo,
De vermelhas papoulas coroado,
Torna, torna amoroso e compassivo
A consolar um triste e desgraçado.
Gemendo nesta gruta recostado,
Sinto mortal desgosto;
Não vejo mais que o rosto descorado
Da saudade e da magoa, com que vivo;
O' somno fugitivo,
Torna, torna amoroso e suspirado
A consolar um triste e desgraçado.

XX

Não fujas, vem, ó Glaura,
Piedosa consolar o meu tormento.
Já terna e feliz aura
Brando respira o perguiçoso vento:
Já cobrão novo alento
Os duros troncos, as mimosas flores.
Co' as graças e os amores
Alegre a natureza se restaura;
Não fujas, vem, ó Glaura,
Vem por um só momento
Piedosa consolar o meu tormento.

XXI

Mostras-me, ó Glaura, a bella raridade
De tres conchas formosas;
Mas eu te mostrarei da nossa idade
Tres maravilhas raras e extremosas.
Não são metaes, nem pedras preciosas,

Nem flores, que produz a natureza :
São a tua belleza, os teus rigores,
E os desgraçados meus fieis amores.

XXII

Já viste sobre o mar formando giros
D' aves ligeiras turba graciosa?
Assim vagão nos ares mil suspiros,
O' Glaura venturosa;
Mas se queres piedosa
Recolher o que leva as minhas dôres;
Não chames os que são de varias côres,
Nem verdes, nem azuis, nem côr de rosa;
Chama aquelle, que já cançado gira,
Que espira de ternura,
E as azas roxas tem de magoa pura.

XXIII

Copada laranjeira, onde os amores
Virão passar de agosto os dias bellos

Então de brancás flores
Adornaste risonha os seus cabellos.
A fortuna propicia aos teus disvellos
Annuncia feliz novos favores :
Glaura torna : ah conserva lisongeira,
Copada laranjeira por tributos
Na rama verde-escura os aureos frutos.

XXIV

Não desejo de Tempe o verde prado
Em perpetua e risonha primavera :
O valle não desejo de Cythera
Sempre de puros lyrios esmaltado :
Se chego a merecer teu doce agrado,
O' Glaura, que ventura!
N'esta alegre espessura,
A' sombra recostado,
Veio de Tempe e de Cythera as flores,
E as lindas graças e os fieis amores.

XXV

Suspiro lagrimoso
Que foges do meu peito sem ventura,
Se queres ser ditoso,
A bella Glaura enternecer procura.
Mostra-lhe o doce amor, a magoa pura,
O misero tormento,
Cruel tristeza e funebre lamento
De quem morre saudoso :
Suspiro lagrimoso,
Se queres ter ventura,
A bella Glaura enternecer procura.

XXVI

Vês, ninfa, em alva escuma o pégo irado
Que as penhas bate com furor medonho ?
Inda o verás risonho e namorado
Beijar da longa praia a ruiva arêa :
Doris e Galatea

Verás em concha azul sobre estas agoas.
Ah Glaura! ai, tristes magoas!
Socega o mar quando repousa o vento;
Mas quando terá fim o meu tormento?

XXVII

Neste lugar saudoso,
O' doce lyra, o puro amor cantemos;
A's grutas ensinemos
Da bella Glaura o nome venturoso.
Ao som do teu suspiro harmonioso
Parou o vento: a fonte não murmura.
Lyra... Amor... que ternura! suspiremos
N'este lugar saudoso,
E ás grutas ensinemos
Da bella Glaura o nome venturoso.

XXVIII

Crescei, mimosas flores,
Adornai a verdura d'este prado:

Já zephyro apparece entre os amores
Risonho e socegado :
Da amavel primavera o doce agrado
Novo prazer inspira ás graças bellas :
Verei brincar entre ellas
A ninfa mais cruel nos seus rigores.
Crescei, mimosas flores;
Fugio o inverno triste e congelado;
Adornai a verdura d'este prado.

XXIX

Não desprezes, ó Glaura, entre estas flores,
Com que os prados matiza a bella Flora,
O jambo, que os amores
Colherão ao surgir a branca aurora.
A dryade suspira, geme e chora
Afflicta e desgraçada.
Ella foi despojada... os ais lhe escuto...
Verás n'este tributo,
Que por sorte feliz nasceo primeiro,
Ou fructo que roubou da rosa o cheiro,
Ou rosa transformada em doce fructo.

XXX

Rochedo suspirado,
Conserva por piedade estes gemidos,
Até que um dia amor menos irado
Os leve em roxas flores convertidos.
Serão da bella Glaura recebidos;
Mas ai que o seu rigor não tem mudança,
E até falta a esperança ao desgraçado!
Rochedo suspirado,
Já que ouviste os meus ais enternecidos,
Conserva por piedade estes gemidos.

XXXI

Se eu conseguisse um dia o ser mudado
Em verde beijaflor, oh que ventura!
Desprezara a ternura
Das bellas flores no risonho prado.
Alegre e namorado
Me verias, ó Glaura, em novos giros
Exhalar mil suspiros,

Roubando em tua face melindrosa
O doce nectar de purpurea rosa.

XXXII

Jasmins e rosas tinha
Para adornar o tronco da mangueira :
A' fonte Glaura vinha,
Escondi-me entre a rama lisongéira :
Fiquei a tarde inteira
A ver as perfeições da minha amada ;
Mas quando recostada
Principia a cantar os meus amores,
Deixo cahir as flores,
Ella me vè e exhala... que ventura !
Dois suspiros de amor e de ternura !

XXXIII

Temi, ó Glaura bella, os teus rigores,
O duro coração e o peito esquivo :
Cessou esse motivo dos temores,
Depois que me mostraste o puro agrado :

Ah verei n'este prado
Algum dia risonha a primavera?
Doce prazer feliz minha alma espera;
Mas temo a sorte dura
Que inda pode roubar-me esta ventura.

XXXIV

Ditoso e brando vento, por piedade
Entrega á linda Glaura os meus suspiros;
E voltando os teus giros,
Vem depois consolar minha saudade.
Não queiras imitar a crueldade
Do injusto amor, da triste desventura,
Que empenhada procura o meu tormento.
Ditoso e brando vento,
Vôa destes retiros,
E entrega á linda Glaura os meus suspiros.

XXXV

Sonhei que o duro amor me conduzia
Da Gavia (4) ao alto cume:

Que de lá me arrojava o fero nume,
E entre penêdos sobre o mar cahia.
Crucl melancolia
Desde então me apresenta esta pintura.
Ai, Glaura! quanto temo a desventura,
E este sonho terrivel que ameaça
Triste ruina e misera desgraça!

XXXVI

Desejos voadores,
Levai á bella Glaura os meus gemidos;
Levai enternecidos mil amores
N'esta purpurea rosa :
E se a ninfa cruel e rigorosa
Mostrar algum receio;
Ah deixa-lhe cahir no branco seio
Tristes saudades, lagrimas e dôres.
Desejos voadores
De puro amor nascidos,
Levai á bella Glaura os meus gemidos.

XXXVII

Innocentes pastores,
Fugi, fugi de amor que vos engana :
Promette mil favores,
Em quanto aguça a setta deshumana.
Vós o vereis depois com furia insana
Corações abrasar em vivo lume :
Vereis cruel ciume,
Ancias, cuidados, magoas e temores.
Innocentes pastores,
Fugi, fugi de amor que vos engana :
C'os lindos olhos da gentil serrana.

XXXVIII

Aura benigna e pura, se eu podera
Co' a magoa, em que deliro,
Mover o coração da ingrata e fera...
Mas quem ha de levar d'este retiro
O meu terno suspiro á bella Glaura?

- Aura! respondes, ninfa, que me ouviste
Do seio triste d'essa brenha escura.
- Aura benigna e pura,
Ah leva o meu suspiro lagrimoso,
E chegue a ser por ti mais venturoso!

XXXIX

Fugi, tristes cuidados,
Não é vossa de amor a bella palma:
Deixa-me respirar dos verdes prados
A suave alegria em doce calma.
Não turbeis a minha alma:
Fugi, tristes cuidados:
Para fazer meus dias desgraçados
Basta a cruel fortuna,
Cruel, iniqua, barbara, importuna.

XL

Não tardes, bella Glaura,
Vem colher n'este prado as lindas flores:

Os risos e os amores co' a leve aura
Do favonio suave já te esperão.
As dryades descerão
Deste bosque sombrio, e cuidadosas
Te preparão jasmins, lyrios e rosas.
Meu triste alento e meus fieis ardores
C'os teus olhos restaura.
Não tardes, bella Glaura,
Vem colher n'este prado as lindas flores.

XLI

Em vão se esforce a ira
Dos fugitivos, ruinosos annos;
Isento de seus damnos
Seja o voto de amor que amor inspira.
Pendente fique a lyra
N'este ramo frondoso por memoria
Da minha triste historia:
Que eu não verei o fim de tantos males,
O' Glaura, ó fonte, ó tronco, ó rio, ó valles!

XLII

Glaura, mimosa Glaura, deixa o monte,
Vem gosar a frescura d'este prado :
Cahe o sol desmaiado
Entre pallidas nuvens no horisonte.
O zephyro saudoso e namorado
Te espera, sobre as azas suspendido ;
O meu terno gemido
Verás triste, infeliz quasi affogado
Nas agoas d'esta fonte.
Glaura, mimosa Glaura, deixa o monte,
Vem gosar a frescura d'este prado.

XLIII

Suspiros já cançados,
Repousai por um pouco entre estas flores :
Glaura virá e os candidos amores
A gosar a belleza d'estes prados.
Cahe a sombra dos montes elevados :

Abranda o loiro sol os seus ardores:
A flauta dos pastores
Respira alegre em echos alternados.
Suspiros já cançados
Co' as minhas tristes dôres,
Repousai por um pouco entre estas flores.

XLIV

Não desmaies, ó rosa;
Que nasceste entre espinhos escondida.
Conserva a tua purpura mimosa,
Até que sejas d'outra mão colhida.
Glaura vem; puro zephyro a convida:
Virão com ella os risos e os amores
Colhêr no verde prado as lindas flores.
Ornarás seus cabellos venturosa:
Não desmaies, ó rosa,
Conserva-te escondida,
Até que sejas d'outra mão colhida.

XLV

Entre flores as graças vi um dia
A' sombra d'estes álamos frondosos:
Vi suaves prazeres amorosos,
E a ventura, que premios repartia.
Glaura amante me ouvia;
Mas ah que d'essa gloria
Só existe a memoria e o desejo!
Pois se Glaura não vejo n'este prado,
Meu amor desgraçado em vão procura
As graças, os prazeres e a ventura.

XLVI

O' garça voadora,
Se além do golfo inclinas os teus giros,
Ah leva os meus suspiros
A' mais gentil pastora d'esses montes!
Não temo que te enganes; prados, fontes,
Tudo se ri com ella;
Não é, não é tão bella,

Quando surge no céo purpurea aurora;
O' garça voadora,
Se além do golfo inclinas os teus giros,
Ah leva por piedade os meus suspiros!

XLVII

O hinverno congelado
As montanhas cobrio de aguda neve
Já nos humidos ares enlutado
Co' a noite se confunde o dia breve.
Ai, Glaura! que este prado
Despojado se vê das bellas flores!
Os risos, os prazeres e os amores
Chorão por ti saudosos;
Torna a fazer meus dias venturosos:
Ah se a gloria de ver-te hoje tivera,
Hoje mesmo sería a primavera.

XLVIII

Vem, ó Glaura mimosa,
O abrigo d'estes valles te convida:

Verás gruta escondida e deleitosa,
Que musgosa e feliz teu nome aprende.
Benigno o amor defende estes oiteiros :
Não temas os chuveiros,
Nem que o raio estrondoso as nuvens abra,
Tocando o sol na cabra luminosa.
Vem, ó Glaura mimosa,
Doce ternura, e vida;
O abrigo d'estes valles te convida.

XLIX

Flexivel jasmineiro,
Cobre os teus ramos de cheirosas flores :
Favonio lisongeiro
Já torna a ver as ninfas e os pastores.
Glaura, vem; terno amor, ah que favores
Não espera alcançar um puro amante?
N'este ditoso instante
Foge veloz o ardente fevereiro.
Flexivel jasmineiro,
Cobre os teus ramos de cheirosas flores;
Que ellas hão de adornar os meus amores.

L

Ao longe a bella Glaura me apparece;
Não sei que resplendor nos ares vejo!
O coração, a lingua desfalece,
Entre suspiros vôa o meu desejo!
Em vão, em vão forcejo:
Piedade, amor, soccorro;
Que de prazer e de ternura morro!
E se este puro effeito ao longe sinto,
Ao perto... ó céos! que imagens n'alma pinto!

LI

Cuidados tragadores,
Deixai-me respirar um só momento;
Que em misero lamento e tristes dôres
Me vai fugindo a vida.
A sombra da mangueira me convida:
O zephyro mimoso, a fonte pura,
Tudó, tudo murmura de saudade!

O' doce amenidade! ó gratas flores!
Cuidados tragadores,
Deixai-me respirar um só momento;
Que eu já tórno infeliz ao meu tormento.

LII

Em triste solidão, onde o deixarão,
Gemia Philoctétes sem ventura:
E só nas mesmas pontas, que o passarão,
Do seu damno cruel estava a cura.
Assim, ai, sorte dura!
Assim suspiro, ó Glaura, assim lamento;
Pois no dia feliz, em que me virão,
Teus olhos me ferirão,
E n'este ardor violento
Só teus olhos abrandão meu tormento.

LIII

Tu és no campo, ó rosa,
A flor de mais belleza

De quantas produzio a natureza,
Que em tuas perfeições foi cuidadosa.
E se Glaura formosa
No seio dos prazeres te procura,
Qual outra flor será de mais ventura,
Ou mais digna de amor ou mais mimosa?
Tu és no campo, ó rosa,
A flor de mais ventura e mais belleza
De quantas produzio a natureza.

LIV

Aurora rutilante,
De quem foge assustada,
E triste e desmaiada a noite escura,
Torne comtigo em carro de diamante
Do novo dia a luz serena e pura.
Glaura espero... ó prazer! oh que ventura
Para o saudoso amante!
Aurora rutilante,
Vestida de mil côres,
Vem alegre animar os meus amores.

LV

O' tempo! ó triste morte,
Por quem tudo se abate, e se arruina,
Cahe o cedro mais forte,
E a soberba montanha o cóllo inclina.
O braço, que fulmina,
Sujeita o mundo ao vosso horrivel corte.
O' tempo, ó triste morte,
Glaura espirou... quem julgará segura
A flor, a tenra flor da formosura?

LVI

Mortal saudade, é esta a sepultura;
Já Glaura não existe;
Ah como vejo triste em sombra escura
O campo, que alegravão os seus olhos!
Duros espinhos, asperos abrolhos
Vejo em lugar das flores:
Chorai, ternos amores,
Chorai comigo a infausta desventura:

É esta a sepultura :
Meu coração á magoa não resiste :
Glaura bella, ai de mim! já não existe!

LVII

O' agoas de meus olhos desgraçados,
Parai que não se abranda o meu tormento!
De que serve o lamento
Si Glaura já não vive? Ai, duros fados!
Ai, miseros cuidados!
Que vos promettem minhas magoas? — « Agoas,
Agoas!... » Responde a gruta,
E a ninfa, que me escuta n'estes prados!
O' agoas de meus olhos desgraçados
Correi, correi; que na saudosa lida
Bem pouco ha de durar tam triste vida.

FIM.

NOTAS

As notas aos poemas eroticos de que se compõe a *Glaura de Alcindo* são em tam pequeno numero como insignificantes; ainda assim entendi não dever supprimi-las, respeitando a opinião do seu auctor, que as julgou necessarias.

(1) Alta e muito copada arvore de excellentes pomos do Brasil.

(2) O grande morcego, que se nutre de sangue e habita nos climas quentes.

(3) Rio onde se acham muitos diamantes no Serro do Frio.

(4) Alta serra na visinhança do Rio de Janeiro.

INDICE

O DESERTOR

POEMA HEROI-COMICO.

Discurso sobre o mesmo. 5
Canto I. 11
Canto II. 26
Canto III. 36
Canto IV. 47
Canto V. 64
Notas. 77

GLAURA

POEMAS EROTICOS.

A Alcindo Palmireno, rondó por um amigo e compatriota. 85

PRIMEIRA PARTE. — RONDÓS.

I. — Anacreonte. . 91
II. — A luz do sol. 94

III. — O cajueiro. ... 97
IV. — O pombo. 100
V. — A serpente.. 103
VI. — A praia. 106
VII. — O beijaflor. 109
VIII. — A lembrança saudosa.. 112
IX. — O beijaflor.. 115
X. — O amante infeliz. 118
XI. — O jasmineiro. 121
XII. — A Napéa.. 124
XIII. — A pomba. 128
XIV. — O amor armado. 132
XV. — O retrato. 135
XVI. — A cincta de Venus.. 138
XVII. — Doris e Galatéa. 141
XVIII. — A aurora. 144
XIX. — O meio dia. 147
XX. — A tarde. ... 150
XXI. — A noite. 153
XXII. — Os amores perdidos. 156
XXIII. — O amante saudoso. 159
XXIV. — O prazer.. 162
XXV. — A alegria... 165
XXVI. — O amante satisfeito. 168
XXVII. — Glaura dormindo. 171
XXVIII. — Dezembro. 174
XXIX. — Amor mudado em abelha. 177
XXX. — O desejo. 180
XXXI. — Os cantos amorosos. 183
XXXII. — Echo. 186
XXXIII. — O cajuciro. ... 189
XXXIV. — Amor irado. 192
XXXV. — O desgosto. 196
XXXVI. — A primavera. 199
XXXVII. — A mangueira.. 202
XXXVIII. — A rosa. 205
XXXIX. — A maré. 208

XL. — O bosque. 211
XLI. — Os segredos. 214
XLII. — O bosque dos amores. 217
XLIII. — O amor. 220
XLIV. — A ausencia. 224
XLV. — Os suspiros.. 228
XLVI. — A lyra desgraçada. 230
XLVII. — As graças. 232
XLVIII. — A magoa.. 234
XLIX — O rio. 237
L. — A lua. 240
LI. — A dôr. 243
LII. — A roseira. 246
LIII. — Orfeo. 249
LIV. — A arvore.. 252
LV. — As cordeirinhas.. 255
LVI. — Á morte.. 258
LVII. — A saudade. 261
LVIII. — O sol. 264
LIX. — Adeos á lyra. 267

SEGUNDA PARTE. — MADRIGAES.

I. — Suave fonte pura. 273
II. — Ninfas e bellas graças. 274
III. — Voai, suspiros tristes. 274
IV. — Dryade, tu que habitas amorosa. 275
V. — Folha por folha e cheio de ternura. 275
VI. — N'este aspero rochedo. 276
VII. — O' sombra deleitosa. 276
VIII. — Adeos, ó doce lyra. 277
IX. — O' mangueira feliz, verde e sombria.. 278
X. — Dias infaustos, dias de ventura. 278
XI. — Basta, basta : encalhemos. 279
XII. — Suave primavera. 280
XIII. — Cruel melancolia.. 280
XIV. — Do teu pastor, ó ninfa, alegra os olhos.. 281

XV. — No ramo da mangueira venturosa. 281
XVI. — Guarda, cruel fortuna, poderosa. 282
XVII. — Glaura, formosa Glaura, estes momentos.. 283
XVIII. — Suave agosto, as verdes larangeiras. 283
XIX. — O' somno fugitivo. 284
XX. — Não fujas, vem, ó Glaura. 285
XXI. — Mostras-me, ó Glaura, a bella raridade. 285
XXII. — Já viste sobre o mar formando giros. 286
XXIII. — Copada larangeira, onde os amores.. 286
XXIV. — Não desejo de Tempe o verde prado. 287
XXV. — Suspiro lagrimoso. 288
XXVI. — Vês, ninfa, em alva escuma o pégo irado. 288
XXVII. — N'este logar saudoso.. 289
XXVIII. — Cresceí, mimosas flores.. 289
XXIX. — Não desprezes, ó Glaura, entre estas flores.. 290
XXX. — Rochedo suspirado.. 291
XXXI. — Se eu conseguisse um dia o ser mudado.. 291
XXXII. — Jasmins e rosas tinha. 292
XXXIII. — Temi, ó Glaura bella, os teus rigores. 292
XXXIV. — Ditoso e brando vento, por piedade. 293
XXXV. — Sonhei que o duro amor me conduzia. 293
XXXVI. — Desejos voadores. 294
XXXVII. — Innocentes pastores. 295
XXXVIII. — Aura benigna e pura, se eu podéra. 295
XXXIX. — Fugi, tristes cuidados. 296
XL. — Não tardes, bella Glaura. 296
XLI. — Em vão se esforce a ira'. . . 297
XLII. — Glaura, mimosa Glaura, deixa o monte. 298
XLIII. — Suspiros já cançados. 298
XLIV. — Não desmaies, ó rosa. 299
XLV. — Entre flores as graças vi um dia.. 300
XLVI. — O' garça voadora. 300
XLVII. — O hinverno congelado. 301
XLVIII. — Vem, ó Glaura mimosa. 301
XLIX. — Flexivel jasmineiro. 302
L. — Ao longe a bella Glaura me apparece.. 303
LI. — Cuidados tragadores. 303

LII — Em triste solidão, onde o deixarão. 304
LIII. — Tu és no campo, ó rosa.. 304
LIV. — Aurora rutilante.. 305
LV. — O' tempo! ó triste morte!. 306
LVI. — Mortal saudade, é esta a sepultura. 306
LVII. — O' aguas de meus olhos desgraçados!. 307

Notas.. 309

PARIZ. — TYP. DE SIMON RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.

CATALOGO

DA LIVRARIA

DE B. L. GARNIER

RIO DE JANEIRO

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIS, MESMA CASA, RUA DES SAINTS-PÈRES, 6, E PALAIS-ROYAL, 215

Todos os livros mencionados neste catalogo poderão tambem ser mandados pelo correio mediante o augmento de 15 °/₀ sobre o preço dos mesmos

Nº 23

OBRAS PRINCIPAES

JORNAL DAS FAMILIAS

PUBLICAÇAO MENSAL, ILLUSTRADA, LITTERARIA, ARTISTICA, RECREATIVA, ETC.

ORNADO DE FIGURINOS, VINHETAS, GRAVURAS SOBRE AÇO, AQUARELLAS, SEPIAS, PEÇAS DE MUSICA, DESENHOS DE TRABALHOS SOBRE TALAGARSA, DE CROCHET, DE PONTO DE MEIA, LÃA E BORDADOS, MOLDES DE VESTIDOS, CAPAS, E EM GERAL DE TUDO O QUE É CONCERNENTE A TRABALHOS DE SENHORAS.

A redacção d'esta linda publicação, unica no seu genero em portuguez, é a mesma que a da *Revista Popular*, já conhecida de ha quatro annos pelo seu talento e pela moralidade que preside aos seus escriptos, que serão sempre variados, instructivos e amenos. A confecção material tambem nada deixa a desejar; a impressão é feita com muito esmero, e das gravuras musicaes, etc., estão encarregados os melhores artistas de París.

AS ASSIGNATURAS SÃO ANNUAES :

Para a côrte e Nitherohy.	10 $ 000
Para as provincias	12 $ 000

A BIBLIA
SAGRADA

TRADUZIDA EM PORTUGUEZ SEGUNDO A VULGATA LATINA

ILLUSTRADA COM PREFAÇÕES

POR ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO

OFFICIAL QUE FOI DAS CARTAS LATINAS DE SECRETARIA D'ESTADO

E DEPUTADO DA REAL MESA DA COMMISSÃO GERAL SOBRE O EXAME E CENSURA DOS LIVROS

SEGUIDA

DE NOTAS PELO REV^o CONEGO DELAUNAY

CURA DE SAINT-ETIENNE-DU-MONT, EM PARIS

D'UM DICCIONARIO EXPLICATIVO DOS NOMES HEBRAICOS, CHALDAICOS, SYRIACOS E GREGOS E D'UM DICCIONARIO GEOGRAPHICO E HISTORICO

E APPROVADA

POR MANDAMENTO DE S^A. EXC^A. REV^MA. O ARCEBISPO DA BAHIA

EDIÇÃO ILLUSTRADA COM GRAVURAS SOBRE AÇO

ABERTAS POR ED. WILMANN

SEGUNDO

RAPHAEL, LEONARDO DE VINCI, O TICIANO, POUSSIN HORACIO VERNET, MURILLO, VANLOO, ETC.

2 bellos volumes ricamente encadernados em Paris.

HISTORIA DO BRASIL

TRADUZIDA DO INGLEZ DO ROBERTO SOUTHEY

PELO

D^R. LUIZ JOAQUIM DE OLIVEIRA DE CASTRO

E ANNOTADA PELO CONEGO

D^R. J. C. FERNANDES PINHEIRO

6 magnificos volumes primorosamente impressos e encadernados em Pariz. .36 $ 000

LIVRO DE LEMBRANÇAS

Ou memento diario, dando por cada dia do anno meia folha de papel em branco para fazer qualquer assento ou lembrança, e contendo : Uma lista dos principaes habitantes da côrte com suas moradas e profissões, um calendario, os ministerios, os dias de gala e feriados, todos os detalhes relativos á partida dos correios, com a tabella do porte para fóra do imperio, segundo a convenção feita com o governo francez, a taxa dos preços dos carros publicos, as horas de sahida dos vapores tanto do exterior como da côrte, a taxa do sello das lettras, um quadro do anno civil para facilidade de calcular-se os dias entre duas datas, e um de reducção dos pesos e medidas, uma taboa do cambio da moeda ingleza em reis, um quadro de juros de qualquer somma de 1 a 24 %, etc., etc.

Todos reconhecem a utilidade d'este livro. Como memorial, tem-se sempre á vista, *dia por dia*, qualquer assento ou lembrança de qualquer cousa que se tenha de fazer ou que esteja feita; e assim é o unico meio de evitar esquecimentos muitas vezes prejudiciaes, tornando-se por isso indispensavel a todos os particulares, casas de commercio, escriptorios, administrações, etc., etc.

1 volume elegantemente encadernado.. 2 $ 000

RELIGIÃO

CASTIGO DE DEOS. 1 vol. brochado. . . . . 5 $ 000

DEVERES DOS HOMENS, ou Moral do christianismo explicada por Silvio Pellico.
1 vol. brochado . . . . . 1 $ 000
Encadernado. . . . . 1 $ 500

LIÇÕES SOBRE A INFALLIBILIDADE e o poder temporal dos papas, pelo Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães. 1 vol. brochado. . 2 $ 000

NENIA IMPROVISADA, recitada e offerecida a SS. MM. o Imperador e a Imperatriz do Brasil por occasião de celebrar-se a missa pelo anniversario do passamento da Senhora D. Maria II, pelo Dr. José Thomaz d'Aquino. 1 vol. br. 2 $ 000

NOVISSIMAS ORAÇÕES SACRAS e panegyricas, por um Benedictino. 2 vol.
brochados. . . . . 2 $ 000
Encadernad . . . . . 3 $ 000

RESPOSTA DE UM CHRISTÃO ÁS PALAVRAS D'UM CRENTE, pelo padre Bautain. 1 vol. brochado. 5 $ 000

SERMÕES DO PADRE JOAQUIM DA SOLEDADE PEREIRA. 2 vol. in-4 brochados. 5 $ 000

TENTATIVA DE PONTIFICIDIO, ou o attentado dos Jesuitas contra a vida do papa Pio IX, opusculo manuscripto expedido de Roma para todas as cidades catholicas, relatando todos os precedentes e circumstancias que attingírão a este doloroso e horrivel acontecimento. 1 vol. brochado. 4 $ 000

LIVROS DE EDUCAÇÃO, CLASSICOS DE INSTRUCÇÃO, ETC.

ADAPTAÇÃO DO NOVO CURSO PRATICO, ANALYTICO, THEORICO E SYNTHETICO DA LINGUA INGLEZA, de T. Robertson, ao ensino da mocidade brasileira e portugueza, por Joaquim Russell. 3 vol. in-4. 10 $ 000
Cada volume contendo 20 lições vende-se separadamente ao preço de. 4 $ 000

ADAPTAÇÃO do novo curso pratico, analytico, theorico e synthetico da lingua ingleza, de **T. ROBERTSON**, ao ensino da mocidade brasileira e portugueza, por Joaquim Russell, obra adoptada pelo conselho de instrucção publica para uso do Imperial Collegio de Pedro II, 3ª edição, 3 vol. in-4 encadernados. 15 $ 000
Cada volume vende-se em separado.. 5 $ 000

Inutil seria fazer a apologia do methodo de Robertson, hoje quasi que geralmente adoptado para o ensino das linguas vivas, e ainda para o das mortas; convinha porém que accommodado fosse elle á mocidade que falla o idioma portuguez, e para esse fim importava que houvesse quem, possuindo amplo conhecimento das duas linguas, mostrasse as relações que entre ellas existem, e quaes as suas differenças caracteristicas. D'esse trabalho incumbio-se o Sr. Dr. Joaquim Russell, a quem longa pratica do magisterio habilitára para introduzir entre nós um systema cuja proficuidade é reconhecida por todo o mundo civilisado. Desapparecêrão as difficuldades outr'ora quasi que insuperaveis, que se oppunhão ao estudo do inglez, e hoje qualquer pessoa, ainda sem o soccorro de mestre, poderá, graças a Robertson e ás judiciosas applicações que do seu methodo fez o Sr. Dr. Russell, aprender com perfeição e em muito pouco tempo uma das mais necessarias linguas que se fallão nas cinco partes do mundo.

A LINGUA FRANCEZA ENSINADA PELO SYSTEMA OLLENDORFF. Novo methodo pratico e theorico confeccionado para os Brasileiros pelos professores Carlos Jansen e Francisco Polly. 1 vol. in-4° encadernado.

Este Methodo, o mais seguido hoje na Europa, recommenda-se á primeira vista pela singeleza da forma, e pelo desenvolvimento facil, mas constante, de seu abundante material.
Diz o Sr. Ollendorff no prefacio de suas obras :
« Meu systema de ensinar uma lingua moderna tem por base o principio que quasi toda a

pergunta encerra o material da resposta que se deve ou póde dar. A pequena differença entre a pergunta e a resposta explica-se previamente de maneira que o alumno nenhuma difficuldade encontrará em responder ou mesmo em formar outras semelhantes phrases. Como pergunta e resposta são analogas, o alumno, ouvindo proferir a primeira, facilmente saberá pronunciar a segunda. Este principio é tão evidente, que salta á vista ao abrir este methodo. »

AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOÉ, traduzidas do original inglez por DE FOË. . . . 5 $ 000

Robinson Crusoé é uma d'essas obras primas que chegárão ás extremidades do mundo conhecido e forão traduzidas em todas as linguas. A obra de Daniel de Foë é, na verdade, uma das mais interessantes e uteis que se possa offerecer á mocidade. « E' impossivel, disse um critico judicioso, achar uma ficção mais seguida, um interesse mais vivo, lições mais aproveitaveis. »

Uma boa traducção d'esta obra prima não póde portanto deixar de ser bemvinda. A que acabão de dar á luz os Srs. Garnier irmãos merece a todos os respeitos ser bem acolhida pelo publico. Consta de dous volumes nitidamente impressos, e illustrados com 24 lindas gravuras.

AVILA (JOSÉ JOAQUIM DE). **Elementos de Algebra**. 1 vol. in-4.. 2 $ 600

— **Elementos de Algebra** para uso dos collegios de instrucção secundaria. 1 vol. in-4.. 3 $ 000

— **Elementos de Arithmetica**. Compendio approvado pelo conselho de Instrucção Publica, e adoptado pelo Imperial Collegio de Pedro II, pelas escolas publicas, e por muitos collegios da côrte e do interior. 1 vol. in-4.

— **Elementos de Arithmetica** (Resumo), Compendio adoptado pelo conselho director da Instrucção Publica, com approvação do governo, para uso dos collegios de instrucção primaria. 1 vol. in-4.

Sendo as sciencias mathematicas um dos ramos de conhecimentos mais necessarios para o uso da vida, indubitavel é que presta relevante serviço quem põe-nas ao alcance das juvenis intelligencias. E' por certo um d'esses felizes iniciadores o Sr. major do corpo d'engenheiros e lente jubilado da escola de marinha José Joaquim d'Avila, autor da obra supramencionada. Conforme o juizo de pessoas competentes, consultadas officialmente, as obras do Sr. major Avila que de preferencia deve consultar a juventude para a boa comprehensão d'estas materias, servindo de prova d'esta aperção o benigno acolhimento com que foi recibido, e a sua adopção não só para o Collegio de Pedro II e Escolas militares, como ainda para as classes d'instrucção primaria ao municipio da côrte e da provincia ao Rodizanino.

† **BARKER** (ANTONIO MARIA). **Compendio da doutrina christãa**, que, para se salvar, deve cada um saber, crer e entender. 1 vol. brochado 2 $ 000

— **Compendio de civilidade christãa**, para se ensinar praticamente aos meninos. 1 vol. brochado 2 $ 000

— **Rudimentos arithmeticos**, ou taboadas de sommar, diminuir, multiplicar e dividir, para por ellas se ensinarem aos meninos pratica e especulativamente as quatro operações dos numeros inteiros, com as principaes regras dos quebrados e decimaes. 1 vol. brochado . . . 2 $ 000

— **Syllabario portuguez**, ou Arte completa de ensinar a ler por methodo novo e facil, 2 partes. . . . 4 $ 000

Cada parte vende-se em separado. 2 $ 000

— **Bibliotheca juvenil**, ou Fragmentos moraes, historicos, politicos, litterarios e dogmaticos extrahidos de diversos autores e offerecidos á mocidade brasileira. 1 vol. in-8 encadernado. 2 $ 000

CATECHISMO DE NOÇÕES GERAES explicadas á primeira infancia, publicado para uso das crianças em Portugal, nas provincias ultramarinas e no Brasil, pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis. 1 vol. brochado. . 1 $ 000

COMPENDIO DA GRAMMATICA DA LINGUA PORTUGUEZA, da primeira idade, por Cyrillo Dilermando da Silveira, obra adoptada pelo conselho de instrucção publica. 1 vol. in-8 encadernado . . . . . 2 $ 000

D'entre as numerosas grammaticas que se tem escripto para o ensino da lingua portuguzao nem uma póde competir em clareza, methodo e concisão com a que ora annunciamos. D'esta verdade convencêrão-se o Conselho director da instrucção primaria e secundaria do municipio da côrte e a Directoria geral da instrucção publica da provincia do Rio de Janeiro, adoptando-a para o uso das escolas primarias. Pondo em contribuição as doutrinas dos melhores grammaticos, soube o Sr. Cyrillo Dilermando extrahir d'ellas o que era absolutamente indispensavel o comprehensivel á primeira infancia, a quem particularmente consagra o seu livro. Enumerando com rara precisão as regras, colloca embaixo de cada pagina, com as respectivas referencias, um questionario; satisfeito o qual, fica o alumno por si mesmo convencido de saber a sua lição sem que necessite recorrer a outro. Numa palavra o *Compendio de Grammatica portugueza* do S. Cyrillo é uma das obras mais elementares que possuimos, e cujo merito abonão não só as approvações que acima citámos, como o favoravel acolhimento que tem recebido tanto nesta como nas demais provincias do imperio.

DICCIONARIO ITALIANO-PORTUGUEZ E PORTUGUEZ-ITALIANO, por Antonio Bordo. 2 fortes vol. in-8 grande, bem encadernados. 14 $ 000

Ficou por muitos annos esquecido entre nós o estudo da lingua italiana, apezar de sua reconhecida utilidade, da sua nomeada belleza, e da facilidade com que, em razão da sua analogia com o idioma brasileiro, podia ser adoptada pelos litteratos de nossa terra: não faltárão recommendações de homens illustrados, que, compenetrados da necessidade de popularisar no Brasil a litteratura classica italiana, a mais rica talvez entre todas, para desenvolver no paiz o genio litterario e apurar o nosso gosto, conseguírão por fim que fosse ensinada em cadeiras publicas; hoje portanto tornou-se a lingua italiana de uso geral, e necessaria entre pessoas illustradas; nenhuma das senhoras brasileiras de delicada educação póde ignorar um idioma que adquire, fallado por ellas, ainda maior graça e suavidade. O Diccionario do Sr. *Bordo*, composto á vista dos mais distinctos escriptores da Italia, e em conformidade com o grande Diccionario *della Crusca*, offerece não sómente o mais rico thesouro de vocabulos exactamente traduzidos, como as regras de sua verdadeira pronuncia, e torna-se sufficiente para perfeita intelligencia de qualquer obra italiana, sendo, além d'isso, o primeiro e unico auxilio para a traducção da lingua italiana em portuguez ou da portugueza em italiano.

DICCIONARIO DAS PALAVRAS DE CORNELIO NEPOS, pelo Dr. Joaquim Marcos de Almeida Rego, obra approvada pelo conselho de instrucção publica e adoptada no Imperial Collegio de Pedro II. 1 vol. in-12 encadernado. 1 $ 500
A mesma obra com o Cornelio. 1 vol. encadernado. . 2 $ 000

ELEMENTOS DE ARITHMETICA para instrucção primaria, por Joaquim Romão Lobato Pires. 1 vol. encadernado.. . 1 $ 500

ELEMENTOS DE GEOMETRIA, Trigonometria rectilinea e espherica, por Bezout. 1 vol. in-8 com estampas, encadernado. . 3 $ 000

ELEMENTOS DE PHILOSOPHIA, compendio apropriado á nova forma de exames da escola de medicina do Rio de Janeiro, por Moraes e Valle. 2 tomos encadernados em 1 vol. in-4 . . . . 6 $ 000

ENCYCLOPEDIA DA INFANCIA, ou primeiros conhecimentos para uso dos meninos. 1 v. in-12, illustrado com muitas lindas gravuras.

Esta pequena obra é uma d'aquellas cuja leitura póde ser de mais proveito para os meninos. E' illustrada com lindas gravuras, e contêm. sob uma forma agradavel, os elementos dos primeiros conhecimentos. Pelos titulos de alguns capitulos d'este livro poder-se-ha apreciar a sua utilidade: Aos meninos que começão a ler. — Deos creador de todas as cousas. — O universo. — O sol. — As estrellas. — Os planetas. — A terra. — A lua. — Eclipses da lua e do sol. — O homem. — Homens de differentes côres. — Os animaes. — Os quadrupedes. — As aves. — Principaes povos e cidades da Europa. — Principaes povos e cidades da Africa. — Principaes povos e cidades da America. — Principaes povos e cidades da Oceania. — Povos mais celebres da antiguidade. — Religião dos Gregos e dos Romanos ou a Mythologia. — Divisão do tempo. — Principaes linguas antigas.

ENSAIO SOBRE ALGUNS SYNONYMOS da lingua portugueza, por D. Fr. F. de S. Luiz, 2 tomos encadernados em 1 vol. 4 $ 000

† **ESTUDOS SOBRE O ENSINO PUBLICO**, pelo Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães. 2 vol. brochados. . . 7 $ 000

GRAMMATICA DA LINGUA ITALIANA, seguida de algumas observações por ordem alphabetica, por Falletti. 1 vol. brochado 2 $ 000

LIÇÕES MORAES E RELIGIOSAS, para uso das escolas de instrucção primaria, com approvação do Exmo Bispo Capellão-Mór conde de Irajá, e do conselho e directoria da instrucção da provincia do Rio de Janeiro, por José Rufino Rodrigues Vasconcellos, chefe de secção da 4ª directoria geral da secretaria de estado dos negocios da guerra, cavalleiro da ordem de Christo, membro fundador e ex 1° secretario do Conservatorio Dramatico Brasileiro. 1 vol. in-8. . . . . 2 $ 000

LIVRARIA CLASSICA PORTUGUEZA. Excerptos dos principaes autores portuguezes de boa nota, assim prosadores como poetas; obra collaborada por muitos dos primeiros escriptores actuaes da lingua portugueza, e dirigida por Antonio Feliciano de Castilho e José Feliciano de Castilho; 2ª edição publicada sob os auspicios de S. M. F. el-rei D. Fernando, de Portugal.

MANUAL DA CONVERSAÇÃO E DO ESTYLO EPISTOLAR para o uso dos viajantes e da mocidade das escolas; **Portuguez-francez**; por Carolino Duarte. 1 vol. elegantemente cartonado. . . 1 $ 000

Portuguez-inglez, por Carolino Duarte e Clifton. 1 vol. elegantemente cartonado. . . . . 1 $ 000

MANUEL DE LA CONVERSATION et du style épistolaire à l'usage des voyageurs et de la jeunesse des écoles; en six langues: **Français-Anglais-Allemand-Italien-Espagnol-Portugais**, por Clifton, Vitali, Ebeling, Bustamante e Duarte. 1 vol. relié . . 3 $ 000

† **METHODO FACIL PARA APRENDER A LER.** 1 vol. encadernado. . 500

NOÇÕES PRATICAS E THEORICAS DA LINGUA ALLEMÃA, compostas para servirem de compendio no Imperial Collegio de Pedro II, por BERTHOLD GOLDSCHMIDT, professor no mesmo collegio. 2 vol. in-8 brochados. 7 $ 000

Encadernados . 8 $ 000

Em duas partes divide-se esta interessante obra: na primeira busca o autor familiarisar o alumno com a lingua allemãa por meio de dialogos, exercicios e trechos litterarios. Buscando de preferencia para assumpto d'esses dialogos objectos triviaes, chama d'esta arte sobre elles a attenção, ao passo que fixa-os na memoria fazendo-os decorar e copiar repetidas vezes. Consagra a segunda parte ao estudo das regras, acompanhando-as logo da necessaria applicação. O emprego dos exames, ou questionarios, collocados no fim de cada regra, tem a summa vantagem d'adestrar os alumnos na conversação, obrigando-os a estudarem e repetirem essas mesmas regras. O methodo do Sr. professor Goldschmidt tem todas as vantagens do ensino pratico sem participar de nenhum dos seus vicios, habilitando o alumno desde a primeira lição a construir orações semelhantes ás que são dadas para modelo.

Importante é a segunda parte d'estas *Noções;* porquanto nellas encontrar-se-hão com a maior simplicidade as regras fundamentaes da grammatica, com a mais completa maneira de declinar os substantivos, assim como de conjugar os verbos regulares e irregulares. que, como é geralmente sabido, constituem a maxima difficuldade no estudo de qualquer lingua.

Reconhecida, como está, a vantagem de cultivar-se o idioma de Goëthe e de Schiller, nem um methodo nos parece para isso mais azado do que o do esclarecido professor do Imperial Collegio de Pedro II.

NOVA GRAMMATICA PORTUGUEZA-FRANCEZA, ou Methodo pratico para aprender a lingua franceza, seguida de um Tratado dos verbos irregulares e de exercicios progressivos para as differentes forças dos discipulos, por EDOUARD DE MONTAIGU. 2 nitidos vol. in-8 encadernados. 4 $ 000

Esta grammatica, fructo de muitos annos de pratica e experiencia, foi acolhida com applauso á sua apparição, não só pela imprensa brasileira, como tambem pelos professores.

Muito longo seria enumerar tudo quanto se disse a seu respeito; limitar-nos-hemos pois a transcrever aqui a opinião do *Jornal do Commercio* do 21 de novembro de 1861.

« O Sr. Garnier acaba de prestar mais um serviço ao ensino publico, imprimindo um d'esses livros uteis que nunca serão de mais, por maior que possa ser o seu numero. E' uma *nova grammatica franceza* escripta em portuguez pelo Sr. Eduardo de Montaigu, cuja longa pratica do magisterio o habilitava a conhecer a fundo as necessidades d'esta especie de ensino. Já tinhamos, é verdade, alguns bons trabalhos nesta especialidade; mas como nunca será possivel attingir a perfeição, sempre ha de ser um verdadeiro serviço apresentar outros novos, que, aproveitando o que nos anteriores houver aproveitavel, lhes vão pouco a pouco corrigindo os defeitos.

« A obra que temos presente recommenda-se pela clareza da exposição, e sobretudo pelo desenvolvimento dado a todas as partes do discurso, e especialmente aos verbos, que, como diz o autor, são a chave da lingua. Encontramos tambem a conjugação completa de todos os verbos irregulares simplices, com a indicação dos compostos que por elles se conjugão, o que é sem duvida um grande auxilio para os principiantes, e mesmo para os que já sabem alguma cousa.

« O methodo seguido é o que tão geralmente vai sendo adoptado, e que consiste em logo em seguida ás regras offerecer exercicios, por meio dos quaes o discipulo, applicando-as, fique insensivelmente com ellas gravadas na memoria, sem o aborrecido e enfadoubo trabalho de decora-las, que é o que tantas vezes faz esmorecer o alumno.

« A obra divide-se em dous volumes, dos quaes o primeiro contêm o que em rigor compõe uma grammatica, comprehendida a syntaxe, assaz minuciosamente explicada, afóra um vocabulario das palavras mais usadas nas duas linguas, emquanto o segundo é exclusivamente dedicado a progressivos exercicios praticos, que, ao passo que vão gradualmente iniciando os discipulos nas especialidades e finuras da lingua, o familiarisão com o estylo e os nomes dos mestres da litteratura, de cujas obras são tirados os differentes modelos que se apresentão.

« Obras como esta com prazer as registramos, abstendo-nos todavia de fazer comparações e estabelecer preferencias, que só podem ser dictadas pela pratica e exercicio do professorado. »

NOVA RHETORICA BRASILEIRA, pelo Dr. Antonio Marciano da Silva Pontes, obra approvada pelo conselho director e adoptada para o Imperial Collegio de Pedro II. 1 vol. in-4 brochado. 5 $ 000
Encadernado. 6 $ 000

NOVO SYSTEMA PARA ESTUDAR A LINGUA LATINA, por Antonio de Castro Lopes. 2 edição melhorada. Autorisado pelo Conselho de Instrucção Publica, adoptado no Imperial Collegio de Pedro II, e em muitos outros da côrte e das provincias. 1 vol. in-8. 5 $ 000

PINHEIRO (Conego Dr. J. C. Fernandes). **Catechismo da Doutrina Christãa**, composto para o ensino dos alumnos do Instituto dos Meninos Cegos; obra adoptada pelo Conselho de Instrucção publica para as escolas primarias da côrte, pelo Imperial Collegio de Pedro II, e muitos outros da côrte e do interior, approvada pelo Exmo. e Rev^mo. Sr. Bispo do Rio de Janeiro. 1 vol. in-8 grande. 1 $ 000

Bem ardua é a missão do que tem d'explicar ás enfantis intelligencias os sublimes mysterios da religião do Christo; e por isso, apezar da grande abundancia de catechismos e cartilhas, poucos ha que preenchão o seu fim. Neste ultimo caso está incontestavelmente o que para o uso dos jovens cegos compoz o Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro, quando foi pelo governo imperial incumbido de lecciona-los. Espargindo o perfume da elegancia e das graças do estylo, plantou a fé nesses corações que só á descrença parecião condemnados, e por veredas semeadas de flores conduzio seus neophytos ao redil da Igreja. Numa mui lisongeira carta que lhe dirigio, e da qual por modestia apenas dá-nos um extracto, reconhece o sabio bispo do Rio de Janeiro a excellencia do methodo do douto ecclesiastico, e recommenda o seu catechismo, cuja orthodoxia solemnemente proclama. Accedendo ao convite do santo prelado fluminense, apressou-se o Conselho da instrucção publica do municipio da côrte, e a Directoria das aulas da provincia do Rio de Janeiro, d'adopta-lo para o uso das classes primarias, exemplo este seguido por grande numero de collegios e casas d'educação. A terceira edição, que ora annunciamos, foi consideravelmente melhorada pelo autor, refundindo o seu plano em ordem a torna-lo cada vez mais apropriado ao seu fim, e annexando ao catechismo um appendice com as orações mais necessarias á vida d'um verdadeiro christão.

Curso elementar de litteratura nacional. 1 vol. in-4 nitidamente impresso e encadernado em París. 7 $ 000

De ha muito que sentia-se a necessidade d'um livro destinado á analyse das obras que no rico idioma de Camões e de Caldas se tem escripto.

Incompletos, e pela mór parte compostos em linguas estranhas, erão os trabalhos até agora entregues ao dominio publico, e vergonhoso era que, possuindo a mocidade brasileira e portugueza noções mais ou menos completas das litteraturas antigas e modernas, ignorasse quasi que completamente o que de bom possuia na sua. Para encher esse vazio, que por experiencia conheceo no magisterio exercido no Imperial Collegio de Pedro II, emprehendeo o Sr. Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro a confecção d'um *Curso elementar de litteratura nacional*. Desejoso de comprehender em limitado espaço abundancia de materia, incluio o illustre professor no seu trabalho a historia litteraria portugueza e brasileira, a bibliographia e a analyse summaria das obras de maior vulto escriptas num ou noutro lado do Atlantico. A maior imparcialidade dicta os seus juizos, e nem uma animosidade, nem um falso patriotismo envenena suas apreciações. Composta para o uso dos alumnos do ultimo anno do Imperial Collegio de Pedro II, tem a obra o cunho didactico, reunindo em si todas as vantagens de semelhantes escriptos.

— **Episodios da historia patria** contados á infancia, obra adoptada pelo conselho director da instrucção publica. 1 vol. in-8 encadernado. 2 $ 000

Derramar os conhecimentos uteis por todas as classes da população é por certo tarefa digna d'encomios; muito maior porém é o serviço ao paiz prestado, quando, deixando a sua cadeira

academica, vem sentar-se um litterato no banco das escolas, ensinando aos meninos os primeiros rudimentos da historia patria. Neste ultimo caso acha-se o Sr. Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, que, na phrase do S. Norberto, *ao passo que escreve para os sabios, com elles repartindo suas lucubrações, não se esquece da infancia, esboçando-lhe sem apparato d'erudição, ou alarde d'historiador, esses quadros da historia patria que tão facilmente se prestão á comprehensão infantil pelo seu colorido tão natural e tão cheio de novidade.*

Em trinta capitulos dividem-se a obrinha que annunciamos, e nelles se enumera o que ha de mais notavel nos annaes brasilicos, expostos com a maior simplicidade, e destinados a serem lidos com prazer, e, se possivel fôr, decorados pela infancia d'ambos os sexos. E' um admiravel diorama, que, variando sem cessar de vistas, recreia a imaginação e fortalece o espirito.

RECREAÇÃO BRASILEIRA, scientifica e moral, dedicada á mocidade de ambos os sexos, por Sebastião Fabregas Surigué. 1 vol. brochado. 320

THESOURO JUVENIL, ou noções geraes de conhecimentos uteis para uso das escolas, por Luiz Francisco Midosi. 1 vol. brochado . 6 $ 000

TRINOCQ (Camillo). **CURSO DE ESTUDOS ELEMENTARES.** Collecção de Tratadinhos separados, contendo as mais uteis noções ácerca dos principaes ramos de conhecimentos, comprehendendo :

— **Primeiro Livro de Leitura,** contendo : Syllabario, Orações, Historietas, Noções de Arithmetica, Modelos de Lettra manuscripta. 1 vol. in-8. 1 $ 000

— **Resumo da Geographia Geral,** antiga e moderna, 1 vol. in-8. 1 $ 000

— **Mythologia.** 1 vol. in-8. . . 1 $ 000

— **Resumo da Historia Santa,** contendo o Antigo e o Novo Testamento. 1 vol. in-8. . . . 1 $ 000

— **Resumo da Historia da Europa** Antiga. 1 vol. in-8. 1 $ 000

— **Resumo da Historia da Europa,** durante a Idade Media. 1 vol. in-8. 1 $ 000

— **Resumo da Historia da Europa** Moderna. 1 vol. in-8. . 1 $ 000

— **Resumo da Historia da America.** 1 vol. in-8. . 1 $ 000

— **Elementos de Algebra.** 1 vol. in-8. 1 $ 000

— **Elementos de Geometria.** 1 vol. in-8, comestampas.. 1 $ 000

— **Elementos de Astronomia,** seguidos de uma noticia ácerca do Calendario. 1 vol. in-8, com um Planisphero celeste. . . . 1 $ 000

Resumir em estreito quadro os factos que mais convem ao joven conhecer; coordenar o todo de maneira a ter entre suas partes relação e nexo; pôr estes conhecimentos ao alcance de todas as intelligencias pela simplicidade e concisão da redacção, eis o trabalho que o Sr. Camillo Trinocq emprehendeo. A experiencia do autor durante os muitos annos que se dedicou ao ensino tem-lhe provado que o melhor módo de apresentar á mocidade os elementos da sciencia era de tornar-lhe interessantes as noções, muitas vezes fastidiosas, por conterem desenvolvimentos fóra de seu alcance. Afim de exercer a memoria e a intelligencia dos alumnos sem cansaço, cada obra que compõe esta collecçao acha-se dividida em capitulos, os capitulos em secções ou paragraphos de poucas paginas, e cada uma das divisões é seguida de um questionario por onde o pai de familia, o mestre ou mestra, podem conhecer se o discipulo tem comprehendido o conteúdo de suas lições. Ora essa interrogação frequentemente repetida, e feita com desvelo, tem a vantagem de habituar cedo o alumno a exprimir-se com facilidade, de gravar sem esforço os factos em seu espirito, e, devendo elle dar conta da lição, de volve-lo mais attento, e por consequencia de abrir-lhe assim melhor as ideias : a reflexão é o ponto capital

de um bom methodo. Posto em pratica nas escolas, este modo de ensino, tão simples quão facil, ha de amenisar a tarefa do professor, ao mesmo tempo que ha de tornar mais proveitosos os estudos do alumno. Pois os Srs. directores de estabelecimentos de educação, e os pais de familia, não podem escolher obras mais apropriadas para um bom ensino elementar, porque na realidade não ha ainda um curso tão methodico e tão claro e que offereça num quadro tão limitado uma reunião de conhecimentos e de factos tão variados.

VOCABULARIO BRASILEIRO para servir de complemento aos diccionarios da lingua portugueza, por Braz da Costa Rubim. 1 vol. brochado. 1 $ 000

HISTORIA, GEOGRAPHIA, ETC.

ATLAS DE GÉOGRAPHIE ANCIENNE ET MODERNE à l'usage des collégcs et de toutes les maisons d'éducation, dressé par C. V. Monim et A. Vuillemin. 1 vol. in-fol. relié. 8 $ 000

BRASILEIRAS CELEBRES, pelo Sr. J. Norberto de Souza e Silva. 1 vol. encadernado. . . . 2 $ 000

Forma esta galeria de quadros historicos consagrada ao sexo feminino a primeira parte d'uma monumeutal obra que com o accordo e collaboração do Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro vai ser publicada com o titulo de Pantheon Brasileiro, na qualseraoi admittidos todos os que pelo seu saber, serviços e virtudes, tornárão-se credores da gratidão naco nal. O livro do Sr. Norberto, de que fazemos menção, forma o proscenio d'esse magestoso templo da gloria patria.

CASTRIOTO LUSITANO, ou Historia da guerra entre o Brasil e a Hollanda durante os annos de 1624 a 1654, terminada pela gloriosa restauração de Pernambuco e das capitanias confinantes : obra em que se descrevem os heroicos feitos do illustre João Fernandes Viéira, e dos valorosos capitães que com elle conquistárão a independencia nacional; por Fr. Raphael de Jesus. 1 vol. in-4. ornado com o retrato de João Fernandes Vieira e duas estampas historicas. . . . 5 $ 000

COMPENDIO DE GEOGRAPHIA offerecido ao governo de S. M. I., e por elle aceito, para o estudo dos alumnos do Imperial Collegio de Pedro II, pelo Dr. Justiniano José da Rocha. 1 vol. in-8. encadernado 2 $ 500

COMPENDIO DA HISTORIA ANTIGA, adoptado no Imperial Collegio de Pedro II, pelo Dr. Justiniano José da Rocha. 1 vol. in-4, encadernado. 2 $ 400

COMPENDIO DA HISTORIA DA IDADE MEDIA, adoptado no Imperial Collegio de Pedro II, pelo mesmo. 1 vol in-4, encadernado. 2 $ 400

O pensamento que levou este distincto publicista a escrever um curso d'historia universal, cujas duas primeiras partes ora annunciamos, foi por certo mui louvavel e digno d'incitação. Quiz o Sr. Dr. Rocha subtrahir seus jovens compatriotas á exclusiva influencia dos livros francezes, que, além de corromperem a linguagem vernacula pela falta que tem a mocidade do necessario antidoto, apresentão desfigurados os factos historicos quando a gloria ou o interesse do seu paiz a isso os convida. Accresce que nos compendios francezes occupa a historia de França um lugar tão saliente, tão grande desenvolvimento se lhe dá, que quasi desapparece a dos outros povos. Para sanar este inconveniente, compoz o autor a que nos referimos um resumo historico dos tempos antigos e medios, abrangendo os factos de maior magnitude, e que por isso mais facilmente se guardão na memoria da mocidade. Realçando a lucida exposição do seu assumpto com graças do estylo conseguio fazer uma obra que não só se torna de absoluta necessidade nas aulas, como ainda deve ornar todas as livrarias.

COMPENDIO DA HISTORIA DA IDADE MEDIA, ornado de um grande e magnifico mappa da invasão dos barbaros, e de quadros synchronicos, por J. B. Calogeras, obra adoptada pelo conselho de instrucção publica, com approvação do Governo Imperial. 2 vol. in-8, encadernados. 6 $ 000
O mappa vende-se em separado, preço. 2 $ 000

É o periodo da idade media o mais importante da historia por ser nelle que apparecêrão os povos que podemos considerar como progenitores dos que hoje capitaneão a civilisação. Distinctos escriptores hão consagrado suas pennas em diffundir luzes sobre o chaos que occulta a embryologia da moderna civilisação, e obras verdadeiramente monumentaes hão apparecido, principalmente em nosso seculo, quando os estudos d'erudição historica começárão a ser cultivados com ardor. Difficil porém sendo a acquisição de semelhantes obras, escriptas todas em linguas estranhas, ficava a juventude privada do fio conductor para penetrar em tal labyrintho. Conhecendo essa deficiencia, incumbio-se o Sr. J. B. Calogeras de suppri-la, organisando um compendio, onde, a par de solida erudição espargida em paginas de brilhante colorido, deparase com a clareza e ordem indispensaveis nos livros elementares. Para que melhor comprehendida fosse a exposição que fazia, enriqueceo o seu compendio com quadros synopticos que num relance d'olhos despertão as reminiscencias e fortificão a memoria. Recommendamos esta obra aos estudiosos da historia.

COMPENDIO DA HISTORIA ANTIGA, e particularmente da Historia Grega, seguido d'um compendio de Mythologia. 1 vol. in-8, encadernado. 2 $ 000

COMPENDIO DA HISTORIA ROMANA. 1 vol. in-8, encadernado. 2 $ 000

COMPENDIO DA HISTORIA SAGRADA, com as provas da religião por perguntas e respostas, para o uso das escolas. 1 vol. in-12, encadernado. 1 $ 000

† **COMPENDIO DA HISTORIA UNIVERSAL**, por Victor Duruy, ministro da Instrucção Publica de França e ex-Professor de Historia no Lyceo Napoleão; traduzido pelo padre Francisco Bernardino de Souza, Professor no Imperial Collegio de Pedro II. 1 vol. in 8.

ECHO DA GUERRA (O) : **Baltico, Danubio, Mar Negro,** por Léouzon le Duc; traduzido por D. P. e Silva, ornado de 4 retratos. 1 vol. in-8 brochado. 2 $ 000
Encadernado. 2 $ 500

EPITOME CHRONOLOGICO DA HISTORIA DO BRASIL, para o uso da mocidade brasileira, composto pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, dedicado (com per-

missão especial) pelos editores a Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil, ornado do seu retrato e d'um mappa do Brasil. 1 vol. in-8 encadernado. 3 $ 000

HISTORIA DA FUNDAÇÃO DO IMPERIO BRASILEIRO, por J. M. Pereira da Silva. Esta obra formará de 4 a 5 volumes, ao preço cada um de 5 $ 000

HISTORIA DO BRASIL, traduzida do inglez de Roberto Southey pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, e annotada pelo Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 6 magnificos volumes primorosamente impressos e encadernados em Paris 36 $ 000

A obra de Southey sobre o Brasil é um monumento historico de que se deve ufanar a terra de Santa-Cruz. O autor é um dos escriptores mais distinctos da soberba Inglaterra, e gozou dos fôros de poeta laureado. A sua historia, escripta imparcialmente e á vista de numerosos documentos ineditos que seu tio obtivera em Portugal, além das melhores obras dos autores portuguezes e brasileiros, vem preencher uma falta sensivel, e que descuido-fôra deixar existir por mais tempo.

A traducção, devida á penna do Sr. Dr. Luiz de Castro, é digna de ser apreciáda pelos puristas da lingua portugueza.

Apezar de ter bebido as suas informações em fontes puras, a obra de Roberto Southey resente-se de alguns erros devidos á falta de informações que forão reveladas posteriormente. Esses pequenos senões desapparecem ante as elucidações do Sr. J. C. Fernandes Pinheiro, abalisado archeologo brasileiro.

A imprensa da capital e das provincias do imperio recebeo com applauso a noticia da publicação d'esta obra, e a transmittio d'este modo a seus leitores:

« O livro que o Sr. Garnier vai publicar brevemente é uma traducção da *Historia do Brasil* de Roberto Southey.

« De tudo quanto se tem escripto sobre o Brasil, a obra de Southey é talvez a unica digna de attenção; dista tanto dos panegyricos de Reybaud como das petas aleivosas que á nossa custa o pintor Biard impinge aos Parisienses.

« Southey observou com criterio e escreveo quasi sempre com imparcialidade; apreciou justamente os factos, fallou com independencia. A edição ingleza da *Historia do Brasil*, hoje quasi esgotada, encontra-se difficilmente, e só póde adquirir-se por um preço fabuloso. Vertendo-a para o portuguez, não sei se o Sr. Garnier faz bom ou máo negocio, mas incontestavelmente presta um serviço aos Brasileiros.

« O Sr. conego Fernandes Pinheiro incumbio-se de rectificar em algumas notas uma ou outra apreciação menos exacta do escriptor inglez, corrigindo, em face de documentos posteriormente descobertos, pequenas faltas que se encontrão no livro de Southey. E' mais uma riqueza para a nova edição. Além de tudo isso, teremos a satisfação de ler a historia de Southey na lingua vernacula, que é para nós mais facil do que a ingleza. »

(*Correio Mercantil.*)

« Vamos finalmente ter uma traducção da *Historia do Brasil* de Roberto Southey.

« E' o melhor trabalho que tem sahido de uma penna estranha a respeito da nossa historia patria, e a falta que agora se repara constituia uma vergonha para nós.

« Roberto Southey prestou-nos um serviço, que nunca lhe agradecêrão.

« A traducção é feita pelo Sr. Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, e annotada pelo Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro.

« A edição, nitida e elegante, foi mandada fazer pelo Sr. B. L. Garnier. »

(*Diario do Rio de Janeiro.*)

« Brevemente será publicada pelo Sr. Garnier a excellente *Historia do Brasil* de Roberto Southey, traduzida em portuguez, e annotada pelo Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, cujo nome é tão vantajosamente conhecido na litteratura do paiz, cuja historia lhe é devedora de uteis e importantes trabalhos. » (*Correio da Tarde.*)

« Ninguem ha que deixe de ter conhecimento d'este magestoso monumento erguido á gloria nacional por mão estranha : poucos paizes são os que conhecem por propria leitura e que contêm esta excellente obra em suas estantes. Para isto concorria não só a sua carestia, por tornar-se cada vez mais rara, como por ella ser escripta em inglez, idioma infelizmente pouco cultivado entre nós.

« Graças, porém, á solicitude do Sr. B. L. Garnier pelo desenvolvimento litterario de nossa patria, vai ser dada ao prélo e proximamente será distribuida aos assignantes uma excellente versão da referida historia, devida á classica e elegante penna do Sr. Dr. Luiz de Castro, vantajosamente conhecido pelas suas publicações na *Revista Popular*, assim como pelas versões das obras de Gilbert e Wilson a respeito dos bancos e do credito publico.

« Cremos que, depois d'esta transformação por que vai passar a historia de Southey, será ella mais lida pelos Brasileiros e Portuguezes, e ainda pelos povos que fallão a lingua castelhana, por isso que ahi depararáõ com muitos capitulos relativos aos annaes dos povos hispano-americanos. Ganhando d'esta arte mais um bom livro para a nossa litteratura pelo que diz respeito á linguagem, conseguiremos que lida e estudada seja a nossa historia em uma de suas mais puras fontes.

« Como complemento de tão util obra, incumbio-se das notas e esclarecimentos de que carece o texto o Sr. conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. O nome de S^a. S^a., o ardente zelo que tem constantemente mostrado pelas cousas patrias, abonão sufficientemente a perfeição do trabalho que sobre si tomou, e fazem-nos esperar que rectificadas sejão as inexactidões que escapárão ao illustrado historiador inglez, já pela carencia de documentos, já pela sua manifesta antipathia contra a religião catholica, já finalmente pelo resentimento que vota contra as nações rivaes da sua, como a hespanhola, a hollandeza e a franceza.

« Dando aos leitores tão agradavel noticia, congratulamo-nos com o digno editor pelo pensamento que acaba de levar a effeito. » (*Correio Paulistano.*)

HISTORIA DO CONSULADO E DO IMPERIO, por A. Thiers. 11 vol. in-4 ornados de numerosas estampas, brochados. . . . . 33 $ 000
Encadernados . . . . 44 $ 000

HISTORIA SAGRADA ILLUSTRADA para o uso da infancia, seguida d'um appendice; contendo : 1° uma relação analytica dos livros do Antigo e Novo Testamento; — 2° uma tabella chronologica dos principaes acontecimentos; — 3° um vocabulario geographico explicativo dos nomes dos povos e paizes mencionados na mesma historia. — Composta pelo Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 1 vol. in-8. . . . . 2 $ 000

MAPPAS DO IMPERIO :

— **Pará e Alto Amazonas.** . 2 $ 500
— **Maranhão.** 2 $ 500
— **Ceará.** . . . 2 $ 500
— **Rio-Grande do Norte e Parahyba.** 2 $ 500
— **Pernambuco, Alagôas e Sergipe.** 2 $ 500
— **Bahia.** . 2 $ 500
— **Espirito Santo.** . . . 2 $ 500
— **Rio de Janeiro.** . . . 2 $ 500
— **S. Paulo.** . . . 2 $ 500
— **Santa Catharina.** . . . 2 $ 500
— **S. Pedro do Sul.** . . 2 $ 500

— **Minas Geraes** (2 folhas) . 5 $ 000

— **Goyaz** (2 folhas). 5 $ 000

— **Mato-Grosso** . 5 $ 000

— **Piauhy** 2 $ 500

— **Imperio do Brasil** (2 folhas). . 7 $ 000

Planta do Rio de Janeiro, levantada pelo engenheiro inglez da Companhia do Gaz JOHN EDGAR KER, por occasião de fazer as medições para o estabelecimento do gaz na côrte; 1 magnifica e grande folha impressa sobre excellente papel e collada sobre panno, envernisada, com páos, propria para ser dependurada em casas de commercio, escriptorios, gabinetes de estudo, salas, etc. 7 $ 000

PLANISPHERIO TERRESTRE, indicando as novas descobertas, as Colonias Europeas, e as linhas maritimas dos navios de vapor que fazem escala nos principaes portos de commercio, traçado por A. VUILLEMIN, geographo; traducção e correcção de CAROLINO DUARTE. (1 folha de 1 metro 30 cent. de comprimento sobre 90 cent. de largo.). 6 $ 000

Este planispherio, executado com extremo cuidado por M. Vuillemin, facilita particularmente o estudo da geographia, e permitte encerrar o todo do mundo em todas as suas partes.

Além de todas as novas descobertas que nelle figurão, está completamente ao nivel do progresso da sciencia.

Os diversos estados, suas possessões e colonias estão indicados por uma mesma côr, que torna a procura commoda e facil. Está preparado de maneira a poder ser com vantagem collocado em uma sala de jantar, sala de espera, em um vestibulo, etc.

MEMORIAS PARA A HISTORIA DO EXTINCTO ESTADO DO MARANHÃO, cujo territorio comprehende hoje as provincias do Maranhão, Piauhy, Grão-Pará e Amazonas; colligidas e annotadas por CANDIDO MENDES DE ALMEIDA. Tomo 1°: **Historia da Companhia de Jesus** na extincta provincia do Maranhão e Pará, pelo padre JOSÉ DE MORAES, da mesma companhia. 1 vol. in-4 de 554 paginas, brochado 6 $, bem encadernado. 7 $ 000

Esta obra constará de quatro volumes de mais de 500 paginas cada um, de que só o primeiro se acha publicado Os outros sahirão brevemente á luz.

É de muito interesse para as pessoas que cultivão a historia nacional, visto como formará uma collecção de todas as obras ineditas ou raras, de merecimento, que tratão da historia d'aquella parte do imperio.

Todas as obras que fizerem parte d'esta collecção serão acompanhadas de notas, e, sendo preciso, de mappas e planos indispensaveis á elucidação do texto, de modo a remover as duvidas e obscuridades ácerca da data de algum feito memoravel, do lugar do nascimento de algum Brasileiro illustre, da situação precisa de estabelecimento colonial ou aldeia hoje não existente, mas de interesse historico; bem como sobre a exactidão de nomes de individuos notaveis, hordas selvagens e povoações antigas, etc.

O primeiro volume publicado, e que se acha á venda na livraria Garnier, contêm a primeira parte da obra do padre José de Moraes, da Companhia de Jesus, que trata da historia d'essa celebre corporação no Maranhão e no Pará. Esta parte foi a unica que escapou do confisco feito ha um seculo nos papeis e bens dos Jesuitas.

A par dos feitos notaveis dos filhos d'esta congregação, vem muitos outros sobre o descobrimento, povoação e progresso d'aquellas provincias do norte, de que não havia noticia nas obras que correm impressas; e bem assim sobre o estado dos indigenas que as habitavão, das missões

que se emprehendêrão para attrahi-los ao gremio do christianismo, e sobre as lutas que travárão os colonos já com as indigenas, já com os Jesuitas que defendião sua liberdade, sendo muitos factos comprovados com documentos ineditos e importantes.

As pessoas que não quizerem possuir toda a collecção podem comprar qualquer das obras que se colleccionarem, quando a materia comportar um volume ou exceder, tendo nesse caso a obra titulo peculiar que dispense o de *Memorias*, o que já acontece com o primeiro tomo, que póde ser encadernado sem numeração, com o titulo de *Historia da Companhia de Jesus na extincta provincia de Maranhão e Pará.*

TRATADO DE GEOGRAPHIA ELEMENTAR, physica, historica, ecclesiastica e politica do Imperio do Brasil; obra inteiramente nova, composta pelo Dr. Amedeo Moure e pelo lente V. A. Maltebrun, dedicado a Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II, imperador do Brasil, e ornado de seu retrato. 1 vol. in-8, encadernado. 3 $ 000

VARÕES ILLUSTRES (Os) **do Brasil** durante os tempos coloniaes, por J. M. Pereira da Silva. 2 vol. in-4, brochados, 8 $ 000, encadern.. 10 $ 000

Esta obra, nitidamente impressa em París, mereceo elogios, pela sua materia e linguagem, de muitos jornaes francezes, portuguezes, italianos e allemães; é a historia politica, litteraria e scientifica do Brasil em quanto colonia.

DIREITO, ECONOMIA POLITICA, FINANÇAS COMMERCIO, ETC.

ANALYSE SOBRE A ESCRIPTURAÇÃO COMMERCIAL. 1 vol. in-4, brochado. 1 $ 000

ASSESSOR FORENSE (O), ou formulario de todas as acções commerciaes segundo o regulamento commercial de 25 de novembro de 1850, contendo : os modelos de todas as petições, despachos, termos, autos, allegações, embargos, sentenças, e finalmente todos os termos dos processos; seguido do processo das quebras, quer no juizo commercial, quer no juizo criminal, pelo Dr. Carlos Antonio Cordeiro. 1 vol. in-4, encadernado. 8 $ 000

Esta obra, elaborada com muito cuidado e minuciosidade, é de incalculavel proveito, não só para todas as pessoas do fôro, como mesmo para as que se dão á vida do commercio. É um excellente guia para a propositura de qualquer acção, seu andamento e solução no fôro commercial.

CAPITAL, CIRCULAÇÃO E BANCOS, por James Wilson, traduzido pelo Dr. Luiz Joaquim d'Oliveira Castro. 1 vol. in-4, impresso e encadernado em París. 6 $ 000

Tal é o titulo da obra (complemento quasi indispensavel do Tratado dos Bancos de Gilbart), formada da serie d'artigos que nos annos de 1844-1847 publicou no *Economista* o illustrado James Wilson. Ninguem desconhece a subida importancia dos objectos de que tratou, importancia tanto mais reconhecida no Brasil, onde as questões financeiras prendem-se ao futuro do paiz e constituem o principal embaraço para os estadistas. Assim pensando o Sr. Dr. Luiz Joaquim d'Oliveira e Castro, verteo para a linguagem vulgar a obra do economista inglez, prestando d'esta arte verdadeiro serviço aos que não possuem cabal conhecimento da lingua de Adão Smith para poder comprehender e apreciar o original.

CODIGO CRIMINAL DO IMPERIO DO BRASIL, contendo não só toda a legislação alterante ou modificante de suas disposições publicada até o fim do anno de 1860, como todas as penas de seus differentes artigos calculadas segundo os seus gráos e as diversas qualidades dos criminosos, pelo Dr. Carlos Antonio Cordeiro. 1 vol. in-4, brochado 4 $ 000, encadernado. 5 $ 000

Tendo muitas vezes notado que a maneira generica por que forão redigidas as disposições do Codigo Criminal Brasileiro, subordinadas apenas a regras geraes applicaveis ás suas differentes hypotheses, dava lugar a graves enganos na imposição das penas, importando elles nullidades nos processos com incalculavel prejuizo da justiça, por isso emprehendeo o Sr. Dr. Cordeiro a presente edição do mesmo Codigo, em que, sem alterar nem de leve o seu texto, designa no emtanto as penas em seus differentes gráos, e já proporcionadas á qualidade do criminoso, quer seja autor, quer complice, tentador, e ainda complice da tentativa.

Com elle qualquer pessoa póde de momento saber a pena correspondente ao crime na autoria, na tentativa e complicidade, seja qual fôr o seu gráo, e isto sem perda de tempo, sem fadiga de calculo, e sem receio de erro.

COLLECÇÃO DE ACORDAOS que contêm materia legislativa proferida pelo supremo tribunal de justiça desde a epocha da sua installação, por A. X. de Barros Côrte Real e J. M. Castello Branco, bachareis em direito. 2 vol. in-4, brochados 8 $ 000, encadernados. 10 $ 000

COLLECÇÃO da Legislação Portugueza desde o anno de 1603 até o de 1826, isto é, desde as ordenações philippinas até á carta constitucional, compilada por José Justino de Andrade Silva. A collecção completa é dividida em seis series, e formará 24 a 25 volumes in-folio. A primeira e segunda serie, que comprehendem, aquella a legislação de 1603 a 1640 em 5 vol., e esta a de 1641 a 1683 em 3 vol., estão publicadas; as outras series publicar-se-hão successivamente. Preço da assignatura, cada vol. brochado 6 $ 000
Encadernação inteira. 8 $ 000

COMPENDIO DE ECONOMIA POLITICA, precedido de uma introducção historica, e seguido d'uma Biographia dos Economistas, Catalogo e Vocabulario analytico, por Blanqui. 1 vol. in-8, brochado 1 $ 000, encadernado. 1 $ 500

CONSULTOR CRIMINAL ácerca de todas as acções seguidas no fôro criminal, pelo Dr. Carlos Antonio Cordeiro. 1 vol. in-4 8 $ 000

† **CONSULTOR COMMERCIAL** ácerca de todas as acções seguidas no fôro commercial, pelo Dr. Carlos Antonio Cordeiro. 1 vol. in-4. . . . . 8 $ 000

† **CONSULTOR CIVIL** ácerca de todas as acções seguidas no fôro civil, pelo Dr. Carlos Antonio Cordeiro. 1 grosso vol. in-4, encadernado. . 8 $ 000

Este interessantissimo trabalho foi feito pelo systema adoptado por Corrêa Telles em sua obra intitulada *Manual do Processo Civil* com as suppressões, alterações e accrescimos exigidos pela legislação, estylos e pratica do fôro brasileiro.

Contendo toda a parte theorica e pratica do processo civil, e formulas de todos os seus incidentes, torna-se de summa vantagem para todas as pessoas da justiça, já por indicar os melhores meios de propôr-se e seguir qualquer acção, já por se encontrar os exemplos de todos os autos, termos e mais peças do processo.

Contendo, além d'isso, as attribuições de todos os juizes e tribunaes, suas incompatibilidades, e bem assim os deveres dos outros empregados do fôro, dispensa esta obra grande quantidade de praxistas e livros de legislação, por cita-la em todos os casos em que é mister.

CONSULTOR ORPHANOLOGICO ácerca de todas as acções seguidas no fôro orphanologico, pelo Dr. Carlos Antonio Cordeiro. 1 vol. in-4.. . 8 $ 000

CORTEZÃOS (Os) **e a Viagem do Imperador,** ensaio politico sobre a situação, por L. M. 1 vol. brochado. . . . . 1 $ 000

DICCIONARIO JURIDICO-COMMERCIAL, obra muito util aos que se dedicão ao fôro e ao commercio, por J. Ferreira Borges, segunda edição augmentada. 1 vol. in-4, encadernado. . . . 7 $ 000

ELEMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas, por Feliciano Antonio Marques Pereira. 1 vol. brochado. . . . 1 $ 000

ENSAIO SOBRE A ARTE DE SER FELIZ, por Joseph Droz, da Academia Franceza. 1 vol. brochado 1 $ 000, encadernado. 1 $ 500

ESTUDO SOBRE O CREDITO RURAL E HYPOTHECARIO, pelo Dr. L. P. de Lacerda Werneck. 1 vol. in-4, bem encadernado. . . 6 $ 000

A importancia do credito territorial é conhecida hoje em todos os paizes onde elle tem sido posto em pratica. Ora, o autor d'este livro, reunindo em commodo volume toda a theoria dos bancos territoriaes exposta de uma maneira accessivel a todas as intelligencias, addicionou-lhe uma collecção de estatutos de bancos europeos, e outros documentos que tornão o livro de grande utilidade, não só aos profissionaes, como tambem aos lavradores, proprietarios urbanos, banquoiros, e em geral aos homens praticos.

ENSAIO sobre o direito administrativo, com referencia ao estado e instituições peculiares do Brasil, pelo visconde do Uruguay. 2 vol. in-4, brochados. 10 $ 000
Encadernados. . . 12 $ 000

Esta obra, fructo de muitos annos de experiencia, é sem duvida a mais importante que tenha sido publicada aqui sobre semelhante materia, como melhor se poderá julgar pelo indice de alguns capitulos :

Definições, divisões, distincções. — Influencia da divisão territorial, população e riqueza. — Divisão do poder executivo. — Do gracioso e do contencioso. — Da responsabilidade ministerial no contencioso. — Do nosso contencioso administrativo. — Dos tribunaes administrativos.

— Do processo e recursos administrativos. — Dos agentes administrativos. — Dos conselhos administrativos. — Do conselho de estado nos differentes paizes da Europa e no Brasil. — Do Poder moderador. — Da centralisação; suas vantagens e seus inconvenientes. — Applicação ao Brasil das instituições administrativas inglezas, americanas e francezas.

ESTUDOS SOBRE COLONISAÇÃO, ou considerações sobre a colonia do senador Vergueiro, por C. PERRET GENTIL. 1 vol. brochado. . 1 $ 000

MANUAL DO EDIFICANTE, DO PROPRIETARIO E DO INQUILINO, ou novo tratado dos direitos e obrigações sobre a edificação de casas, e ácerca do arrendamento ou aluguel das mesmas, conforme o direito romano, patrio e uso das nações; seguido da exposição das acções judiciarias que competem ao edificante, ao proprietario e ao inquilino, accommodado ao fôro do Brasil, por ANTONIO RIBEIRO DE MOURA. 1 vol. bem encadernado. . . . . 6 $ 000

MANUAL DOS JUIZES DE DIREITO, ou collecção dos actos, attribuições e deveres d'estas autoridades, por J. M. PEREIRA DE VASCONCELLOS. 1 vol. in-4, encadernado. . 4 $ 000

MANUAL DOS PROMOTORES PUBLICOS, pelo Dr. JOAQUIM MARCELLINO PEREIRA DE VASCONCELLOS. 1 vol. in-4, brochado. . . . 3 $ 000
encadernado. 4 $ 000

MANUAL THEORICO-PRATICO DO GUARDA-LIVROS, seguido do roteiro dos correios terrestres entre esta côrte e as provincias do Rio de Janeiro, Espirito Santo, Minas Geraes, S. Paulo, Mato-Grosso e Goyaz, por JOÃO FRANCISCO DE ARAUJO LESSA. 1 vol. in-4 encadernado. . . . . 8 $ 000

O curso theorico-pratico de escripturação mercantil composto pelo Sr. Lessa é assaz conhecido para que necessitemos de preconisa-lo. Todos os que hão lido este importante trabalho são concordes em reconhecer nelle uma clareza e brevidade que muito abonão os conhecimentos de seu autor. Reunindo ao conhecimento professional da materia longa pratica de suas diversas applicações, conseguio o Sr. Lessa escrever uma obra que será d'ora avante consultada por todos os que se entregão á contabilidade e escripturação dos livros de commercio.

METHODO FACIL DE ESCRIPTURAR OS LIVROS por partidas simples e dobradas, comprehendendo a maneira de fazer a escripturação por meio de um só registro, por EDMOND DEGRANGES; traduzido em portuguez por MANOEL JOAQUIM DA SILVA PORTO, e offerecido aos Portuguezes e Brasileiros que se dedicão ao commercio. 1 vol. in-4, com mappas. 5 $ 000

PIMENTA BUENO (Dr. JOSÉ ANTONIO). **Apontamentos sobre o processo civil brasileiro.** 1 vol. in-4 encadernado. . . . . 6 $ 000

— **Apontamentos sobre o processo criminal brasileiro.** 1 vol. in-4 encadernado. . . . . 9 $ 000

— **Direito publico brasileiro** e analyse da constituição do Imperio, 2 tomos encadernados em 1 vol. in-4. 10 $ 000

PINHEIRO FERREIRA (SILVESTRE). **Indicações de utilidade publica**, offerecidas ás assembleias legislativas do imperio do Brasil e do reino de Portugal. 1 vol. in-8. 500

— **Projecto de um banco** de soccorro e seguro mutuo. 1 vol. in-4. 500

— **Breves observações sobre a constituição politica da monarchia portugueza**, decretada pelas côrtes geraes extraordinarias e constituintes, reunidas em Lisboa no anno de 1821. 1 vol. in-4. 500

— **Manual do cidadão em um governo representativo**, ou principios de direito publico constitucional, administrativo e das gentes. 3 vol. in-4. 6 $ 000

— **Noções elementares d'ontologia**. 1 vol. in-4. 500

— **Projecto d'um systema de providencias** para a convocação das côrtes geraes e estabelecimento da carta constitucional. 1 vol. in-4. 500

— **Projecto de codigo geral** de leis fundamentaes e constitutivas d'uma monarchia representativa. 1 vol. in-4. 1 $ 000

— **Observações sobre a carta constitucional** do reino de Portugal e constituição do imperio do Brasil. 1 vol. in-4. 1 $ 000

— **Projecto de codigo politico** para a nação portugueza. 1 vol. in-4. 2 $ 000

— **Constituição politica do imperio do Brasil** e carta constitucional do reino de Portugal. 1 vol. in-4. 3 $ 000

— **Observations sur le guide diplomatique de M. le baron Ch. de Martens.** 1 vol. in-4. 1 $ 000

— **Essai sur la psychologie**, comprenant la théorie du raisonnement et du langage, l'ontologie, l'esthétique et la dicéosyne. 1 vol. in-4.. 2 $ 000

— **Projet de code général** des lois fondamentales et constitutives d'une monarchie représentative. 1 vol. in-4. . 1 $ 000

— **Précis d'un cours de droit public**. 2 vol. in-8, reliés. 8 $ 000

— **Qu'est-ce que la pairie?** 1 vol. in-4, broché.. 500

— **Essai sur les rudiments de la grammaire allemande**. 1 vol. in-4 broché. 500

— **Principles of political economy**, by M. CULLOCH, abridged for the use of schools, accompanied with notes, and preceded by a preliminary discourse by PINHEIRO FERREIRA. 1 vol. in-8.. 1 $ 000

PRELECÇÕES DE ECONOMIA POLITICA, pelo Dr. PEDRO AUTRAN DA MATTA ALBUQUERQUE, lente da faculdade de direito do Recife, 2ª edição melhorada. 1 vol. in-4 nitidamente impresso e elegantemente encadernado em París.. 6 $ 000

« Facilitar o conhecimento da sciencia economica aos que o desejarem ter, e mórmente aos alumnos das faculdades de direito do Recife e de S. Paulo, que são obrigados a estudar este ramo da sciencia social, foi o que moveo-me a compôr e publicar estas prelecções, Compendiar o que

tem escripto sobre a sciencia, ligar os pensamentos e exprimi-los com clareza e precisão, não é tão facil como talvez pareça a muitos que se não derão a este trabalho. Não é tambem plagio, porque o resumo das doutrinas dos outros, a ordem e ligação das ideias, a clareza e propriedade dos termos, e a construcção regular da phrase, são do compendiador. Nisto esmerei-me, a fim de dar a estas prelecções um *feitio* meu que lhes desse alguma apparencia de novidade. »

(*Do prefacio do autor.*)

RAMALHO (Dr. Joaquim Ignacio). **Elementos do processo criminal** para uso das faculdades de direito do imperio. 1 vol. in-4 brochado. 4 $ 000
Encadernado. 5 $ 000

— **Pratica civil e commercial.** 1 nitido vol. in-4 brochado. . 10 $ 000
Encadernado. . 11 $ 000

Esta obra já é bastante recommendavel pelo nome bem conhecido de seu autor sem precisar de outro commentario. Diremos sómente que vem preencher uma grande lacuna na litteratura forense brasileira, pois que não havia para os estudantes um livro que de uma maneira clara e concisa determinasse os principios da competencia segundo a natureza de cada causa; prescrevesse o modo de instaurar o processo e a maneira de defender-se; expozesse as leis da discussão, as regras da prova; determinasse como se dão as sentenças, se reformão e se executão.

Diz o autor no seu prefacio :

« As alterações por que tem passado a legislação civil e commercial depois de nossa emancipação politica, mórmente quanto á organisação judiciaria, já requerem um trabalho methodico e systematico, onde os principiantes encontrem facilmente quaes as innovações do direito e das formas de que elle se revceste, dispensando-os do arduo trabalho de estudar, sem um guia, os escriptores de nosso fôro, que escrevêrão debaixo da influencia de uma legislação em parte abrogada por leis modernas.

« Foi pois nosso fim facilitar á mocidade estudiosa os meios de se habilitar para um dia servir melhor ao paiz.

REGULAMENTO PARA A CASA DE DEPOSITO DOS CADAVERES que fôrem achados, approvado pelo aviso da secretaria da justiça de 4 de janeiro de 1854. 1 vol. brochado 200

REGULAMENTO PARA A COMPANHIA DE PEDESTRES DO MUNICIPIO DA CÔRTE, approvado por aviso de 15 de novembro de 1853, 1 vol. brochado. 200

SYSTEMA FINANCIAL DO BRASIL, por Candido Baptista de Oliveira. 1 vol. brochado. . . 3 $ 000

SYSTEMA METRICO DECIMAL considerado nas suas applicações, por Pedro d'Alcantara Lisboa. 1 vol. brochado.. . 4 $ 000

THEORIA DO DIREITO PENAL applicada ao codigo penal portuguez comparado com o codigo do Brasil, leis patrias, codigos e leis criminaes dos povos antigos e modernos, offerecida a S. M. I. o Senhor D. Pedro II, Imperador do Brasil, por F. A. F. da Silva Ferrão, 8 vol. in-4 brochados. 20 $ 000
Encadernados. 28 $ 000

TRATADO PRATICO DOS BANCOS, por James William Gilbart, traduzido

pelo Dr. Luiz Joaquim de Oliveira Castro. 3 vol. in-4 impressos e encadernados em París. . . 16 $ 000

Tanto alcance tem nas modernas sociedades a organisação e theoria dos bancos, que pensamos que nem uma pessoa póde ser estranha a ellas. Acabando-se felizmente o tempo em que guardados erão os peculios em chapeados cofres, e depositando hoje todas as classes da população as suas economias nesses estabelecimentos, fóra é de duvida que legitima seja a curiosidade que a todos instiga de estudar os principios pelos quaes são elles regulados. Se este conhecimento é em todos mui honravel e necessario, torna-se um dever de consciencia para os que por alguma forma tem a gerencia da fortuna publica, os quaes não podem ignorar as regras por onde se dirigem as operações de credito, nem desconhecer a historia das causas e consequencias das crises commerciaes. Conscio d'estas verdades, e por outro lado sabendo de quão pouco vulgarisada seja entre nós a lingua ingleza o Sr. Dr. L. J. d'Oliveira e Castro, apressou-se em verter para a portugueza a melhor obra que sobre tal objecto existe em Inglaterra, quiçá em toda a Europa e America, cuja apparição não pouco contribuio para rectificar certos equivocos em que laboravão alguns dos nossos economistas e financeiros, contribuindo para que sob melhor aspecto se encarasse a questão bancaria, ainda ha pouco tão agitada, a qual em nada tem perdido d'interesse e gravidade.

MEDICINA, HOMŒOPATHIA

MAGNETISMO

AGENDA MEDICAL, ou Memorial do medico pratico, que contêm : 1° O emprego e dose dos medicamentos energicos e perigosos; 2° Os medicamentos novos e recem-descobertos, as suas propriedades, seu emprego, suas doses; 3° Algumas formulas officinaes e magistraes; 4° A tabella dos venenos e contra-venenos; 5° Conselhos medicos para uso de todos; 6° Indicação dos medicamentos assignalados no Agenda; 7° As molestias em que são empregados; pelo Dr. Chomet. 1 bonito vol. em forma de carteira, elegantemente encadernado. . 2 $ 000

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CHOLERA-MORBUS, pelo Dr. M. C. Pereira de Sá. 1 vol. brochado. 1 $ 000

GUIA THEORICA E PRATICA DAS MOLESTIAS VENEREAS, pelo Dr. Chomet. 1 vol. in-8 encadernado. 3 $ 000

Esta obra é o fructo de muitos annos de pratica e de experiencia. Com ella qualquer pessoa póde se curar a si mesma sem o auxilio do medico.

HISTORIA E DESCRIPÇÃO da febre amarella epidemica que grassou no Rio de Janeiro em 1850, por José Pereira Rego. 1 vol. brochado. 2 $ 000

INSTRUCÇÕES CONTRA A CHOLERA EPIDEMICA, ou conselhos sobre as medidas geraes que se devem tomar para prevenil-a, seguidos do modo de trata-la desde sua invasão, pelo Dr. A. J. Peixoto. 1 vol. brochado. 1 $ 000

MAGNETISMO E MAGNETOTHERAPIA, ou a arte de curar pelo magnetismo segundo a escola moderna, por perguntas e respostas, pelo conde Francisco de Szapary, magnetisador e magnetopatha; traduzido do francez por J. H. T. C. de Miranda, magnetisador e magnetopatha. 1 vol. in-4 encadernado.. 4 $ 000

MANUAL HOMŒOPATHICO, 3ª edição correcta e augmentada com um pequeno trabalho das molestias da pelle, e com a nova materia medica homœopathica; obra util aos medicos, boticarios, curas, pais de familia, chefes de estabelecimentos, fazendeiros, e a todos os praticos conscienciosos e esclarecidos, pelo Dr. Emilio Germon. 1 vol. in-4 brochado.. 3 $ 000
Encadernado. 4 $ 000

MEMORIA ÁCERCA DA LIGADURA da arteria aorta abdominal, precedida de algumas considerações geraes sobre a operação do aneurisma, e seguida de uma estampa lithographada que representa um novo porta-fio e sua posição durante a operação, pelo Dr. Candido Borges Monteiro. 1 vol. brochado. 1 $ 000

† **MESMER. APHORISMOS SOBRE O MAGNETISMO ANIMAL**, contendo a arte de magnetisar ensinada em 17 capitulos. 1 vol. in-4 brochado. 2 $ 000
Encadernado.. 2 $ 500

PECCADOS DOS ALLOPATHAS e sua cegueira, ou falso systema que elles seguem ha tantos seculos. 1 vol. brochado. . . . 32

POESIAS, LITTERATURA

ASSUMPÇÃO (A), poema composto em honra da Santa Virgem, por Fr. Francisco de S. Carlos; nova edição precedida da biographia do autor e d'um juizo critico sobre a obra pelo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 1 vol. in-8 encad. 3 $ 000

Cada vez mais raro tornando-se o mui celebre poema de Fr. Francisco de S. Carlos, entendêmos que prestariamos verdadeiro serviço ao publico se dessemos d'elle nova edição. Desejando porém que expurgada d'erros sahisse ella, e ao mesmo tempo fosse enriquecida d'algum trabalho previo congruente ao merito do autor e da sua obra, dirigímo-nos ao Sr. conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro, que obsequiosamente prestou-se ao nosso anhelo, corrigindo o exemplar que lhe démos, e escrevendo, para serem collocados em frente da nova edição, um bellissimo estudo biographico sobre o seraphico poeta, assim como uma judiciosa e imparcial apreciação do poema. Assim melhorada, pensamos que mais digna do favor publico se tornará a obra.

CINZAS D'UM LIVRO, fragmentos d'um livro inedito, por Bruno Seabra. 1 vol. in-8. . . 500

DÔRES E FLORES, poesias de Augusto Emilio Zaluar. 1 vol. in-4, br. 2 $ 000
encadernado. 3 $ 000

FLORES E FRUCTOS, poesias de Bruno Seabra . 2 $ 000

Esta linda o variada collecção de poesias confirmou plenamente o lisongeiro juizo que o publico já formava do talento poetico de Bruno Seabra. « Uma prova irresistivel do merecimento d'este volume de poesias (palavras de um juiz a toda a prova competente) é que ainda não houve quem encetasse a leitura d'elle e que a deixasse em meio. »

Todos tem lido as manifestações de apreço com que foi recebido o livro do joven e distincto Paraense; pois bem, junte o publico a essas manifestações a seguinte novidade : que no Rio de Janeiro, onde os livros geralmente envelhecem nas livrarias, tem tido as poesias de Bruno Seabra um grande successo.

FLORES ENTRE ESPINHOS. Contos poeticos por J. Norberto de S. S. 1 vol. in-8.

FLORES SYLVESTRES, poesias, por F. L. Bittencourt Sampaio. 1 vol. in-8 brochado 2 $ 000, encadernado. . . 2 $ 500

Um dos mais aproveitados e esperançosos discipulos da nova escola brasilica, um dos que melhor sabe extrahir do alarido romantico melodiosos sons, um dos mais estrenuos campeões da nacionalidade da litteratura brasilica, é por certo o Sr. Dr. Bittencourt Sampaio. Seu livro, a que appellidou de *Flores Sylvestres*, é o primeiro tentame d'um grande poeta, a primeira estrophe d'um immortal hymno, o primeiro sorrir do mancebo que já vê radiar-lhe sobre a nobre fronte a aureola da gloria. Isto dizendo, não fazemos senão repetir o que o Brasil inteiro proclamou pela voz dos seus mais legitimos orgãos na imprensa, e que está na consciencia de todos os que lerão e admirárão este bello livro.

FOLHAS CAHIDAS apanhadas na lama, por um antigo juiz das almas de Campanhan, e socio actual da assembleia portuense com exercicio no Palheiro. 1 vol. brochado. 500

GONZAGA, poema por ***, com uma introducção por J. M. Pereira da Silva. 1 vol. in-8. 3 $ 000

HARMONIAS BRASILEIRAS, cantos nacionaes, colligidos e publicados por Antonio Joaquim de Macedo Soares. 1 vol. in-4, br. 3 $ 000, encad.. 4 $ 000

LIVRO (O) DE MEUS AMORES, poesias eroticas de J. Norberto de Souza Silva. 1 vol. in-4, broc..
Encadernado..

Esta lindissima collecção de poesias, em que o Sr. Norberto inspira-se da musa d'Anacreonte e de Salomão, é dedicada a sua virtuosa esposa, bastando só esta circumstancia para tranquillisar os que se assustassem com a denominação d'*eroticas* que lhes dera. Nem um quadro ahi se encontra d'esse amor physico, d'esse instincto imperioso que confunde o homem com o bruto, nem uma pintura licenciosa, nem uma expressão menos casta. O illustre poeta pinta mais vezes a formosa alma da sua *Armia* do que a sua beldade corporea, e unge o seu amor com o balsamo da religião e da virtude. É este um excellente livro, cuja leitura afoutamente recommendamos.

MAGALHÃES (Dr. J. G. de). **Factos do espirito humano**, philosophia. 1 vol. in-4.. . 6 $ 000

Não é só como poeta que se distingue o illustre diplomata, que longe da patria consagra-lhe

com tanta gloria os seus lazeres; tambem como philosopho cabe-lhe merecida reputação, e se d'isso alguem podesse duvidar, vi-lo-hia convencer a bella obra que ora annunciamos, á qual fez justiça a culta Europa, sendo logo vertida na mais diffundida de todas as linguas. Assaz louvavel foi o pensamento do Sr. Dr. Magalhães quando pretendeo fazer chegar ao alcance do homem estudioso, mas pouco versado em estranhos idiomas, a creme das doutrinas philosophicas antigas e modernas, estabelecendo a respeito uma esclarecida critica, e submettendo-as todas (á guisa da escola escoceza) ao crisol do bom senso. É este um livro verdadeiramente popular, apezar de escripto numa linguagem pomposa, senão poetica, e cuja acquisição deve ser feita por todos os pais de familias que desejarem fornecer a seus filhos e filhas uma leitura util e substancial.

— **Suspiros poeticos e Saudades**, segunda edição correcta e augmentada. 1 vol. in-4 nitidamente impresso e encadernado em París. 5 $ 000

O illustre reformador da poesia brasileira tem demonstrado que sabe fructuosamente empregar seus lazeres diplomaticos, já compondo novas obras, já aperfeiçoando as anteriormente publicadas. Neste caso achão-se os *Suspiros poeticos e Saudades*, que vírão pela primeira vez a luz em 1836, e que tão salutar influencia exercêrão sobre a nossa litteratura brasileira. Conheceo mais tarde o Sr. Magalhães que alguns retoques se poderião fazer nesta obra de sua juventude, e que mais bem acabados poderião ser certos trechos que pela impaciencia propria dos mancebos não tinha podido polir. Além d'estes melhoramentos (por si bem recommendaveis), introduzio outros de menor saliencia, addicionando outrosim ao seu primitivo trabalho algumas composições mais serodias, e que dignas se fazião d'ahi figurar. Inutil sendo recommendar este livro, que todos os Brasileiros conhecem e estimão, limitamo-nos a noticiar-lhes o apparecimento d'esta nova edição.

MARILIA DE DIRCEU, por Thomas Antonio Gonzaga, nova edição dada pelo Sr. J. Norberto de Souza Silva. 2 vol. in-8, com estampas.

Não ha talvez no Brasil livro mais popular do que o de Marilia de Dirceu; todos conhecem essas famosas lyras, e raras são as pessoas que de cór não saibão algumas. Infelizmente porém introduzírão algumas notaveis alterações no texto primitivo, passando como legitimas producções do engenho de Gonzaga espurias e indignas imitações, ou antes parodias. Quiz fazer cessar este sacrilegio o infatigavel litterato o Sr. J. Norberto, acuradamente colleccionando o que de genuino lhe parecia, enriquecendo a nova edição de notas e esclarecimentos, e fazendo-a preceder d'um minucioso estudo sobre Gonzaga, confeccionado em presença d'authenticos documentos. E para que mais completo fosse o seu trabalho, addicionou-lhe a lyria de Marilia a Dirceu, que compozera em resposta, attribuindo-a a D. Maria Dorothea de Seixas. Esta singela exposição basta para provar a excellencia e superioridade d'esta nova edição.

†**MEANDRO POETICO**, coordenado e enriquecido com esboços biographicos e numerosas notas historicas, mythologicas e geographicas, pelo conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro. 1 vol. 2 $ 000

Exhausta achando-se a edição das *Poesias selectas* do padre A. P. de Souza Caldas, adoptadas no Imperial Collegio de Pedro II, convidámos o Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro para incumbir-se d'algum trabalho nesse genero. Em breve apresentou-nos S^a. S^a. o manuscripto cujo titulo acima exáramos, que, a nosso ver, melhor satisfaz os fins a que se destinárão as *Poesias selectas* de Caldas; porquanto, abrangendo o que de melhor existe na poesia brasileira, e dando assim maior variedade d'estylos e de metros, tem de mais a mais a vantagem de ser adaptada ao ensino da juventude pela excellente escolha dos assumptos, essencialmente moraes e patrioticos, e pelos esclarecimentos e notas biographicas, historicas, mythologicas e geographicas com que a illustrou, constituindo-o d'esta arte o melhor livro que nesta especialidade existe na lingua portugueza.

NOVAES (Faustino Xavier de). Poesias, segunda edição. 1 vol. in-4 encadernado.

— **Novas Poesias** acompanhadas de um juizo critico de Camillo Castello-Branco, 1 vol. in-4 encadernado.

A satyra espirituosa, benefica e inoffensiva do eximio Nicoláo Tolentino achou um digno successor na pessoa de Faustino Xavier de Novaes, vantajosamente conhecido pelo sal attico com

que sabe adubar todas as suas producções. Seus versos, cheios de graça e naturalidade, são a mais completa physiologia da sociedade, com todos os seus vicios, paixões e ridiculos, a mais perfeita escola de costumes, a mais fina e delicada lição que á juventude se possa offerecer para subtrahir-se aos escolhos submarinos que o oceano do mundo occulta. Com vigor são traçados alguns typos, com sombrias côres debuxados alguns paineis, e com a nemeses da indignação prolligados vicios infelizmente hoje mui communs; nada ha porém de pessoal e directo, nada que pelos mais castos ouvidos deva deixar de ser ouvido. Esperamos com segurança que o juizo dos leitores seja consentaneo ao nosso.

OBRAS DO BACHAREL M. A. ALVARES DE AZEVEDO, precedidas de um discurso biographico, e acompanhadas de notas, pelo Dr. D. Jacy Monteiro, terceira edição correcta e augmentada com as **Obras ineditas**, e um appendice contendo discursos e artigos feitos por occasião da morte do autor, 3 vol. in-8 primorosamente impressos e encadernados em París. . 9 $ 000

É um dos mais populares nomes da litteratura brasileira o de M. A. Alvares de Azevedo. Dotado de uma ardente imaginação, empregava as mais ousadas imagens, e possuidor de um cabedal de conhecimentos muito além do que em tão verdes annos se poderia esperar, fundia-os no molde da sua poderosa individualidade. Bem caberia a Alvares de Azevedo o epitheto de *menino terrivel*, dado por Chateaubriand a Victor Hugo: era um gigante, cujos primeiros passos approximavão-o á meta. As obras de Alvares de Azevedo, tão bem aceitas no Brasil, não o forão menos em Portugal, como se póde ver nas *Memorias de litteratura contemporanea*, do illustre litterato Lopes de Mendonça.

Esgotadas se achando as duas primeiras edições, que mal podêrão satisfazer a avidez do publico, pensamos prestar um serviço ao paiz dando novamente á estampa essas tão almejadas poesias. E é esta 3ª edição, além de correcta, de um preço mui diminuto e ao alcance de todos.

OBRAS POETICAS DE MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA (Alcindo Palmireno), colligidas, annotadas e precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor, e acompanhada de documentos historicos, por J. Norberto de Souza Silva. 2 vol. in-8.

†**O OUTONO.** Collecção de poesias de Antonio Feliciano de Castilho. 1 vol. in-4
brochado. . 3 $ 000
Encadernado.. 4 $ 000

PEREGRINAÇÃO PELA PROVINCIA DE S. PAULO — 1860-1861, — por Augusto Emilio Zaluar. 1 vol. in-4. . 7 $ 000

POESIAS SELECTAS DOS AUTORES MAIS ILLUSTRADOS ANTIGOS E MODERNOS. 1 vol. in-4 encadernado. . 2 $ 500

Esta obra recommenda-se aos pais de familia e directores de collegios pela boa escolha das poesias que a compõem; até hoje sentia-se a falta de uma boa obra neste genero, que preenchesse o fim desejado; podemos asseverar que a mãi a mais extremosa póde dar este livro a sua filha sem temer pela sua innocencia; os homens encarregados da educação da mocidade podem ter a certeza de encontrar nesta collecção as poesias mais proprias para formar o coração, ornar o espirito e apurar o gosto dos seus discipulos.

REVELAÇÕES. Poesias de Augusto Emilio Zaluar. Esta edição, ornada do retrato do autor gravado em aço, é das mais nitidas e primorosas que tem apparecido entre nós. O preço de cada exemplar encadernado é. 5 $ 000

O nome do Sr. A. E. Zaluar é de ha muito tempo considerado como um dos mais sympathicos e conhecidos da nossa moderna litteratura.

Ha no emtanto muito tempo que os seus admiradores esperavão com anxiedade ver reunida em um tomo a preciosa collecção de seus versos escriptos depois do volume que publicou em 1851 com o titulo de Dôres e Flores.

Este desejo acaba de realisar o editor das Revelações.

A obra que annunciamos, tendo apenas chegado da Europa, foi saudada unanime e lisonjeiramente por toda a imprensa fluminense. E' esta uma das provas mais inequivocas do seu merecimento.

As Revelações é um volume de escolhidas composições poeticas, dividido em quatro partes — O *Lar*, *Ephemeras*, *Musa Fraternal* e *Harpa Americana*. E' difficil escolher em tão rico e variado jardim quaes são as flores mais perfumadas e bellas.

ROMANCEIRO (O), por A. Garrett. 3 vol. in-8 encadernados. 9 $ 000

POESIAS TERNAS E AMOROSAS. 1 vol. in-8 brochado. 640

SOMBRAS E SONHOS, poesias de José Alexandre Teixeira de Mello. 1 vol. in-4 encadernado. . 4 $ 000

URANIA, canticos, 1 vol. nitidamente impresso e encadernado. 5 $ 000

URANIA. Collecção de cem poesias ineditas, por D. J. G. de Magalhães. 1 vol. in-8, nitidamente impresso sob a vista do autor e elegantemente encadernado . . . . 4 $ 000

ROMANCES, NOVELLAS, ETC.

†**A MORTE MORAL.** Novella dividida em quatro partes: 1ª Cesar; 3ª Antonieta; 3ª Hannibal; 4ª Almerinda; Epilogo. Um livro preto, por A. D. de Pascual. 4 vol. br. . 8 $ 000
Encadernado. . 12 $ 000

ANECDOTAS E HISTORIETAS, ou escolha de 650 tiradas de varios autores, que até ao presente muitas não sahírão á luz. 1 vol. brochado. 500

A QUANTO SE EXPÕE QUEM AMA, novella que em todo o seu contexto não admitte a lettra A, composta por José Joaquim Bordalo. 1 vol. brochado. 320

ARMINDA E THEOTONIO, ou a consorte fiel, historia portugueza verdadeira. 1 vol. brochado. 1 $ 000

ARTE DE AMAR, dedicada ás damas. 1 vol. brochado. . 200

BARBEIRO (O) GASCÃO e o toureador castelhano, facto historico, 1 volume brochado. 200

BRAVO (O), romance de Fenimore Cooper. 1 vol. brochado. 1$000

CAMILLA, ou o subterraneo. 1 vol. brochado. 300

CARTAS DE ECHO E NARCISO, por Antonio Feliciano de Castilho, 1 volume brochado. 500

CASTELLO-BRANCO (Camillo). Anathema, romance. 1 vol. in-4 encadernado. 2$500

— **A filha do arcediago.** 1 vol. in-4 encadernado. 2$500

D. NARCISA DE VILLAR, legenda do tempo colonial, pela indigena do Ypiranga. 1 vol. brochado. 2$000

DOTE (O) DE SUZANINHA, ou o poder de si-mesmo, por J. Fiévée. 1 volume brochado. 500

DOUS (Os) MATRIMONIOS mallogrados, ou as duas victimas do crime, romance historico tirado da viagem do Cusco ao Pará, pelo Dr. José Manoel Valdez, da qual é um episodio. 1 vol. brochado. 2$000

DRAMA NAS MONTANHAS (Um), por X. de Montépin. 1 vol. in-8. 1$000

DUMAS (Alex.). Aventuras de Lyderico. 1 vol. brochado. 500

— **A Casa Phenicia,** ou Memorias de um edificio. 1 vol. brochado. 500

— **Os Estudantes.** 1 vol. brochado. 500

— **Historia de um morto.** 1 vol. brochado. 500

DUMAS (Alex., filho). Sophia Printemps. 2 vol. brochados. 2$000

Encadernados. 3$000

ELISA, ou a virtuosa Castro, romance original portuguez. 1 vol. brochado. 500

FORÇA (A) de uma paixão, historia verdadeira de dous amantes, succedida em Lisboa. 1 vol. brochado. 300

GALATEA, egloga. 1 vol. brochado. 500

HISTORIA da donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura e sabedoria, traduzida do castelhano em portuguez por Carlos Ferreira Lisbonense. 1 vol. brochado. 500

HISTORIA DA IMPERATRIZ PORCINA, mulher do imperador Lodonio de Roma, em a qual se trata como o imperador mandou matar a esta senhora por um testemunho que lhe levantou o irmão de Lodonio, como escapou da morte e dos muitos trabalhos e fortunas que passou, como por sua bondade e muita honestidade tornou a cobrar seu estado com mais honra que de primeiro. 1 volume brochado. 300

HISTORIA DE D. IGNEZ DE CASTRO, traduzida do francez. 1 vol. brochado. 400

HISTORIA DE NAPOLEÃO, traduzida em portuguez sobre a 21ª edição de Paris. 1 vol. brochado. 400

INFORTUNIOS (Os) e os amores de Luiz de Camões. 1 vol. brochado. 400

ISABEL, ou os desterrados de Siberia, por Mme Cottin. 1 vol. encad. 1 $ 600

KOCK (Paulo de). Carotin. 1 vol. in-8 brochado. 3 $ 000
Encadernado. 5 $ 000

— **Um Galucho.** 4 vol. in-8 brochados. 4 $ 000
Encadernados. 6 $ 000

LISARDA, ou a dama infeliz, novella portugueza, por Eliano Aonio. 1 volume brochado. 320

LIVRO (O) DAS PENSIONISTAS, ou escolha de historietas traduzidas do francez por meninas estudiosas, offerecidas a suas camaradinhas. 1 vol. brochado. 320

LIVRO DO INFANTE D. PEDRO de Portugal, o qual andou as sete partidas do mundo, feito por Gomes de Santo Estevão, um dos doze que forão em sua companhia. 1 vol. brochado. 500

MARQUEZ (O) de Pombal, por Clémence Robert. 1 vol. in-8 br. 1 $ 000
Encadernado. 1 $ 500

MARTHA, romance, por Max Valrey. 3 vol. brochados. 3 $ 000
Encadernados. 4 $ 500

METUSKO, ou os Polacos, por Pigault-Lebrun. 1 vol. in-4 brochado. 1 $ 000

NOVAS CARTAS AMOROSAS, por uma apaixonada, edição mui augmentada. 1 vol. brochado. 200

O GUARANY. Romance brasileiro por J. de Alencar. 2ª edição correcta. 2 vol. in-4 nitidamente impressos e encadernados.. 10 $ 000

OITO DIAS NO CASTELLO. Romance por F. Soulié. 1 grosso vol. in-4° brochado. . . . 3 $ 000
Encadernado. . 4 $ 000

OURIKA, ou historia de uma negra, historia verdadeira. 1 vol. brochado. 320

PERIGO (O) DAS PAIXÕES, conto muito moral, seguido de uma analyse sobre as paixões. 1 vol. brochado. . 300

RAPHAEL E A FORNARINA, linda novella, por Méry. 1 vol. in-4 brochado. 800
Encadernado. 1 $ 500

ROLDÃO AMOROSO, ou aventuras d'este famoso paladino. 2 vol. in-12 encadernados.. . . 3 $ 200

ROMANCES E NOVELLAS, por J. Norberto de Souza e Silva. 1 vol. in-4 brochado. .
Encadernado. . . . . .

O romance, disse Lamartine, é a poesia do povo; é por seu intermedio que póde-se diffundir pelas classes menos esclarecidas os grandes principios de religião, moral e amor da patria. E o vaso figurado por Tasso, cujas bordas são untadas de mel, é a realisação do preceito do velho Horacio quando mandava juntar o util ao doce. Entre os cultores d'este genero de composição cabe distincto lugar ao Sr. J. Norberto de Souza e Silva, que no volume supra-indicado escolhe assumptos brasileiros, derrama a instrucção religiosa e moral, e moldura seus quadros com descripções e pinturas tiradas da nossa natureza e inspiradas pelo nosso céo. Não prejudicão o erudito os arabescos da imaginação; assigna a cada cousa a sua parte, e, procurando deleitar, instrue.

SIMPLICIDADES DE BERTOLDINHO, filho do sublime e astuto Bertoldo, e das agudas respostas de Marcolfa, sua mãi. 1 vol. brochado. . 400

SUE (Eugenio). A Inveja. 1 vol. in-folio brochado. 4 $ 000
Encadernado. 5 $ 000

— **A Ira.** 1 vol. in-folio brochado. . 2 $ 000
Encadernado. . 3 $ 000

— **A Salamandra**, romance-maritimo. 3 vol. in-8 brochados. 3 $ 000
Encadernados. . . 5 $ 000

— **A Soberba.** 1 vol. in-folio brochado. 6 $ 000
Encadernado. . . 8 $ 000

TESTAMENTO que fez Manoel Braz, mestre sapateiro, morador em Malhorca, estando em seu perfeito juizo, approvado pelos senhores deputados da casa dos vinte e quatro, registrado pela casa do café da rua Nova, e visto por todos os curiosos. 1 vol. brochado. 200

TRIPEIROS (Os), romance chronica do seculo XIV, por A. C. Lousada. 1 vol. brochado. . . 1 $ 000
Encadernado. . 1 $ 600

ULTIMA (A) HORA d'uma sepultada. 1 vol. brochado. 320

ULTIMA MARQUEZA (A), par E. DE MIRECOURT. 1 vol. in-4 br. . 1 $ 000
Encadernado. . . . 1 $ 600

VIDA E ACÇÕES do celebre Cosme Manhoso, com os logros em que cahio por causa da sua ambição, seus trabalhos e suas miserias. 1 vol. brochado. 320

PEÇAS DE THEATRO

BRUTO, tragedia de VOLTAIRE. 1 vol. brochado. . 640

CASAL (O) DAS GIESTAS, drama em 5 actos e 8 quadros, precedido de um prologo, por FRÉDÉRIC SOULIÉ, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. br. 1 $ 000

CASTANHEIRA (A) ou a Brites papagaia, entremez. 1 vol. brochado. 320

CAVALLEIRO (O) DA CASA VERMELHA, episodio do tempo dos Girondinos, drama em 5 actos e 12 quadros, por A. DUMAS e A. MAQUET, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. . 1 $ 000

CHICARA (Uma) DE CHÁ, comedia em 1 acto, livremente traduzida do francez por A. P. DOS SANTOS LEAL. 1 vol. brochado. 1 $ 000

CLARA HARLOWE, drama em 3 actos, entremeiado de canto, por DUMANOIR, CLAIRVILLE e GUILLARD, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. 1 $ 000

DOUS (Os) SERRALHEIROS, drama em 5 actos, por FÉLIX PYAT, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. 1 $ 000

ENGAJAMENTO (O) na cidade do Porto, comedia em 1 acto. 500

ESTALAGEM (A) da Virgem, drama em 5 actos, por H. HOSTEIN e TAVENET, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. . 1 $ 000

FECHAMENTO (O) DAS PORTAS, farça dedicada ao caixeiro mais patusco do Rio de Janeiro. 1 vol. brochado.. 500

GASPAR HAUSER, drama em 4 actos, por ANICET BOURGEOIS e D'ENNERY, traduzido por ANTONIO REGO. 1 vol. brochado. . . . 1 $ 000

HEROISMO BRASILEIRO (O), ou o naufragio da corveta **D. Isabel**, drama maritimo em 3 actos, composto por D. José Joaquim Francioni, offerecido e dedicado aos Srs. officiaes da Marinha e Exercito do Brasil no anno de 1861. 1 vol. brochado.. 2 $ 000

INGLEZES (Os) **no Brasil**, comedia em 2 actos, por D. José Lopes de la Vega. 1 vol. brochado. 500

MADEMOISELLE DE BELLE-ISLE, drama em 5 actos, por Alex. Dumas, traduzido por Antonio Rego. 1 vol. brochado. 1 $ 000

MARIA DE CASTAGLI, ou o rancor de vinte annos, drama em 3 actos, composição original do Dr. José Manuel Valdez e Palacios. 1 vol. brochado. 1 $ 000

MARIDO (O) **APOQUENTADO**, comedia em 1 acto. 1 vol. . 500

ORPHÃOS (Os) **da ponte de Nossa Senhora**, drama em 5 actos e 8 quadros, por Anicet Bourgeois e Masson, traduzido por Antonio Rego. 1 vol. br. 1 $ 000

PELAIO, ou a vingança de uma affronta, drama em 4 actos, por A. M. de Souza. 1 vol. in-4 brochado. 1 $ 000

PHENOMENO (O), ou o filho do mysterio, comedia em 1 acto. 500

POR CAUSA DE MEIA PATACA, comedia em 1 acto, por José Alarico Ribeiro de Rezende. 1 vol. brochado. 500

QUEM PORFIA MATA CAÇA, comedia, por L. C. M. Penna. 1 vol. brochado. 600

SIMÃO O LADRÃO, drama em 4 actos, por Laurencin, traduzido por Antonio Rego. 1 vol. brochado. 1 $ 000

THEATRO DO Dr. J. M. DE MACEDO. 3 vol. in-8 nitidamente impressos e encadernados. 9 $ 000

Vol. 1° : Luxo e Vaidade, Primo da California, Amor e Patria.—Vol. 2 : A torre em concurso, O Cego, Cobé, Abrahão. — Vol. 3 : Lusbela, Fantasma Branco, Novo Othello.

O 1° volume vende-se separadamente brochado. 2 $ 000

AS SEGUINTES PEÇAS TAMBEM VENDEM-SE SEPARADAMENTE :

A torre em concurso. . 1 $ 500
Lusbela. 1 $ 500
Fantasma Branco.. 1 $ 500
Novo Othello. 500

TIRADENTES ou **AMOR E ODIO,** drama historico em 3 actos, original brasileiro, por José Ricardo Pires de Almeida. 1 $ 500

VESTIDOS (Os) BRANCOS, drama em 2 actos, ornado de canto, por L. Gozlan, traduzido por A. M. Leal. 1 vol. brochado. 1 $ 000

29, OU HONRA E GLORIA, comedia-drama de costumes militares, em 3 actos e 4 quadros, offerecida e dedicada a S. M. El-Rei o Sr. D. Pedro V, por José Romano. 1 vol. in-8 brochado. 1 $ 000

OBRAS DIVERSAS

AMAZONAS (O) e as costas atlanticas da America Meridional, pelo tenente F. Maury. 1 vol. brochado. 1 $ 000

† **ARTE DO ALFAIATE (A),** tratado completo do corte do vestuario, por Th. Compaing, director do *Jornal dos Alfaiates.* 1 vol. in-folio brochado. 2 $ 000
Encadernado. 3 $ 000

ARTE DA COZINHA, dividida em 4 partes : 1° Modo de cozinhar varios guisados de todo o genero de carne, conservas, tortas, empadas e pasteis; 2° dos peixes, mariscos, frutas, hervas, ovos, lacticinios, doces, conservas do mesmo genero; 3° do pudim e das massas; 4° preparação das mesas para todo o anno, e para hospedar principes, embaixadores e qualquer pessoa; obra util e necessaria a todos os que regem e governão casa, corveta, etc. 1 vol. 1 $ 000

ARTE DE GANHAR DINHEIRO, por Philogelus. 1 vol. brochado. 1 $ 000

CONFERENCIAS sobre a pluralidade dos mundos, por Fontenelle. 1 vol. in-4 brochado. 1 $ 000
Encadernado. 1 $ 600

† **CONTOS DE SCHMID.** Collecção de cem contos proprios para as crianças lerem. 1 vol. 1 $ 000

DICCIONARIO DAS FLORES, folhas, frutas, hervas e objectos mais usuaes, com suas significações, ou vade-mecum dos namorados, offerecido aos fieis subditos de Cupido. 1 vol. brochado. 320

DICCIONARIO MUSICAL, contendo : 1° Todos os vocabulos e phrases da escripturação musical; 2° Todos os termos technicos da musica desde a sua maior antiguidade; 3° Uma taboa com todas as abreviaturas usadas na escripturação musical, suas palavras correspondentes; 4° A etymologia dos termos menos vulgares e os synonymos em geral; por RAPHAEL COELHO MACHADO, segunda edição augmentada. 1 vol. in-4 brochado. . 4 $ 000
Encadernado. 5 $ 000

ELOGIO ACADEMICO da Sra. D. Maria Ia, recitado por JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA em sessão publica da Academia real des Sciencias de Lisboa aos 20 de março de 1817. 1 vol. in-8 encadernado. 1 $ 500

ELOGIO DO IMPERADOR MARCO AURELIO, por THOMAS, da Academia Franceza. 1 vol. in-8, brochado. . 500

FEDERAÇÃO IBERICA, ou ideias geraes sobre o que convem ao futuro da Peninsula, por um Portuguez. 1 vol. brochado. 500

ILLUSÃO, experiencia e desengano, maximas e pensamentos de um velho da terra de Santa Cruz. 1 vol. in-4, brochado. . 1 $ 000

NOVA EXPLICAÇÃO dos sonhos e visões, traduzida sobre algumas obras francezas e italianas, arranjada por ordem alphabetica. 1 vol. brochado. . 200

MAÇONARIA (Obras de). Regulador Maçonico do rito moderno, contendo os rituaes segundo o regimen do G... O... de França, bem como formalidades e disposições diversas concernentes á ordem. 1 vol. in-4 brochado. 4 $ 000

— **Collecção preciosa** da Maçonaria adonhiramita, contendo as instrucções, os treze gráos do rito, o caderno secreto e o resumo da historia. 1 vol. in-8 brochado. . . . 4 $ 000

— **O orador maçon brasileiro**, ou collecção de alguns dos discursos pronunciados nas solemnidades da ordem. 1 vol. in-4 brochado. . . 1 $ 000

— **Collecção dos catechismos maçonicos** : Catechismo do companheiro maçon; catechismo do aprendiz maçon; cada um. . 500

— **Ritual funebre maçonico**, adoptado para os enterros e exequias dos maçons brasileiros. 1 vol. brochado. 400

— **A Maçonaria antiga de adopção**, recopilada por um cavalleiro de todas as ordens maçonicas. 1 vol. brochado. . . 1 $ 000

— **EXPOSIÇÃO da historia da maçonaria no Brasil**, particularmente na provincia do Rio de Janeiro, em relação com a independencia e integridade do imperio, por MANOEL JOAQUIM DE MENEZES. 1 vol. brochado. 1 $ 000

MANIFESTO DO G. O.·. B.· a todos os GG. . OO.· GG.·. LL.· LL. . RR. e MM.· de todo o mundo. 1 vol. in-8 brochado.. 320

MANUAL DO PAROCHO, pelo conego doutor J. C. Fernandes Pinheiro. 1 vol. .. 2 $ 000

Esta importante obra contêm as materias seguintes : Da origem dos parochos, e de sua instituição e inamovibilidade. — Da erecção, divisão e suppressão das parochias. — Do provimento das parochias. — Dos coadjutores dos parochos. — Do direito de baptisar, de confessar, administrar a Eucharistia, e os sacramentos do Matrimonio e da Extrema Unção. — Dos direitos funerarios. — Das funcções parochiaes. — Da obrigação da residencia. — Da celebração da missa *pro populo*. — Da obrigação de prégar, etc. — Dos direitos e deveres civis dos parochos.

PEQUENO PANORAMA, ou Descripção dos principaes edificios da cidade do Rio de Janeiro, por Moreira de Azevedo. 2 vol. . . . . 4 $ 000

RETRATO de S. M. o imperador Napoleão III. . . . 500
- **de S. M. a imperatriz Eugenia.** 500
- **de S. M. a rainha Estephania.** . . 500
- **de Camões.** 500
- **do conde de Cavour.** 500
- **de Garibaldi** 500
- **de Béranger.** . . 500
- **de De Lamartine.** 500
- **de Chateaubriand.** . . . 500
- **de frei Francisco de Mont'Alverne.** 500
- **de frei Francisco de S. Carlos.** 500
- **de Antonio Carlos de Andrade.** 500
- **de Humboldt.** 500
- **do barão de Ayuruoca.** 500
- **de Maria Antonieta.** 500
- **de Mme de Sévigné.** . 500
- **de Maria Stuart.** . 500

OBRAS NO PRÉLO

DIREITO CIVIL ECCLESIASTICO BRASILEIRO, antigo e moderno, em su relações com o direito canonico e legislação actual, ou collecção completa chr nologicamente disposta desde a primeira dynastia portugueza até o present comprehendendo, além do sacrosanto Concilio de Trento, Concordatas, Bulla Breves, Leis, Alvarás e Decretos, Provisões, Assentos e Decisões, tanto do Gover como da antiga Mesa da Consciencia e Ordens, e da Relação Metropolitana Imperio, relativas ao direito publico da Igreja, á sua jurisdicção e disciplina, administração temporal das Cathedraes e Parochias, ás Corporações religiosas, a Seminarios, Confrarias, Cabidos, Missões, etc., etc.; a que se addicionão not historicas e explicativas indicando a legislação actualmente em vigor, e que ho constitue a jurisprudencia civil ecclesiastica do Brasil, por Candido Mendes Almeida. 2 vol. in-4 encadernados.

A simples lectura do titulo d'esta obra demonstra logo a sua utilidade, e a falta que já fazia sentir entre nós de um trabalho nestas condições.

A presente obra é não sómente util ao clero, mas a todos os que se dedicão ao estudo jurisprudencia, com particularidade á juventude academica, que tem de frequentar o curso, direito ecclesiastico, em suas relações com a administração temporal do paiz.

Ninguem desconhece que grande parte d'essa legislação, se não se acha inedita, não está co venientemente collecionada, dando insano trabalho a investigação de qualquer lei ou av ácerca de taes materias em obras que difficilmente se encontrão, e que nem todos podem pe suir.

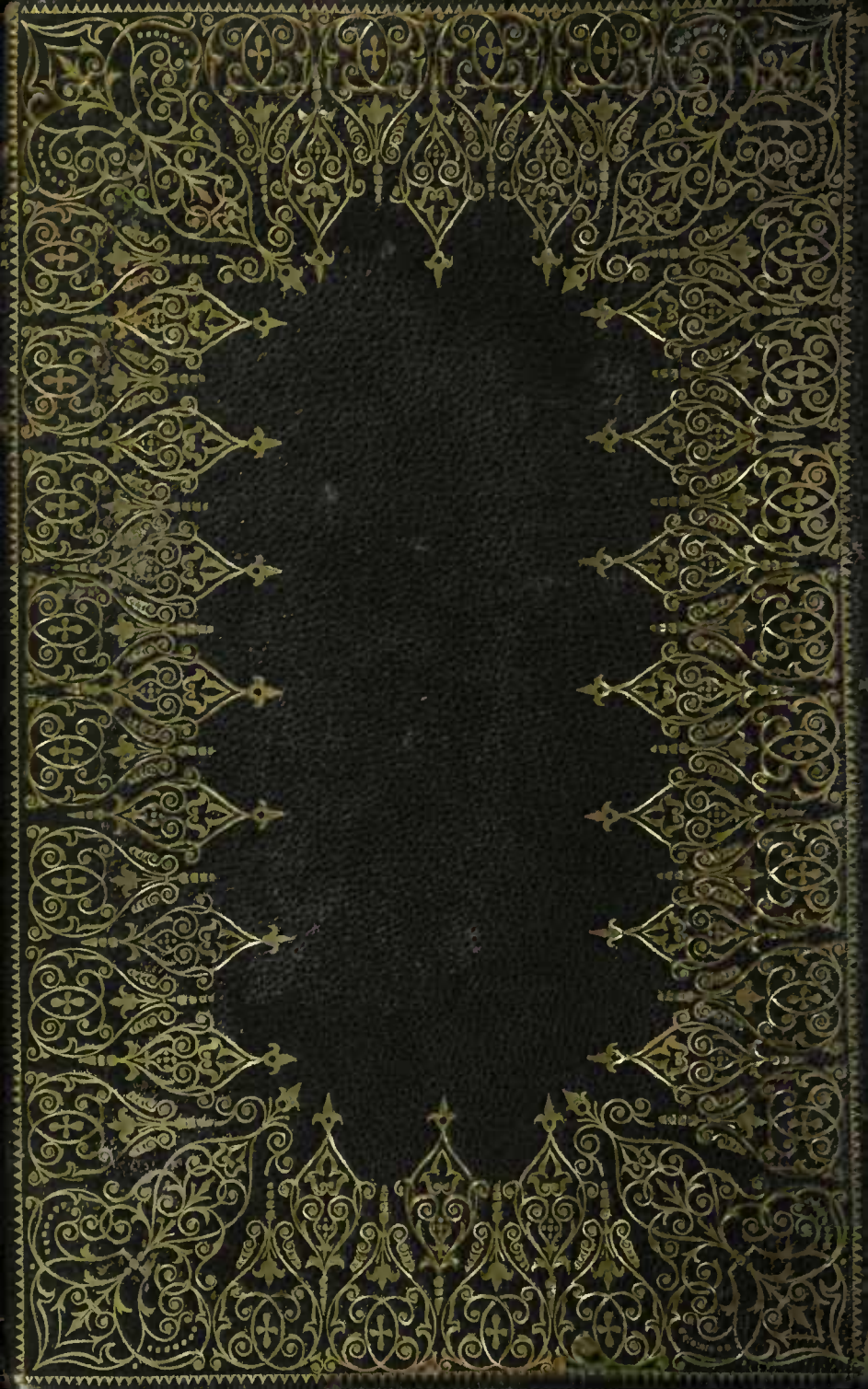
Reunir estes documentos com outros provenientes da autoridade espiritual no corpo uma obra de facil acquisição e consulta, é um beneficio real feito ás classes a que é priv vamente destinada, maxime com as annotações com que será enriquecida.

RECOPILAÇÃO DOS SUCCESSOS PRINCIPAES DA HISTORIA SAGRAD em verso, pelo Beneficiado Domingos Caldas Barbosa, nova edição correcta, e au mentada com a biographia do autor pelo conego Dr. J. C. Fernandes Pinheu e illustrada de finissimas gravuras. 1 vol.

Incontestavel é a vantagem da poesia para gravar na memoria o que desejamos saber; e é isso que erão antigamente escriptas em verso as leis. Partindo d'este principio, pensamos approvada pela animação publica será a ideia que tivemos de rogar ao Sr. conego doutor J. Fernandes Pinheiro que se dignasse de rever o opusculo outr'ora publicado por um doute clesiastico fluminense, que com amena linguagem, e com o soccorro da rima, buscou burila tenra memoria da infancia os principaes successos da historia sagrada. Para complemento nosso projecto, illustrámos a presente edição com finissimas gravuras, feitas em França, que fa aos olhos, ajudando a boa comprehensão do objecto o emprego das imagens sensiveis.

LENDAS PENINSULARES, por José de Torres. 2 vol. in-8 encaderu. 5 $ (

PARIS. — TYP. DE SIMON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.



Brasiliana USP

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliana@usp.br).